

Afirmativa

plural

ANO II - Nº 10 - AFROBRAS / UNIPALMARES



Daiane dos Santos
ginasta

Nós
podemos!

Chegou a Super Poupança Itaú.

Faça já a sua, porque dinheiro não dá em árvore.

Modalidade de investimento em renda fixa que consiste em um contrato de depósito a prazo com rendimentos mensais.





Super Poupança Itaú.
Um investimento
superseguro e supersim-
ples, que você faz e
acompanha com toda
a superconveniência do
Itaú: Itaú Bankline Internet,
Caixas Eletrônicos Itaú
e Itaú Bankfone.

Na Super Poupança Itaú
você sabe antes qual é
a rentabilidade da sua
aplicação e fica
supertranquilo.

www.itau.com.br

Itaú Bankfone: 4004 4828
(capitais e regiões
metropolitanas)
e 0800 11 8944 (outras
localidades).

**Super Poupança Itaú
não é poupança.
É Super Poupança.**

60 Itaú
feito
para
você



É com grata satisfação que acusamos o
recebimento da publicação supramencionada, que me-
receu de nossa parte especial atenção.

Parabenizo-os, pelo trabalho realizado, agradecendo o envio da publicação
e informando-os que a estamos incluindo em nossa biblioteca.

Sem mais para o momento, despedimo-nos, rogando ao Grande Arquiteto do Universo
que os ilumine e guarde para todo sempre.

*Cláudio Roque Buono Ferreira
Grande Oriente de São Paulo
Grão-Mestre Estadual*



Vimos, através desta, agradecer o envio da revista Afirmativa. É muito bom receber um material de tal
importância.

*Anelise Botelho
Presidenta do CECF/SP
Conselho Estadual da Condíção Feminina*



Agradeço a gentileza do envio do exemplar nº 9 da Revista Afirmativa-Plural. Parabéns pela iniciativa, organi-
zadores e colaboradores. Contínuo êxito atividades.

*Antônio Salim Curiati
Deputado Estadual/SP*



Informação, diversidade, respeito à inteligência do leitor, qualidade gráfica e compromisso com a
cidadania, com os direitos humanos. Tudo isso junto só pode resultar numa leitura agradá-
vel. Parabéns a toda equipe que produz a Revista Afirmativa Plural.

*Ítalo Cardoso
Deputado Estadual PT/SP
Presidente da Comissão de Direitos Humanos da
Assembleia Legislativa de São Paulo.*

artas

Mês da Consciência Negra: momento de reflexão e de comemoração

Recente estudo divulgado pelo IPEA revela que o abismo salarial que separa negros e brancos no Brasil tem diminuído. Mas essa diferença ainda é de 90% (em 2002), ante os 130% registrados há 15 anos, para a média dos rendimentos de um trabalhador branco, de 48 e 50 anos. Entre os trabalhadores da faixa etária de 24 a 26 anos, o percentual ficou menor: 62% (1990) e 55% (2002). Esses números demonstram uma redução da desigualdade racial entre os brasileiros

mostrando o caminho para a verdadeira inclusão social”, diz José Luiz Rodrigues Bueno, Diretor Departamental de Recursos Humanos do Bradesco, instituição que assinou, neste mês, convênio com a Unipalmares e contratou 30 jovens alunos em um projeto especial de estágio, juntando-se ao Itaú – primeiro banco a participar desse programa. Também está chegando, na Unipalmares, o Citibank. E, nesta edição, mostramos os projetos dessas instituições em parceria com a Unipalmares.

separados pela cor ou raça, em quase todos os grupos etários analisados de 21 a 65 anos.

Os pesquisadores levantaram a hipótese para essa mudança no quadro estatístico: um melhor acesso às escolas. Isso mostra que o lema que sempre defendeu a Afrobras: “Sem Educação não há Liberdade” está mais do que correto e, por isso, a criação da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares (Unipalmares), que vai além da formação acadêmica.

“A Unipalmares tomou ações efetivas na medida em que criou um programa de estagiários e prepara os alunos para competir no mercado de trabalho. Ela está estimulando e

Mas neste Mês da Consciência Negra, temos o nosso evento maior – Troféu Raça Negra 2005, muito bem traduzido pela cantora Sandra de Sá: “o troféu é como se fosse um carimbo nos nossos passos, na nossa consciência. É um reconhecimento de dentro para fora e isso é muito importante. Estamos assinando embaixo da nossa força, do nosso poder, da nossa consciência; é esse o carimbo, é essa assinatura.” E nossa capa traz a nossa querida ginasta Daiane dos Santos, que é patrocinada pela Brasil Telecom.

Boa festa.

Francisca Rodrigues
Editora

ditorial

| | |
|---|-----|
| Entrevista Especial | |
| Waldemar Zveiter..... | 6 |
| Cidadania | |
| Cidadania, o lugar dos afro-brasileiros - Miguel Jorge..... | 9 |
| Dia Nacional da Afirmiação da Consciência Negra - Sandra Lia Simón..... | 11 |
| Esperança e Justiça | 14 |
| Comportamento | |
| Olimpíadas da Terceira Idade - D. Lu Alckmin | 16 |
| A guerra de nossos dias ou a guerra de todo o dia - Marco Aurélio Mello..... | 18 |
| Em cena, a Negritude Brasileira - Maria Célia Malaquias | 21 |
| Política | |
| Igualdade, objetivo comum - Geraldo Alckmin..... | 24 |
| 20 de Novembro, ações práticas da Prefeitura - José Serra..... | 26 |
| Refundar o Estado - Luiz Flávio D'Urso..... | 28 |
| Dia Nacional da Consciência Negra: conquistas e desafios - Marta Suplicy | 30 |
| Perfil | |
| A rebeldia que deu certo..... | 32 |
| Responsabilidade Social | |
| Educação, Instrumento contra a desigualdade - Milú Villela..... | 34 |
| Diversidade: um valor a ser cultivado pelas pessoas - Oded Grajew | 36 |
| Negros em Foco | |
| Attitude é fundamental..... | 39 |
| Um ano no ar..... | 42 |
| Cultura | |
| Agenda Cultural | 44 |
| Adeus à invisibilidade - Lúcia Araújo..... | 48 |
| Gente de Raça..... | 50 |
| Berço da cultura negra moderna... Berço das desigualdades raciais e sociais - Maurício Pestana..... | 54 |
| Mercado de Trabalho | |
| Parceria entre Zumbi e Itaú forma Executivo Jr | 70 |
| Bradesco cria projeto de inclusão para alunos da Zumbi..... | 72 |
| Citibank: mais um parceiro da Zumbi na luta pela diversidade..... | 74 |
| Capa | |
| Nós podemos! | |
| Educação em primeiro lugar | 56 |
| A força da Música Preta Brasileira | 61 |
| Mostrando nosso valor a cada momento | 63 |
| O negro, a educação e a cidadania - Ubirajara Tadeu da Cruz..... | 76 |
| Empreendedorismo | |
| Simplicidade e competência como sinônimos de sucesso | 80 |
| Opinião | |
| Os 15 anos do ECA ou o gol que a sociedade ainda não marcou - Rosenildo Gomes Ferreira | 82 |
| Economia | |
| Consciência nacional de justiça e solidariedade - Paulo Skaf | 84 |
| O desafio de melhorar o ambiente de negócios - Arthur Vasconcellos Filho..... | 86 |
| Todos os nossos dias de consciência - Abram Szajman | 88 |
| Antes de transpor é preciso redistribuir - Paulo Souto..... | 90 |
| Educação | |
| Uma visão sistêmica da educação - Fernando Haddad | 94 |
| A chocante falta de professores no ensino médio - Antônio Ermírio de Moraes | 96 |
| Ações afirmativas inteligentes - Paulo Renato Souza | 98 |
| Reforma universitária e inclusão social - José Tadeu Jorge | 100 |
| Ações afirmativas na Universidade do estado do Rio de Janeiro - Nival de Almeida e Márcia Sá | 102 |
| Unipalmares recebe Moçambique - Cristina Jorge | 104 |
| Na Zumbi | |
| Inaugurada Rádio Zumba | 105 |
| Alunos bolsistas dão retorno à sociedade | 108 |
| Troféu | |
| Troféu Raça Negra 2005 | 110 |
| Valeu, Rosa Parks! | 115 |
| Palavra do presidente | |
| Nós podemos - José Vicente | 118 |

Índice



1 - Zulmira Felicio, 2 - Telma Alves, 3 - Demetrius Trindade,
4 - Francisca Rodrigues, 5 - Viviane Souza

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural e da Universidade Zumbi dos Palmares - Faculdade de Administração, com periodicidade bimestral. Ano 2, Número 10 - Rua Marquês de Itu, no 70 - 5º andar - Vila Buarque - São Paulo /SP - Brasil - CEP 01223-000 - Tel. (55-11) 3256.4562 - 3256.6545

Conselho Editorial: José Vicente, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Francisca Rodrigues, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Francisco Canindé Pegado do Nascimento, Jardas Vargas Nascimento, Humberto Adamini, Felice Cardinali, Sônia Guimarães.

Direção Editorial e de Redação: Jornalista Francisca Rodrigues (MTb. 14.845 - francisca@afrobras.org.br); **Redação e Publicidade:** MaxImagem Assessoria em Comunicação (mim@maximagemmidia.com.br) - Tel. (11) 3255-9351.

Jornalistas: Zulmira Felicio (zulmira.felicio@globo.com - MTb. 11.3116), Telma Regina Alves (telma@afrobras.org.br - MTb. 14.943), Viviane Souza (viviane@afrobras.org.br - MTb. 40.744), Daniela Gomes (Daniela_afrobras@yahoo.com.br - MTb. 43.168), Demetrios Trindade (demetrios@afrobras.org.br - MTb. 30.177) - **Fotografia:** J.C.Santos, Cintia Sanchez, Miro Ferreira e divulgação. Colaborador Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br), Maurício Pestana (pestana@mauriciopestana.com.br) e Rosenildo Gomes Ferreira (rosenildoferreira@revistadinhario.com.br). **Capa:** Daiane dos Santos, patrocinada pela Brasil Telecom.

Editoração, CTP, Impressão e Acabamento: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

A revista Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras. A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.

Alunos desmotivados têm um problema pior do que nota baixa: a baixa auto-estima. O Programa Coca-Cola de Valorização do Jovem, o PCCVJ, entendeu que dar responsabilidade a esses alunos, transformando-os em monitores de séries menores, poderia ser uma ótima lição. A idéia era combater a evasão escolar. E deu certo: os 15.700 alunos que já foram beneficiados pelo programa nos 8 estados participantes melhoraram seus desempenhos e passaram a se respeitar – uma verdadeira inclusão social. A evasão escolar média das 38 escolas integrantes do PCCVJ é 2,1%; a média nacional é 5%. É muito bom que alunos possam ensinar – e aprender – que nada substitui a auto-estima.



AUTO-ESTIMA. QUE MATERIA
MELHOR UMA ESCOLA
PODERIA ENSINAR?



Kimberly Lutza, estudante que
participa do Programa
Coca-Cola de Valorização do Jovem.

Coca-Cola
BRASIL
Com você, por um País melhor.

Em defesa da igualdade

Conhecido por sua atuação pública no Superior Tribunal de Justiça (STJ), e por sua luta em favor da eqüidade de direitos, Waldemar Zveiter, Comendador da Afrobras, aos 73 anos, atua pela terceira vez como grão-mestre da Grande Loja Maçônica do Rio de Janeiro, e fala à Afirmativa sobre seu empenho na luta por uma sociedade mais justa



Waldemar Zweiter

Afirmativa – A luta pela igualdade entre os seres humanos sempre fez parte da sua vida?

Waldemar Zveiter - Sempre foi uma preocupação e uma atividade que eu exercei paralelamente à atividade profissional e também em outros campos de atuação. Eu fui praticamente o primeiro presidente da Ordem dos Advogados durante o período em que vivemos em um regime ditatorial e ali nós mantínhamos também esse desejo de lutar sempre pela igualdade contra qualquer tipo de discriminação.

Afirmativa – Como surgiu essa questão de participar na luta em favor dos direitos do afro-descendente?

Zveiter – Foi pela discriminação em si. Como a minha formação é extremamente liberal, meu pai sempre foi um homem que teve posições de destaque e, por ser fiel a algumas idéias, passou também por muito sofrimento. Vendo o exemplo dos meus pais, as pessoas que trabalharam junto conosco sempre foram tratadas na nossa casa com grande respeito, como colaboradores, como irmãos, sem nenhum tipo de discriminação. Isso eu aprendi desde criança, respeitando a posição deles e a dignidade, e eles respondiam na mesma dignidade a todos nós.

Afirmativa – Na história do Brasil, qual o papel da maçonaria na luta abolicionista?

Zveiter - A maçonaria sempre foi uma entidade libertária que lutou pela igualdade de direitos, e no Brasil principalmente com relação à extinção do regime escravagista. Ela representou um papel extraordinário porque foi a primeira entidade que realizou um trabalho integrado em prol da liberdade dos escravos no Brasil. Eu tenho aqui, na grande loja maçônica do estado do Rio de Janeiro, a qual eu me honro de estar pela terceira vez como grão-mestre, algumas lojas centenárias, com coisas muito lindas. Temos lojas, por exemplo, cujos irmãos iam a Campos (Campos dos Goitacases,

região norte do Estado) e compravam os escravos com o único objetivo de levá-los para Macaé e libertá-los. Isso consta das atas. Teve um outro fato interessante em Niterói, que era a capital do antigo estado do Rio de Janeiro: em uma das nossas lojas mais antigas, a loja Vigilância, há atas que narram visita feita pela Princesa Isabel. A maçonaria deve ter imaginado fazer uma libertação progressiva dos escravos e não como ocorreu. Pois, na verdade, todos continuaram trabalhando como escravos nas propriedades porque a massa de seres humanos era tão grande que eles não tinham como ser absorvidos pelo mercado de trabalho. Se os negros já estivessem capacitados para poder estabelecer, não apenas a liberdade teórica, mas a liberdade de fato, de igualdade e de oportunidades, teriam condições para poder ascender na sociedade brasileira.

Afirmativa – Com toda essa sua experiência de vida e de luta, como o sr. vê um projeto de diversidade como o da Zumbi dos Palmares para o país?

Zveiter – É como se fosse o primeiro grito da consciência negra brasileira. A existência de um curso superior, e do nível que é o da Zumbi dos Palmares, pela primeira vez instalada no Brasil, é uma alegria para todos aqueles que lutam pela igualdade entre os seres humanos.

Afirmativa – O senhor acreditava que esse é um projeto que teria espaço no restante do país, não só em São Paulo?

Zveiter – Eu acho que, com o exemplo de São Paulo, isso poderá se espalhar. Provavelmente nós não teremos isso em todos os estados brasileiros, pois, existem estados menores com menos condições de desenvolvimento, que eu acredito teriam mais dificuldades. O centro irradiador que foi sempre São Paulo em todas as atividades, agora nessa cultural também, não tenha dúvida de que vai repercutir e gerar frutos pelo menos nos estados maiores.

Afirmativa – O que o senhor sentiu ao receber a medalha do Mérito Cívico Afro-brasileiro da Afrobbras?

Zveiter – Eu me senti profundamente honrado, por duas razões. A primeira delas é porque ser condecorado pela entidade que eu tive oportunidade de conhecer desde um primeiro momento representava um ato concreto de reconhecimento pelo modesto trabalho que eu tenho realizado em prol da igualdade; e a outra razão foi constatar que, por graça de todos nós que trabalhamos pela igualdade, podemos ver a primeira universidade criada no Brasil, não só para os negros. Foi criada por negros, para dotar de ensino superior os brancos e os negros que procuraram a universidade. Para mim, foi um momento de grande deleite intelectual e espiritual.

Afirmativa – Na loja que o senhor preside, no Rio de Janeiro, quantos negros há, em média?

Zveiter – Essas lojas devem representar o extrato da sociedade com todas as pessoas que a integram. Nós temos na alta administração irmãos que trabalham comigo dirigindo a Grande, e quase a metade dos irmãos são negros e ocupam cargos de destaque. São professores universitários, profissionais liberais e comerciantes que são maçons antigos e se dedicam à maçonaria com muito empenho. Lembro-me que quando fiz referência a essa questão de nós ingressarmos em um processo, movimentando os advogados maçons para que tomássemos medidas e ações contra bancos nacionais que discriminam tremendamente no ato de contratação os nossos irmãos afro-descendentes. Um dos irmãos negros na seção em que eu propus isso pediu a palavra porque ele estava deslumbrado porque nós, como maçons, estávamos nos posicionando e tomado uma decisão histórica na maçonaria, mais uma vez.

Cidadania, o lugar dos afro-brasileiros

Por: Miguel Jorge, Jornalista, é Vice-Presidente de Recursos Humanos e Assuntos Corporativos e Jurídicos do Santander Banespa

País de estrutura social complexa, abalado por desigualdades e injustiças, o Brasil miscigenôico festeja no dia 20 de novembro o Dia da Consciência Negra tentando lançar um olhar mais atento sobre o fato mais importante da sua identidade: a presença do negro como fator de diversidade, aglutinação e riqueza de sua sociedade. Para onde quer que olhe à procura de si mesmo, de suas raízes, história, cultura, os brasileiros brancos têm que encarar de frente o fato de que os afro-descendentes se inscrevem em suas vidas e na do País, não somente pelo perfil racial como pela sua contribuição em todas as áreas que forjaram o que somos hoje.

Em tudo aquilo que faz e em tudo aquilo que é, pouco importando o que queira ser, o negro é parte fundamental de sua realidade social e econômica, de suas raízes culturais, do exercício da sua liberdade criadora, da sua convivência humana. Mais confusa essa realidade se torna ainda quando sabemos que é exatamente do

cadinho racial de seu povo – afro-descendentes, japoneses, eslavos, italianos, portugueses, alemães, libaneses etc - que o Brasil tropical extraí a maravilhosa síntese da sua unidade como sociedade democrática e multiracial.

Contudo, paradoxalmente -, o autor dessas linhas, branco, mistura de italianos e libaneses - não ousa explicar uma tragédia: a de que os negros ou afro-brasileiros têm motivos mais que suficientes para se sentirem excluídos dessa sociedade ou em posição inferior em relação aos não-negros e até mesmo para duvidar daqueles que dizem que lutam por eles.

O que primeiro vem à mente é que, a cada momento eleitoral, seus votos são valiosos nas barganhas políticas. Temos a maior concentração de negros do planeta, perdendo somente para a Nigéria, o que mostra a importância do 20 de novembro na luta pela melhoria de vida dos negros. Mas, embora representem 48% da população brasileira, segundo dados do IBGE,

os negros - aqui, incluídos os pardos, mulatos e outros - são somente 1% dos que ocupam postos estratégicos no mercado de trabalho. Ganham, em média, a metade do que recebem os trabalhadores brancos e são as maiores vítimas da criminalidade e da violência.

Basta isso para mostrar que, se integração social, com oportunidades iguais, é requisito básico para o desenvolvimento, e se diversidade racial é um tesouro do qual deveríamos nos orgulhar, temos fracassado na tarefa de resgatar a população negra para a cidadania.

O Brasil nunca tratou a sério os anseios dos negros de mandar seus filhos à escola, para aprenderem a ler e a escrever. Ou de vê-los ocupando bons empregos, com salários dignos. De fazê-los se sentirem cidadãos por inteiro, em harmonia com a liberdade que o País oferece a outros segmentos da sua população.

Diz-se que o brasileiro não é racista, mas essa afirmação provoca imensas dúvidas

em qualquer observador razoavelmente atento. Nem se fale da surpresa de se ver um negro com curso superior, exercendo “profissão de doutor” e prosperando com o seu trabalho, e mais ainda de um negro com um MBA.

Quantos leitores já foram atendidos por um garçon negro num restaurante considerado “de classe”? Ou foi atendido por um recepcionista negro num hotel cinco estrelas?

As classes abastadas se surpreendem porque nunca conheceram e não têm a mínima ideia do que é ser negro, pobre e analfabeto num País no qual as oportunidades de trabalho cada vez se fecham para quem não tem uma boa educação - e nosso sistema educacional privilegia, sobretudo, os filhos de famílias, no mínimo, da classe média e branca.

O que não surpreende é um negro trabalhar como carregador de malas no aeroporto ou como motorista de táxi por que abandonou os estudos por problemas financeiros que o obrigaram a sustentar sua família mesmo com empregos de menor remuneração.

Dados do IBGE mostram ainda que, independentemente dos níveis de escolaridade, as taxas de desemprego em nossas grandes metrópoles são sempre maiores entre negros (pretos e pardos) do que entre os não-negros (brancos e amarelos). No trabalho, estudo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos - Dieese mostra que os negros têm salários mais baixos, ocupam cargos mais vulneráveis e passam mais tempo procurando emprego do que os não-negros.

Mais vulneráveis, segundo os especialistas, são os cargos piores, na maioria autônomos, os empregados domésticos - o percentual de negros que se enquadram nessas ocupações é bem maior do que a dos não-negros.

A causa provável disso não é apenas um eventual preconceito racial, mas também porque permanecemos um século de olhos fechados e ouvidos moucos para esse segmento mais pobre da sua população - nossa herança escravagista



Miguel Jorge

se eternizou no tempo, e hoje, apenas se transforma.

Na saúde pública, o cenário é também lamentável, como indica o aumento dos casos de Aids entre a população negra, sobretudo a feminina - e sempre por razões de ordem econômica, como deverá ser enfatizado na próxima campanha do Sai da Luta contra a Aids.

Mas o mais irônico em tudo isso é que os negros brasileiros nunca reivindicaram a proteção dos governantes de turno, nem programas que os colocassem sob a égide do Estado, nem políticas públicas eficazes que criassem mais empregos, boas escolas e assistência médica, etc, com justa distribuição de renda e oportunidades. Não

cobraram isso nem dos políticos negros que elegeram para cargos legislativos nos Estados e no Congresso Nacional.

Qualquer análise isenta da vida brasileira leva, portanto, à triste conclusão de que não atingimos esses objetivos e que, ontem e hoje, como afirma a pesquisadora Olívia Santana, da Universidade Federal da Bahia, “os negros continuam filhos bastardos de uma pátria-mãe pouco gentil”. Que o Dia da Consciência Negra assinale o passo inicial para, imanados, governo federal, Congresso, governos estaduais e prefeituras, sociedade, ONGs, sindicatos de trabalhadores e de empresários, atenuarem a situação deprimente do negro no País.

O Estado de São Paulo 19/10/2005

IA NACIONAL DA AFIRMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

*Por: Sandra Lia Simón,
Procuradora-Geral do Ministério
Público Federal do Trabalho*

Todos os homens e todas as mulheres, de qualquer raça, têm direito ao trabalho, a livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e a proteção contra o desemprego. Todos os homens e todas

as mulheres, de qualquer raça, têm direito à igual remuneração por igual trabalho. A uma remuneração justa e satisfatória que lhe assegure assim, como a sua família, uma existência compatível com a dignidade humana

(releitura do Artigo XXIII da

Declaração Universal dos Direitos dos Homens, ONU/1948).

Os Direitos Fundamentais dos Homens são debatidos desde os primórdios do pensamento filosófico clássico. Vir a Ser, com plenitude é a luta desenvolvida ao longo destes séculos pelo dominando frente a seus dominadores, pelos menos favorecidos, frente aos mais ricos.

Imaginar-se melhor que outro ser humano em razão da cor de sua pele, da origem de seu nome de família, do

local de seu nascimento, ou de sua condição financeira, talvez seja a raiz de todas as dores que os seres humanos enfrentaram e continuam a enfrentar: guerras fratricidas, perseguições religiosas, raciais, toda espécie de luta, que impede o desenvolvimento da humanidade e justifica subjugar um semelhante.

De toda a luta, seja no campo de idéias, seja no campo de batalha, do embate entre as grandes ideologias (liberalismo e socialismo, por exemplo), restou a síntese do final do século XX: a idéia da solidariedade, ou da fraternidade, como pregavam os revolucionários de 1789.

No Brasil estas desigualdades são enormes e remontam à época do descobrimento. A luta pela igualdade racial tem enorme destaque.

Historiadores informam que em 1585 já havia registro da existência de Palmares. Em 20 de novembro de 1665, o mais importante líder da luta pela liberdade – Zumbi dos Palmares – foi cruelmente assassinado. A ele sucederam-se milhares de outras figuras significativas desta história, sem, entretanto, conseguirmos atingir a sonhada igualdade social.

Este novo século, não pode ser palco de estórias repetidas. A evolução da



Sandra Lía Simón

humanidade, a humanização da sociedade, que se efetiva, dentre outros, por intermédio dos meios de comunicação, tende a expor mais os abusos e explorações de forma a tornar inadmissível para o consenso mundial o sofrimento de um igual para a felicidade de outro semelhante.

É dentro de uma ótica de “mundialização positiva” (será que agora a classe trabalhadora será verdadeiramente universal?) que os organismos internacionais, como a Organização Internacional do Trabalho, ou a Organização das Nações Unidas, vêm trabalhando em prol do avanço dos

direitos locais (das Nações consideradas individualmente), fazendo com que as Convenções e Tratados ratificados pelos países membros tenham o condão de alterar as legislações locais fazendo-as evoluir em direção a uma legislação universal sintonizada com o respeito aos Direitos Humanos Fundamentais.

Mas, para que estas idéias – leis – deixem de ser folha morta e se transformem em realidade prática há a necessidade de percorrer-se um longo caminho: fiscalização, medidas educativas, políticas públicas de amparo, educação, até imposição de sanções

aos transgressores. Dentro deste cenário o Ministério Público do Trabalho surge com a missão constitucional de defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis. Compreende, assim, um número muito grande de atividades. Com relação à questão da discriminação em virtude da raça, especialmente, o MPT vem sustentado concretamente o princípio constitucional de repúdio ao racismo, investigando denúncias ou notícias de tratamento desigual de trabalhadores negros, destacando-se como principais situações investigadas aquelas que obstaculizam a admissão do trabalhador em razão de preconceito de raça e as que obstaculizam a promoção e o reconhecimento de qualificação dos trabalhadores negros a salários iguais aos pagos aos brancos. Além, obviamente, da demissão por preconceito racial.

O MPT busca promover o ajustamento da conduta do empregador, tomado-lhe o compromisso de não mais praticar a discriminação, uma vez que este tipo de atitude constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão (inciso XLII, art. 5º, Lei 9.029/95).

Importante audiência pública foi realizada pelo MPT, em Salvador, para conscientizar donos de hotéis, lojas de shoppings e restaurantes sobre a necessidade de contratação de negros e negras em cargos de maior visibilidade.

Com o fim específico de combate às desigualdades no trabalho, o MPT

“ Com o fim específico de combate às desigualdades no trabalho, o MPT criou em 2002 a Coordenadoria Nacional de Promoção da Igualdade de Oportunidades e Eliminação da Discriminação no Trabalho / COORDIGUALDADE, atuando em rede, em cada Procuradoria Regional ”

criou em 2002 a Coordenadoria Nacional de Promoção da Igualdade de Oportunidades e Eliminação da Discriminação no Trabalho / COORDIGUALDADE, atuando em rede, com representação em cada Procuradoria Regional e em conjunto com organizações governamentais e não governamentais.

Nesse ano de 2005, após realização de pesquisa, focada no setor bancário e financeiro, no âmbito do Distrito Federal, também voltada para a identificação de fatores de discriminação no ingresso, promoção e contratação, foi identificado um quadro discriminatório relevante em relação à proporção negros/mulheres/brancos, ensejando a ação corretiva, do Ministério Público do Trabalho, em 05 (cinco) grandes instituições financeiras, com a propositura de ações civis públicas, na Justiça do Trabalho.

A atuação ministerial, coordenada e harmônica, consubstancia-se no “Programa de Promoção de Igualdade de Oportunidades para To-

dos”, que já está sendo expandido para todo o território nacional e que viabiliza a possibilidade concreta de assinatura de TAC’s (termos de ajustamento de conduta) e a propositura de outras ações civis públicas, por meio das quais será pleiteado o provimento jurisdicional impositivo de observância do princípio da igualdade. Ademais, referido Programa servirá de paradigma para outras áreas, além da bancária e financeira, demonstrando o empenho do Ministério Público do Trabalho no combate à discriminação.

O dia 20 de novembro, dia nacional da afirmação da consciência negra e da luta pelos ideais de liberdade e igualdade é, portanto, um dia emblemático de nosso calendário. Nos chama à reflexão para que façamos uma análise de qual é nossa atuação real e efetiva para que possamos, cada um dentro das suas atribuições, lutar pela valorização do ser humano e de seu direito à dignidade plena em todos os setores da vida social.

sperança e Justiça



Jonas Santana, pai de Flávio Santana

Durante um ano e oito meses, a família Ferreira Santana lutou para fazer justiça à morte de seu filho Flávio, assassinado à queima-roupa por policiais, no dia 3 de fevereiro de 2004. No último dia 17 de outubro, a esperança chegou ao fim. Enquanto manifestantes realizavam vigílias em frente ao fórum, três, dos sete acusados do homicídio, foram condenados a 17 e

Policiais acusados do assassinato do dentista Flávio Santana são condenados à prisão

sete anos de prisão, respectivamente. Com essa condenação, este se torna um dos casos mais significativos de julgamentos de policiais envolvidos em crimes.

Segundo a assessora do caso, Andréia Marques, os advogados de defesa não pretendem recorrer à sentença, pois correriam o risco de ter seus clientes acusados por crime hediondo. Mesmo assim, ainda podem ter sua pena reduzida em um terço.

Para Marinela Santana, irmã do dentista, o resultado do julgamento foi positivo, pois chegou muito perto do que a família desejava. “Meu pai gostaria que a pena fosse de 20 anos, chegamos a 17, foi muito pró-

ximo”. Marinela afirma que a divulgação da imprensa, e o apoio moral que receberam de ministros e personalidades do mundo inteiro, foram cruciais para que o veredito fosse favorável. “Ficou provado que o assassinato foi um caso de racismo. No depoimento, um dos policiais disse que atirou no Flávio porque ele era preto (sic).”

Todo sofrimento da família Santana acabou servindo de motivação para auxiliar outras pessoas que foram vítimas de violência policial. A família criou em Osasco o Instituto Flávio Santana e a ONG Afro Vida e tem obtido resultados positivos na luta contra a discriminação.

Competência Reconhecida

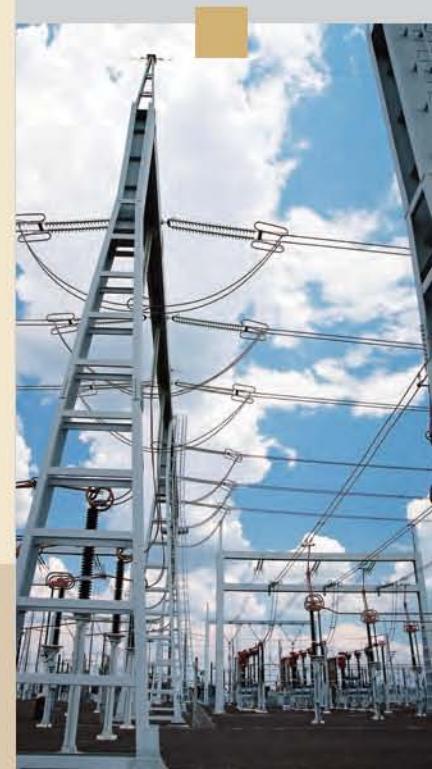
A **Transmissão Paulista** opera e mantém 103 subestações e mais de 11,8 mil quilômetros de linhas de transmissão de energia elétrica.

Os circuitos de transmissão que formam esse complexo eletroenergético, coordenado e supervisionado por quatro centros de operação que trabalham em tempo real, 24 horas por dia, ultrapassam 18 mil quilômetros. Tudo isso para que a eletricidade produzida pelas concessionárias de geração chegue com qualidade e confiabilidade até as distribuidoras que atendem todo o Estado de São Paulo, onde se concentra 25% do PIB Nacional.

Buscando a excelência na prestação do serviço de transmissão de energia elétrica e o reconhecimento de seus clientes, acionistas e sociedade, a **Transmissão Paulista** agregou à sua história de sucesso o pioneirismo da certificação no padrão internacional do seu Centro de Operação do Sistema, primeiro a obter o certificado ISO na América Latina.

A decisão de certificar o sistema de gestão da qualidade fez com que se priorizassem, com base na cadeia produtiva, os processos considerados estratégicos: primeiramente a operação do sistema elétrico e posteriormente inspeção de linhas aéreas de transmissão, programação de serviços de manutenção e cadastramento e avaliação de fornecedores.

Para a **Transmissão Paulista** as certificações representam o reconhecimento de sua competência e o compromisso de melhorar continuamente os processos de trabalho e o atendimento aos clientes E sociedade, valorizar os empregados e elevar seu desempenho global.



Olimpíadas da Terceira Idade

Por: Maria Lúcia Alckmin - Presidente do Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo

Em muitos lugares no mundo, a expectativa de vida média da população aumenta de forma significativa. No Estado de São Paulo e no Brasil isto também ocorre. A população em geral está vivendo mais. Hoje, é comum homens e mulheres na faixa dos setenta ou oitenta anos de idade desempenharem com vigor e tranquilidade responsabilidades familiares e profissionais. Em nosso País, por exemplo, a expectativa média de vida ao nascer, em 1950, era de 54 anos. Meio século depois, em 2000, passou para 74 anos de vida média. A estimativa é que em 2050, as pessoas cheguem perto dos 100 anos de idade. É preciso ter um olhar de respeito, de compreensão para com essas pessoas que têm uma história e experiência

que valem muito. Eles, que lutaram e se esforçaram para nos educar com dignidade, hoje merecem esta contrapartida de nossa parte. Ou seja, cada vez mais a "terceira", ou "melhor idade", ocupa o seu espaço e exige a nossa atenção e o nosso carinho. Afinal, envelhecer é recolher sabedoria, é selecionar experiências e transmitir ensinamentos.

O idoso, muitas vezes abandonado, tem carência de muita coisa. O recurso financeiro sozinho não resolve o problema. É preciso presença. E todos nós podemos fazer isso. Basta doar um pouco de tempo, de alegria, de conhecimento.

Estes são alguns dos princípios sob os quais devemos entender a terceira idade. À sociedade cumpre atentar

para que esses direitos sejam respeitados e aos governantes, cabem ações que promovam a integração ao meio social e a conscientização da sociedade para a nova realidade que se cria com o aumento da expectativa de vida.

Todas essas reflexões e conceitos integram os programas e ações do Fundo Social de Solidariedade. Na capital, na sede do Fundo Social, o Núcleo de Atenção ao Idoso desenvolve um amplo trabalho proporcionando cultura, lazer, esportes e informação às pessoas da Terceira Idade. Ao total são 25 modalidades de atividades gratuitas, das quais 12 contam com a parceria da Secretaria da Cultura, 3 com parceiros da iniciativa privada e outras 10 com trabalhos de voluntários da comunidade. Somente na

Capital, em 2004, foram atendidos quase 5 mil idosos.

É neste sentido que os Jogos Regionais dos Idosos ocupam um lugar de destaque. Eles têm sido reconhecidos como um exemplo a ser seguido. É uma espécie de Olimpíada da Terceira Idade. Os atletas competem em 11 modalidades: coreografia, atletismo, natação, voleibol e dança de salão, além dos jogos de bocha, malha, buraco, dama, dominó e truco.

Cada etapa é realizada em três dias, a contar do dia de abertura. Os três primeiros classificados em cada modalidade garantem a vaga na etapa final. Há a entrega de troféus para os três primeiros colocados, mas independente da classificação, todos os participantes recebem medalhas. No ano passado, participaram cerca de 10 mil atletas de vários municípios, cujas presidentes de Fundos Municipais desenvolvem atividades junto à Terceira Idade. Neste ano está prevista a participação de 545 municípios. Neste ano já foram realizadas todas as etapas em várias regiões do Estado, e o encerramento será no próximo dia 25 de novembro, na Praia Grande.

Aliás, o encerramento dos Jogos é emocionante! Os idosos congratulam-se de uma forma contagiosa, entre si e com o público. Trocam endereços, abraços, risadas e lágrimas. Iniciam amizades, negócios, parcerias e até namoros. Ao invés de se entregarem à indiferença, abraçam a perspectiva de vida como uma segunda juventude. Em vez de se desligarem do mundo, engajam-se no dia-a-dia.

A prática esportiva, por si só, já é um fator de promoção de saúde e bem-



Maria Lúcia Alckmin

estar. E além disso, ao fazer parte de uma equipe, o indivíduo tem uma nova visão de si mesmo e resgata sua auto-estima, implementando o convívio social. Devido ao espírito fraterno e solidário que o esporte propicia, todos os participantes são vencedores. A integração e participação do cidadão idoso no processo social valorizam seu potencial e toda a sua experiência de vida, respeitando, acima de tudo, a dignidade do ser humano e o exercício da cidadania. Dessa forma, os Jogos Regionais dos

idosos valorizam a Terceira Idade, pessoas que ainda tem uma função na comunidade, pois repassam suas experiências e sabedoria de vida e nos transmitem valores que são permanentes. Pelo que foram no passado, pelo que são no presente e pelo que significam para o nosso futuro, eles são merecedores de nossa admiração, sobretudo pelas lições de vida, de generosidade e de alegria de viver que continuam a nos dar todos os dias. A esses grandes atletas, o nosso carinho e parabéns!

A guerra dos nossos dias

O
U

a guerra de todo o dia

Por: Marco Aurélio Mendes de Farias Mello, Ministro do Supremo Tribunal Federal

Há uma guerra acontecendo lá fora, noticiada diuturnamente, detalhe por detalhe, o que por vezes faz sofrer até as minúcias mais cruéis. As vítimas são milhares e, tão anônimas quanto desprotegidas, na maior parte dos casos não souberam ou não tiveram como reagir. Os arsenais não se ombreiam, dado o desnível e a desproporcionalidade que visivelmente os distanciam quer em se tratando de números, quer de

tecnologia, como se, às centenas de fuzis e metralhadoras de última geração, contrapusessem-se cacetetes, estilingues, paus e pedras. O massacre avança de tal sorte e freqüência assustadora que, ao passar do tempo, começamos a nos acostumar. Alguns já não enxergam com a mesma indignação a truculência dos métodos, a ignomínia dos propósitos, a covardia dos embustes. Golias parece definitivamente demolido por Davi.

Também, pudera! Golias encontrase velho e cansado, além de gordo, surdo, cego e esclerosado, enquanto Davi aproveitou a trégua para se reciclar – tomou aulas com “renomados mestres”, contratou especialistas, com os quais aprendeu novas técnicas de gerência, adquiriu os mais modernos armamentos, enfim, aperfeiçoou a inata liderança, pois compreendeu a tempo que a concorrência não está para brincadeira.

O leitor já percebeu, claro, que aqui não se está falando do combate digital, asséptico e com efeitos em tecnicolor, patrocinado pela superpotência. Cuida-se, isto sim, infeliz e surpreendentemente, da guerrilha engendrada pelo narcotráfico que invadiu as ruas do Brasil, um país de alardeadas tradições pacifistas, meio bonachão, talvez até relaxado demais. O preocupante é que toda a gente, de alguma forma, já se alarmou com esse estado de coisas. As autoridades esbravejam, o rebuliço é constante. Contudo, Davi prossegue, devagarzinho e, pé ante pé, quem diria, agora quer nos roubar a Lua, só para lembrar Maiakovsk. Estrategicamente, começou por tomar os morros. Aos poucos vem ganhando os bairros, aliciando, para compor suas hostes criminosas, de maneira sórdida, justamente os mais valorosos guerreiros, os jovens. A fim de garantir algumas das privilegiadas posições que alcançou, esforça-se para cooptar pessoas influentes. E o pior: quando não consegue, mata-as.

O Estado-Golias agoniza. Pesado por tantos anos de inércia, movimenta-se com dificuldade, ineficazmente. As amarras burocráticas que secularmente o engessam impedem-no de proteger a população, principal mister a si confiado. Não obstante, à guisa de desculpa, resmunga, meio cínico, meio entediado, que não tem recursos para se reaparelhar, que precisa de tempo para estudar o assunto e chegar à



Marco Aurélio Mendes de Farias Mello

solução satisfatória - afinal, trata-se de uma guerra mesquinha, rasteira e desigual. Atordoado, o Gigante, que nasceu em berço esplêndido, parece contradizer as nobres origens e, alvo cada vez mais fácil, como que diariamente desonra a si mesmo, num ritual macabro de autocomiseração e masoquismo,

permitindo ou facilitando os ataques do inimigo outrora incapaz de grandes arroubos.

A automutilação do Estado brasileiro é o primeiro passo para a barbárie, ou será o último? Até quando subsistiremos, como nação livre, soberana e democrática, se aceitarmos compassivamente a eliminação inicial-

“ A omissão do Estado – desviando-se do bem comum, não proporcionando aos cidadãos condições mínimas de subsistência digna, no que se incluem objetivos fundamentais, como segurança, saúde, educação –, resultou no aprofundamento das desigualdades sociais ”

mente de agentes públicos – juízes, prefeitos, vereadores –, depois dos Poderes, instituições e valores, enfim, do próprio Estado? Até quando resistiremos aos ataques aviltantes e infames à nossa honra como cidadãos, como contribuintes honestos, probos e pacatos? Até que ponto a raiva deve inflamar os ânimos para que a indignação, mobilizando toda a sociedade – milhões em passeatas diárias, aos gritos, a extravasar genuíno e justificado medo –, desperte o Gigante desse sono letárgico, incitando-o à luta pela sobrevivência? O assassinato de dois juízes em dez dias parece ser a pedra lançada pelo estilingue de Davi. Golias resfolega, atônito. Ainda não caiu. Cena congelada. O filme parou aí. Cabe a nós, brasileiros, escolher o final. Se continuarmos desarticulados, discutindo o dever-ser, esperando a conjuntura ideal para a ação pertinente, a massa de excluídos da cidadania, órfãos do amparo constitucional devido pelo Poder Público, ocupará os vazios de autoridade deixados pelo Gigante-Estado, nutrita que estará pelas berneses assistencialistas do comando criminoso. O momento de agir há muito já tarda. A partir de agora, poderemos perder, vez por todas, o controle da situação.

Busquemos as causas, não os efeitos. A ousadia, o cinismo e o debache dos bandidos não se exacerbaram por inexistir um sistema legal punitivo severo. A Lei dos Crimes Hediondos confirma a tese de que não adianta majorar, tampouco endurecer o regime de cumprimento das penas. Antes, a omissão do Estado – desviando-se do bem comum, não proporcionando aos cidadãos condições mínimas de subsistência digna, no que se incluem objetivos fundamentais, como segurança, saúde, educação –, resultou no aprofundamento das desigualdades sociais – escara que a todos os brasileiros envergonha e humilha - cujo preço é o recrudescimento sem peias da violência urbana e até rural.

Sim, a legislação penal em vigor é suficiente. O que falta é sanar os vícios na infra-estrutura carcerária e policial do País. Não dá para escapar do óbvio – é urgente e preciso que se enfrente de vez a corrupção, desfazendo nós górdios, como a obsolescência do modelo de segurança em uso. Claro está que a responsabilidade, neste caso, compete às polícias - civil e militar -, nunca ao Ministério Público e ao Judiciário. Estes, ao contrário, prescindem de mártires, dispensam intimidações

de qualquer natureza. Um Judiciário sem independência é como um governante sem poder, de nada serve e talvez em muito atrapalhe.

Há que se reaparelhar as polícias brasileiras, dar-lhes dignidade, estatura, meios para atuar com desembaraço e brio. Dizem que a Scotland Yard é incorruptível. Pois bem, quanto se lhes paga? Como se trata um policial europeu? Decerto não da forma jocosa, leviana e ofensiva como se vem ensaiando por aqui. Cumpre rapidamente atualizar a política penitenciária, modernizar-lhe a administração, garantir a transparência de métodos, a probidade das ações e a utilidade dos fins almejados. Não basta transferir presos de um lado para outro, de modo flagrantemente atabalhoado, a demonstrar a visível confusão das autoridades, a notória falta de estratégia, enfim, a ausência de soluções para problemas antigos, agora definitivamente insuportáveis.

Como num jogo virtual, contamos com a prerrogativa de optar pelo desenlace do filme. Creio piamente num final feliz. Guimarães Rosa profetizava que, onde há uma vontade, sempre existe um caminho. Façamos, pois, o caminho, já que ninguém mais pode olvidar a vontade.

E m Cena, a Negritude Brasileira

Por: Maria Célia Malaquias, Psicóloga-psicodramatista-mestre em Psicologia social. Coordenadora do Núcleo de Apoio Psicológico da Unipalmares – mcmalaquias@uol.com.br

Estamos em novembro, mês em que os holofotes estarão voltados para a população negra. Certamente por todo o Brasil, diversos grupos estarão reunidos para discutir, refletir, compartilhar e comemorar o mês da Consciência Negra. Pois, trata-se de uma grande conquista do movimento negro. Conquista esta obtida através de incansáveis lutas de negros contemporâneos e dos nossos antepassados. Entendemos que sentimentos de dor e prazer, tristeza e alegria se mesclam em nossos corações e memórias. Passado e presente parecem transitar ao mesmo tempo. Nossas histórias individuais e coletivas retratam parte dos estereótipos que habitam de forma consciente e inconsciente as relações entre negros e não negros na sociedade brasileira, desde o período colonial, carregadas de valores que são projetados e introjetados nas inter-relações. Podemos e devemos intervir nesta realidade. Mas compreendemos que para fazê-lo é necessário estarmos sensíveis para conhecermos o processo de colonização, do qual como brasileiros, não escapamos, pois sofremos do



Maria Célia Malaquias

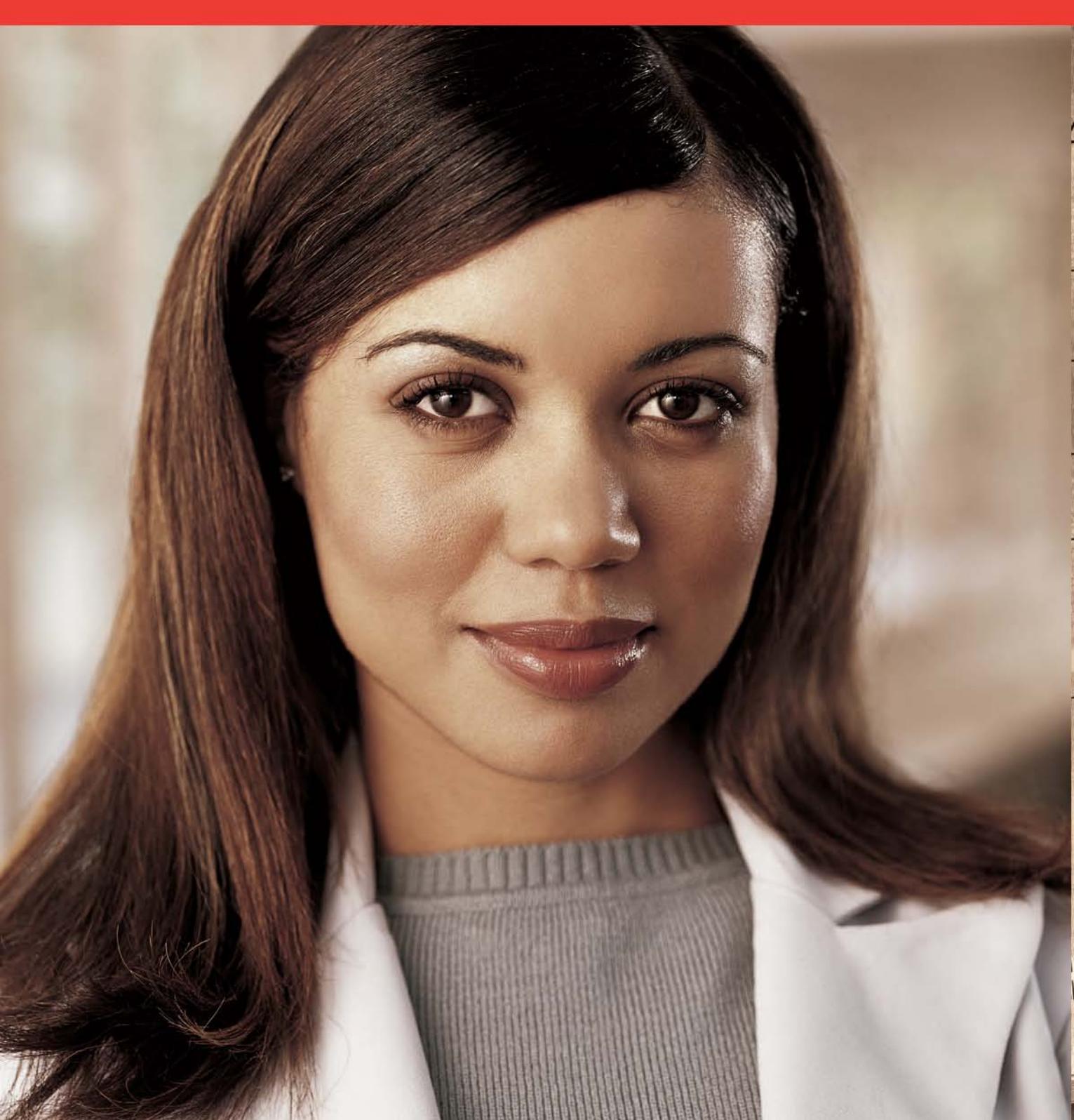
mesmo mal, quer estejamos no papel de colonizados, quer no papel de colonizadores.

Nesta perspectiva, visualizamos uma passagem, no sentido de transmutação. Passagem que implica em dois momentos, o primeiro de nos livrarmos daquilo que não nos serve mais e o segundo momento de abrirmos espaços para acolher o novo que se busca nas relações atuais. Abrir espaço para o novo, significa abrir mão de formas

repetitivas que contaminam negativamente as relações e não transformam. Olhar para as nossas dores de excluir e ser excluído para cuidar das próprias feridas e das feridas coletivas, advindas das seqüelas emocionais do preconceito e da discriminação.

Neste sentido, entendemos a importância de avançarmos em nossas relações pessoa a pessoa, experientiar novas formas de interações, no defrontar-se consigo mesmo e com o outro, buscando desfazer-se do que nos impede de abrir para o novo. Novo que contém a história do povo negro. História que é resgatada principalmente através da memória dos nossos antepassados, história que contém o passado refletido no presente. Memória que está relacionada no tempo e espaço em que a história se fez, ou que se faz presente.

Buscamos avançar na história, visualizando e enfatizando a dimensão criativa – espontânea do povo negro brasileiro, para um novo vir a ser. A luta ainda é árdua, mas as nossas conquistas também já se fazem presentes. Salve Zumbi! Salve Dandara!



Todo mundo sabe como é um bom relacionamento. É aquele que é para a vida toda, todos os dias. Como o relacionamento que o Banespa tem com os seus clientes. Oferecendo as mais variadas opções de investimentos, poupança, planos de previdência e o atendimento mais completo. Venha construir você também um relacionamento com o Banespa.

3 | R\$
4

MCCANN

e centavos acima

ou à sua ordem

de

de

**ELAINE CRISTINA C. ALVES
AMIGA DESDE 2001**

2.61

banespa
Santander Banespa

Banespa e você. Uma relação de confiança.

Igualdade, Objetivo comum

*Por: Geraldo Alckmin,
Governador do Estado de São Paulo*

É claro que há muito ainda por fazer e a igualdade racial e a completa integração dos negros na sociedade brasileira ainda são metas a serem perseguidas. Mas, é preciso também reconhecer, a cada ano há novas e importantes conquistas a comemorar no Dia Nacional da Consciência Negra.

Por justiça, é preciso registrar que grande parte dessas conquistas se deve à própria comunidade negra, assumindo suas raízes e buscando espaços em todos os setores da vida social.

A criação do “Dia Nacional da Consciência Negra”, evocando o martírio de Zumbi dos Palmares e buscando preservar a identidade e a cultura afro-descendente, é uma dessas iniciativas. Outras, igualmente importantes, são a ONG Sociedade Afrobrasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural (Afrobras), a Universidade Zumbi dos Palmares, esta revista Afirmativa, que realizam um intenso trabalho de inclusão cultural, social e econômica.

O Governo do Estado de São Paulo

desde há muito tempo está também engajado nessa luta, com várias medidas concretas com vistas à integração racial.

Em 2003, instituiu a Política de Ações Afirmativas para Afro-descendentes, criando o Programa Estadual de Inclusão Social e Ação Afirmativa no Ensino Superior. O Programa “São Paulo: Educando pela diferença para a Igualdade” foi incluído no currículo da rede pública estadual, para capacitar docentes para a inclusão do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. Como reflexo dessas medidas, a participação de afro-descendentes na USP Leste atingiu 21% das primeiras matrículas e na Unicamp houve um aumento de 55% deles em relação ao ano passado. Ainda como parte do programa Ação Afirmativa, o governo autorizou que, a partir de dezembro deste ano, no vestibular das FATECs, alunos afro-descendentes terão um acréscimo de 2% e os oriundos de escola pública terão mais 10% a mais na nota conquistada.

A relação de ações do governo nessa área inclui ainda, entre muitas outras,

a contratação de 32% de negros entre os monitores universitários, bolsistas do Estado, do Programa Escola da Família; a implantação do estudo da diversidade racial por policiais militares e civis e alunos das academias e a criação do SOS Cidadão para atendimento de vítimas de racismo nos Centros de Integração à Comunidade e nas unidades do Poupatempo. Em 2003 e 2004, foram realizados Seminários sobre a Saúde da População Negra e estendido o Programa Saúde da Família às comunidades quilombolas. Em 2000, a Procuradoria Geral do Estado implantou o Programa SS Racismo, para assistência judiciária gratuita a vitimas de discriminação racial.

Mas, como disse no início, se muito já foi feito, muito ainda há por fazer. Por isso, neste “Dia Nacional da Consciência Negra”, envio minha saudação a toda a comunidade afro-descendente, na certeza de que continuaremos sempre juntos, na busca do objetivo comum, que é uma sociedade brasileira completamente livre de diferenças e preconceitos.



20 de Novembro: Ações práticas da Prefeitura

Por: José Serra – Prefeito de São Paulo

Neste 20 de novembro de 2005, relembramos o 31º aniversário da queda do Quilombo de Palmares, em Alagoas. A data em que Zumbi dos Palmares, um dos maiores heróis de nossa terra, sucumbiu diante do exército comandado pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, não pode ser esquecida jamais. A resistência por muitas décadas de um enclave de liberdade no sertão da colônia escravocrata nos orgulha e inspira na busca permanente por mais democracia e igualdade. Por isso, a data deverá ser comemorada por todo o Brasil.

Penso, no entanto, que a melhor maneira de homenagear Zumbi é trabalhar permanentemente para diminuir as diferenças sociais, por entender que a tão propagada promoção da igualdade racial é muito mais

uma questão prática do que teórica. E a Prefeitura de São Paulo tem se empenhado nessa direção.

Em menos de um ano, várias ações estão sendo desenvolvidas para o combate à intolerância e preconceito racial em todos os níveis. Seja na saúde, na educação e na geração de emprego e renda, temos atuado para que a população negra seja inserida de forma digna, sem leviandade política ou oportunismo eleitoreiro.

Na área da saúde, estudos estão sendo realizados para implantação das hemorédes, que vão beneficiar diretamente os indivíduos com traço falcêmico. Como se sabe, a anemia falciforme é a doença genética mais comum do Brasil e atinge diretamente a população negra. Sua causa é uma mutação do gene da globina beta da hemoglobina, originando uma hemoglobina anormal, denominada hemoglobina

S (HbS), que substitui a hemoglobina A (HbA), nos indivíduos afetados.

No início deste Governo, determinei que a Coordenadoria dos Assuntos da População Negra passasse a ser um órgão da Secretaria de Participação e Parceria para aumentar a interface com a sociedade civil. Muitas ações estão sendo desenvolvidas. No mês de junho, realizamos o I Encontro de Universidades Públicas com Programas de Ações Afirmativas no Brasil, com a participação de 16 universidades, das quais nove foram representadas por seus reitores; uma fundação e também o Instituto Rio Branco estiveram presentes.

Essa troca de experiências, única no Brasil, rendeu um belíssimo compêndio que deverá ser publicado em breve e servirá de material de estudo para todas as universidades. Mais uma vez, São Paulo cumpre seu papel de pioneirismo no País.

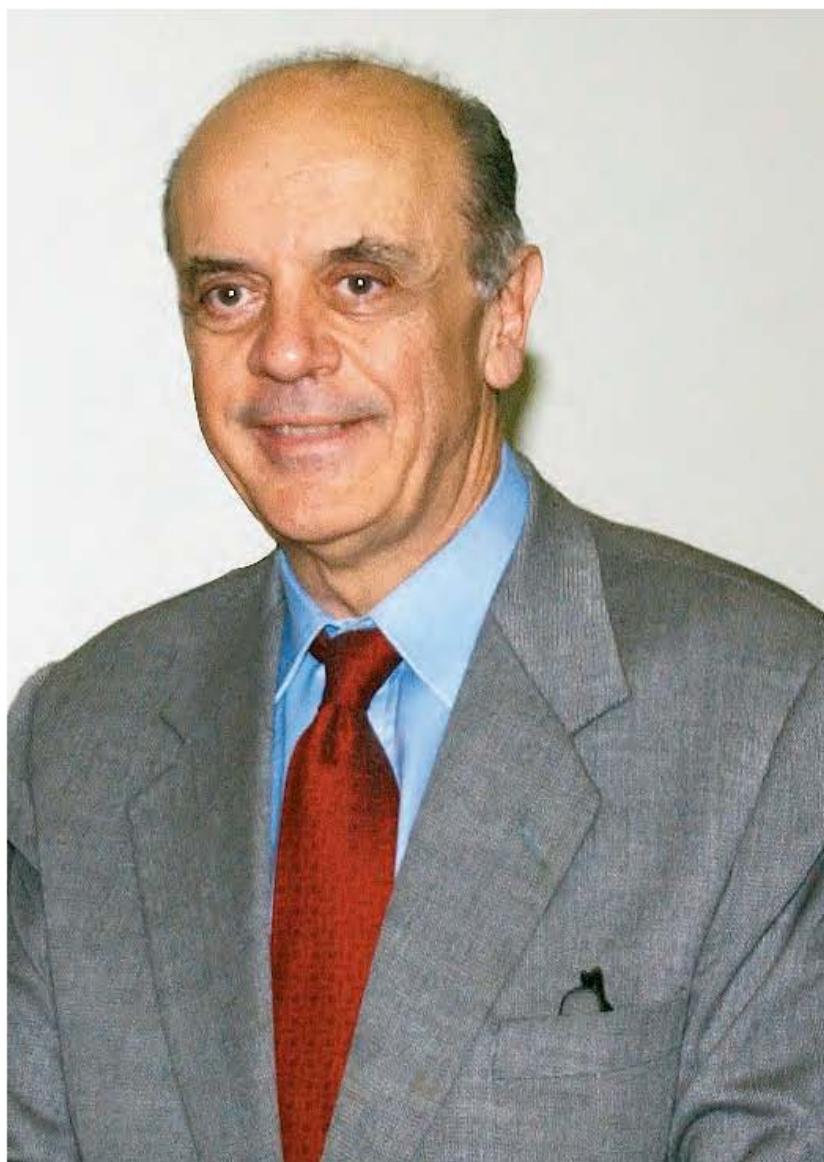
O Projeto Durban + 5, que a Secretaria de Participação e Parceria está desenvolvendo, vai popularizar o Plano de Ação da III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial e Intolerâncias Correlatas, ocorrida na África do Sul em 2001. Todas as subprefeituras realizarão ainda este ano os Encontros de Participação da População Negra e 365 atividades de reflexão ocorrerão até o mês de setembro de 2006, quando a Conferência completará cinco anos.

Ainda em novembro, algumas ações importantes para a população negra estarão acontecendo na cidade. A mais importante, a despeito dos festejos que também ocorrerão por aqui, é a portaria que criará a Grupo de Implementação e Acompanhamento do Programa Municipal de Ações Afirmativas da Prefeitura de São Paulo, em cumprimento à Lei 13.791.

Outro fato importante é o lançamento, também este ano, do jogo de trilha denominado 'Ações Afirmativas - O Jogo'. É uma forma simples e divertida de elevar a auto-estima de jovens e crianças negras e de acreditar que o pertencimento é possível. Imaginemos a dificuldade de um jovem do ensino fundamental em não se reconhecer nas aulas de história, por exemplo. Também por este motivo, vamos cumprir a Lei 10.639 que determina a obrigatoriedade do ensino da história da África nas diretrizes básicas curriculares. Algumas oficinas estão marcadas já para os próximos dias.

Quando ministro, todos sabem que quebramos as patentes dos laboratórios estrangeiros para atender a pacientes vítimas de AIDS. Hoje, novamente, voltamos ao tema com a indicação de assessores nossos para compor a Câmara Técnica do Programa Estratégico de Ações Afirmativas: População Negra e Aids do Ministério da Saúde. Sabemos que a pauperização da epidemia está intrinsecamente ligada à vulnerabilidade da população negra.

Por isso, apresentamos o programa em São Paulo e, embora sem dados precisos quanto ao avanço da epidemia entre in-



José Serra

divíduos da raça negra, vamos incentivar ações que visem conter o possível avanço e ajudem na prevenção.

Outro programa importante são as bolsas de estudo para afrodescendentes, em parceria com o SENAC/SP. Neste ano, mais de 450 foram ofertadas. São mais 450 jovens em condições de ingressar com maior qualificação no mercado de trabalho. É pouco, mas já é um bom começo. Os descontos podem chegar a 80%.

Por tudo isso, devemos ter como obje-

vo permanente a declaração de Durban, quando propõe reconhecer "o valor e a diversidade da herança cultural dos africanos e afrodescendentes" e afirma "a importância e a necessidade de que seja assegurada a sua total integração à vida social, econômica e política, visando a facilitar sua plena participação em todos os níveis dos processos de tomada de decisão". É isso que buscamos nesta cidade, cuja marca mais profunda tem sido exatamente a harmonia entre diversos.

Refundar

O

Estado

Por: Luiz Flávio Borges D'Urso,
Presidente da OAB - SP

“A política invadiu as regiões divinas da justiça para a submeter aos ditames das facções. Rota a cadeia da sujeição à lei, campeia dissoluta a irresponsabilidade”. Registro essa rápida passagem de um discurso sobre o Supremo Tribunal Federal na Constituição Brasileira, feito pelo nosso patrono Rui Barbosa há 71 anos, para constatar, com tristeza, que a indignação do velho mestre pode ser transportada para os nossos dias. Mais que uma crise política, cujas origens apontam para o Estado patrimonialista, onde a coisa pública se confunde com os negócios privados, o Brasil está a abrigar uma crise sistêmica, com repercussões em diversas esferas institucionais. Não há como negar que a corrupção desenfreada e escancarada pelos instrumentos de

“ *Está na hora de as forças políticas e institucionais da Nação se integrarem em um esforço estratégico para a refundação do Estado* ”

investigação em curso, a invasão de escritórios de advocacia, a tentativa pelo Executivo – sem sucesso – de criar mecanismos de controle sobre a imprensa e os espaços de produção cultural, e o rebaixamento geral dos níveis de ensino, aí incluído o ensino jurídico, fazem parte da crise brasileira que, convenhamos, se fundamenta na própria crise vivida pela democracia nestes tempos de sociedade pós-industrial.

O filósofo Norberto Bobbio, em seu clássico *O futuro da democracia*,

já alertava para o fato de que a democracia não está cumprindo de maneira satisfatória as promessas de seu ideário, entre as quais o combate ao poder invisível e o acesso à justiça a todos os cidadãos. Ademais, o declínio dos mecanismos políticos clássicos – partidos, parlamentos, oposições – tem propiciado a emergência de novas formas de representação política, entre as quais a tecnodemocracia, composta pela união entre os interesses das organizações econômicas, da burocracia estatal e do sistema

político. Sob esse novo triângulo de poder, as democracias liberais abrem frestas para a multiplicação das mazelas que solapam as bases do Estado. A consequência é a deterioração dos serviços e dos níveis de qualidade das instituições políticas e sociais.

Entre nós, a crise da democracia representativa ganha mais força por conta da tradição patrimonialista de nossa cultura política. Explica-se, assim, a crise política, de alta gravidade, que estamos atravessando. Ocorre que outros fatores contribuem para agravá-la, entre os quais se destacam a inobservância de preceitos legais, o sistema presidencialista de caráter imperial, que executa programas, mas também legisla, tomando funções do Parlamento, o detalhismo constitucional, o sentido da improvisação e o gosto pela extravagância. A advocacia, por exemplo, tem sido um dos eixos que mais sofre com a fragilidade de nossas instituições. Depois de ter desempenhado um papel histórico na organização do Estado brasileiro, cedendo muitos de seus quadros para a composição de equipes e assessorias governamentais em toda a história da República, afora a pléiade de juristas que deram forma às Constituições nacionais, desde a Carta Magna de 1891, inspirada na Carta norte-americana, a advocacia se vê, hoje, no meio de uma grande crise. Veja-se o caso do Exame da Ordem. O alto índice de reprovação – no último exame 92,84% dos candidatos foram reprovados – é o atestado inequívoco do rebaixamento geral da qualidade de ensino no país. Rebaixa-

mento que começa com a precariedade dos ensinos fundamental e médio. Se o alicerce da educação está em frangalhos, o andar mais alto não se sustenta. A proliferação de cursos de Direito sem condições mínimas para formar bem o bacharel contribui para expandir a deterioração do ensino. A consequência aparece na corrente de despreparo que abrange todo o universo da administração da Justiça. Por tudo isso, está na hora de

as forças políticas e institucionais da Nação se integrarem em um esforço estratégico para a refundação do Estado. Refundação que implica a implantação de reformas em profundidade nos campos da educação, da segurança, dos tributos, do Judiciário, da política e da própria estrutura do Estado. Se o país não for capaz de dar esse passo, perderá a grande oportunidade de acompanhar a dinâmica dos tempos.



Luiz Flávio Borges D'Urso

D

ia Nacional da Consciência Negra:



Marta Suplicy

*Por: Marta Suplicy, vice-presidente
nacional do PT e ex-prefeita
de São Paulo*

O Dia Nacional da Consciência Negra, 20 de novembro, foi comemorado pela primeira vez há 34 anos, numa imprescindível iniciativa de retomar a história brasileira e nos fazer repensar o 13 de Maio, Dia da Abolição. Sua comemoração, ao longo de três décadas, reverenciando a memória de Zumbi, morto nesta data, no ano de 1695, nos propiciou refletir sobre a libertação dos escravos como fruto de um processo em que os negros foram protagonistas, e não apenas coadjuvantes. Desprezar a inteligência, capacidade e força do negro era injusto e discriminatório. O negro não precisou nem precisa de caridade. Foi e é muito capaz. Não era justo que se mantivessem abordagens reforçando o contrário.

conquistas e desafios

No ano passado, como prefeita de São Paulo, pude prestar minha homenagem, sancionando a Lei Municipal 13.707/04, que estabeleceu na cidade o feriado do dia 20 de novembro. A iniciativa da lei partiu do vereador Italo Cardoso e foi apoiada pela vereadora Claudete Alves, sendo aprovada pela Câmara Municipal. Uma honra para todos nós, porque valorizar o Dia Nacional da Consciência Negra é reafirmar a importância do povo e manter a mobilização por avanços em nossa sociedade. Temos conquistas a comemorar, mas ainda muito por fazer.

A marginalização dos negros no acesso à escola e serviços de saúde, equipamentos esportivos, de cultura, lazer, trabalho, consumo, enfim, à cidadania plena, resultou num Brasil muito desigual – reforçou traços de subdesenvolvimento. Felizmente, sobretudo a partir dos esforços da comunidade

negra, temos tomado, cada vez mais, consciência de que pensar e projetar o desenvolvimento do Brasil requer eliminar a discriminação. Exige um conjunto de políticas sociais capazes de derrubar, ultrapassar, adversidades que resultaram no cenário de pobreza que ainda persiste e nos incomoda. Entre as frentes de batalha, destaco a da educação. É a base de um futuro melhor. Talvez, não consigamos tirar, em curto prazo, uma criança da favela. Mas, certamente, podemos tirar a favela de dentro da criança.

Na cidade de São Paulo, Educação foi prioridade, entre 2001 e 2004, e os resultados foram surpreendentes para as comunidades mais pobres e periféricas, que abrigam a maioria de origem negra. Investimos mais de R\$ 12 bilhões, o que significa um ano da arrecadação da prefeitura no setor. Foram construídas 189 escolas, incluindo as das 21 Centros

Eduacionais Unificados (CEUs). Consolidou-se uma política de inclusão social que visou o acesso das crianças na escola, a permanência, com alimentação adequada, trajando uniformes e com transporte disponível para as que moravam mais longe. Assim, em quatro anos, a criança da periferia passou a ter o mesmo rendimento escolar que a das regiões centrais. Antes desses investimentos, rendiam três vezes menos.

Das recentes iniciativas em nível nacional, aplaudo a aposta do governo Lula em inclusão social e educação, com destaque para o Programa Brasil Alfabetizado que, em três anos, estará completando o atendimento de 5,2 milhões de jovens e adultos com 15 anos ou mais, e a criação do ProUni (Programa Universidade para Todos), que oferece acesso ao ensino para estudantes carentes, corrigindo distorções que proporcionavam a apenas 9% dos jovens brasileiros entre 18 e 24 anos uma vaga na faculdade. O ProUni já atendeu 100 mil estudantes e no próximo ano atenderá mais 100 mil. Quatro novas universidades federais estão sendo criadas. São mais 160 mil vagas em cursos de ensino superior. Vale destacar que a ação afirmativa de instituir cotas para ingresso de negros no ensino superior deve ser compreendida sob a ótica de que é necessário promovermos o equilíbrio de oportunidades para quem sempre foi muito capaz de enfrentar a vida e superar obstáculos. É um instrumento de igualdade, e não um privilégio. O que se pretende é alcançar um tempo em que lembraremos dessa política como um dado histórico, uma etapa vencida.

A rebeldia que deu certo

Preguiçoso e rebelde. Era o que achavam do pequeno Alcides. Filho de pais lavradores, experientes nas lavouras de café e nas fazendas de gado, Alcides de Lima nasceu no município de Santa Rita da Estrela do Sul, Triângulo Mineiro e, desde pequeno, ao contrário do que poderia parecer, já demonstrava que esperava mais da vida. “Eu era o que se chamava de filho malungo, o mais esperto da família e que, por isto, era levado para brincar na casa grande, com os filhos dos patrões”. Esta situação, que para alguns poderia ser considerada como um “prêmio”, para ele se tornou uma espécie de tormento. “Eu não gostava. Porque eu era o brinquedo deles. Então, eu vivia batendo nos filhos do patrão e chorava muito para não ir”, conta Alcides.

Do que ele gostava mesmo era de estudar. E também demonstrou isto cedo. Apesar de ter sido matriculado no primeiro ano com idade abaixo da per-

mitida para que pudesse acompanhar a irmã, a dupla se mostrou imbatível. Com boas notas respondia às provocações preconceituosas de seus colegas de classe. “Na escola estudavam o filho do prefeito, dos vereadores e eu e minha irmã éramos os únicos negros. Os professores estabeleciam prêmios para quem tirava as melhores notas. Eu e minha irmã estudávamos muito com o objetivo de desbancar os meninos brancos do primeiro lugar. E sempre conseguíamos.”

Os sons da capoeira

O menino Alcides, que com 11 anos dava aula para adultos, veio para São Paulo, onde começou a trabalhar na construção civil. Tinha então 20 anos e, como sempre, aquela vontade de mudar o seu destino. Prestou concurso na Universidade de São Paulo (USP) para servente e foi aprovado. Achou

que servente era função de pedreiro no setor que atuava. Mas não era. “Fui trabalhar como faxineiro. E não queria”. Prestou então outro concurso, para escriturário, também na USP. E passou. Foi trabalhar no Instituto de Serviço Social, hoje conhecido como Coseas. Lá, ajudou a montar a Divisão de Saúde e prestou serviços em vários outros setores como de compras, tesouraria e no de serviço social. Continuou estudando.

Mestre Alcides, como é mais conhecido hoje, tomou contato com a capoeira já nos primeiros anos como funcionário da USP, mas quase que por curiosidade. Os sons emitidos por um berimbau tocado com maestria pelo mestre Eli Pimenta e seus alunos, lá pelas bandas do Crusp (Conjunto Residencial da USP), chamaram sua atenção. “Eu vinha de uma família de mineiros onde sempre tinha muita música, arte e dança. Escutei então aquele som e

fui ver o que era. Encontrei a capoeira de Mestre Eli, que era estudante do Curso de Ciências Sociais e dava aula para os alunos. Ele é o meu mestre até hoje", conta Alcides.

As dificuldades inerentes àquela época também não o fizeram desistir da mais nova paixão. Apesar dos tempos de ditadura – época em que os praticantes de capoeira eram considerados perigosos e fichados no temido Dops –, em 1982 formou-se professor de capoeira. Dois anos antes, entrou na universidade para o curso de Educação Física, pois o considerava importante para sua formação como mestre de capoeira. Em 1988, dava um outro passo importante criando o CEACA – Centro de Estudos e Aplicação da Capoeira. Na mesma época, foi convidado para trabalhar no Instituto Oceanográfico da USP. "E eu nunca havia entrado sequer num navio."

O CEACA nos EUA

O estatuto do CEACA, entretanto, foi implantado pela primeira vez na Universidade Estadual do Colorado, nos Estados Unidos. "Uma de minhas alunas, foi fazer doutorado nos EUA e, como forma de oficializar um curso de capoeira na escola, implantou o Centro dentro da Universidade Americana", explica ele. Em 1995, mestre Alcides foi convidado, pela primeira vez, para dar aula de capoeira pelo Departamento de Dança, Música e Antropologia da Universidade do Colorado. Um convite que se repetiu nos anos seguintes, até 1999.

A carreira seguia, também no Instituto Oceanográfico. Mestre Alcides já foi três vezes para a Antártida, acompanhando, como pesquisador, os tra-



Mestre Alcides

lhos dos técnicos na coleta de material em diversos projetos desenvolvidos pelo Instituto. "Hoje eu dou aulas para professores na parte laboratorial. Sou o responsável pela organização e pelo bom desempenho de todos os equipamentos necessários para a coleta de materiais que é realizada durante as viagens de pesquisas", diz. Em outubro deste ano, mestre Alcides acompanhou um grupo de alunos da escola a uma viagem de pesquisa em Cananéia, litoral sul de São Paulo.

No CEACA, a luta continua é pelo resgate das tradições da capoeira. "Mas isto é uma via de mão dupla. Se voltar muito às origens, acabo inviabilizando a prática nas escolas, nos espaços públicos. Porque o jogo da capoeira era exercido por malta, numa época em que as pessoas não tinham liberdade de ir e vir. A capoeira era sinônimo de briga, era defesa, uma luta de resistência contra o sistema, mas também

contra o próprio irmão". Isso tudo, explica ele, mudou no começo do século XX com o lendário mestre Bimba, que, aos poucos, fez prevalecer apenas o lado politicamente correto do jogo.

O espírito da capoeira

Mestre Alcides, porém, reclama de alguns professores de capoeira, que esquecem a importância da prática no resgate da cidadania dos afro-descendentes. "Hoje, a maioria dos professores só quer saber do jogo. Não se preocupa com o resgate histórico e cultural. Não entendem que a capoeira é uma somatória, onde não se pode destacar apenas a parte física. Porque se não, você não entende o espírito da capoeira", diz ele.

No CEACA, segundo mestre Alcides, é realizado um trabalho profundo com os alunos e professores encarregados de repassar os ensinamentos. Oficinas para a produção de instrumentos como o caxixi (chocalho), atabaque, berimbau ou pandeiro, aulas de percussão e vocal, apresentação de vídeos e incentivo à leitura, além de aulas práticas sobre manifestações folclóricas como o maculelê, samba-de-rodas, frevo, samba duro e dança afro são freqüentes. "Não basta apenas jogar. É preciso conhecer o instrumento, sua afinação, os sons. Só assim se forma um capoeirista completo." Saber comandar uma roda e cerimônias, cantar, tocar os instrumentos e conhecer os sete toques tradicionais da capoeira, são condições fundamentais para quem quer chegar a ser, um dia, mestre de capoeira no CEACA.

Mais informações no site:

(www.ceacacapoeira.hpg.ig.com.br)

educação, instrumento contra desigualdade

Por: Milú Villela, Presidente do Instituto Faça Parte, do Instituto Itaú Cultural e do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

A Educação é a única variável estratégica que nunca falha para o desenvolvimento de um país. A frase, dita em 2004 pelo ex-premiê espanhol Felipe González, agradou a uma seleta plateia de empresários brasileiros. Afinal, o seu autor sabe bem o que fala: ex-advogado sindical, secretário-geral do primeiro-ministro aos 40 anos, tendo sido responsável por modernizar o país, inserindo-o na Comunidade Européia. Quando assumiu o governo, a renda per capita espanhola era de US\$

4.500. Quatorze anos depois, na sua saída, o valor alcançou US\$ 15 mil. Indagado sobre o que o Brasil deveria fazer para experimentar semelhante salto, González respondeu incisivo: “Melhorar a educação”. Poucos brasileiros discordarão da resposta. Recentes estudos confirmaram o que parece ser cada dia mais cidadãos no processo de crescimento econômico, o primeiro passo é oferecer educação de qualidade a todos.

Respeitadas as naturais diferenças,

parece também haver um consenso entre educadores sobre o que é necessário para melhorar a qualidade da educação do país. Os diagnósticos são conhecidos. As soluções, também. Faltam-nos, sobretudo, vontade política, maior articulação entre os envolvidos e capacidade de implantar as boas idéias.

Sabe-se, por exemplo, que o país não terá escola boa para todos sem financiamento e distribuição adequados dos recursos. O Brasil investe hoje 4,3% do



Mila Villela

PIB. Mas um estudo do Ministério da Educação atesta que o ideal seria 8%. Além disso, o gasto médio por aluno no ensino fundamental varia conforme as regiões. No sudeste, gasta-se R\$ 101 por mês, contra R\$ 49,50 no Nordeste. Agrava o quadro o fato de que se investe 14 vezes mais num estudante de universidade pública do que num aluno de ensino básico, diferença considerada alta pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Experiências em todo mundo mostram que aperfeiçoar o ensino básico é fundamental para melhorar a educação como um todo. Uma criança que não aprende direito nas quatro primeiras séries carregará suas limitações

de formação para o ensino médio e, mais tarde, terá enorme dificuldade de ingressar em uma boa faculdade. Em 2003, relatório da OCDE feito a partir de pesquisa em 40 países colocou os alunos brasileiros nas últimas colocações no domínio da língua portuguesa e matemática.

A preocupante falta de qualidade nas primeiras séries tem resultado em índices elevados de evasão e de abandono, o que contribui para alimentar a engrenagem de um ciclo vicioso.

Sabe-se também que não há escola boa sem

equipamentos decentes. Impossível pensar em qualidade quando falta energia elétrica em quase 20% das escolas públicas, uma em cada dez não possui esgoto e apenas 25% dispõem de bibliotecas. Regra geral, os prédios escolares, além de mal planejados, apresentam precária manutenção e afastam as crianças e jovens quando deveriam atrair-lhos.

Sabe-se ainda que não existe escola sem a participação dos pais e da comunidade em sua gestão. Elas costumam ser melhores nas comunidades onde há maior capital social, isto é, mais conexões entre os diferentes públicos. O capital social explica, por exemplo, por que existem exceções de qualidade em meio a uma regra de mediocridade.

Sabe-se que não há escola boa sem professor capacitado nem metodologia adequada. No Brasil, apenas 10% das escolas possuem laboratório de informática, 10% acessam a internet e 14% têm vídeo, recursos que, se bem utilizados, poderiam fazer a diferença na qualidade de uma aula.

A despeito das possibilidades sugeridas pela Lei de Diretrizes e Bases e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, na prática evoluiu-se menos do que seria desejável na aplicação de novos métodos capazes de gerar envolvimento e interesse pela aprendizagem. Para piorar o quadro, os baixos salários médios pagos a professores no Brasil atraem normalmente profissionais com formação deficitária. Muitos dos abnegados educadores são obrigados a dar aulas em mais de uma escola para sobreviver e, por esse motivo, faltam mais. Poucos recebem treinamento ou são sistematicamente avaliados.

Por último, sabe-se que a educação de qualidade exige planejamento no longo prazo. E esse é um problema para um país como o Brasil, cujas políticas públicas mudam ao sabor da alternância de quem assume o poder. De tão importante para o desenvolvimento de uma nação, a educação não deveria ser política de governos, sujeita, portanto, às opiniões e aos temperamentos transitórios. Precisa ser uma política de Estado. Uma prioridade nacional estabelecida ao longo de um horizonte de tempo mais amplo. "O projeto educacional de um país que deseja vencer suas desigualdades deve ter, no mínimo, 20 anos", ensina González.

Diversidade: um valor a ser cultivado pelas empresas

Por: Oded Grajew, Presidente do Conselho Deliberativo do Instituto Ethos de Empresas e do Conselho Deliberativo do UniEthos.

O Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, em parceria com o Ibope Opinião, está realizando neste momento a terceira edição da pesquisa “Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil e Suas Ações Afirmitivas”, que conta com o apoio da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP), do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

O objetivo desse estudo, que vêm sendo realizado a cada dois anos desde 2001, é chamar a atenção das empresas para a importância da diversidade como um valor a ser perseguido na promoção da equidade de seus funcionários.

A edição de 2005 está em fase de coleta de informações nas empresas, mas, tomando como base a evolução da edição de 2001 para a de 2003, é possível prever que o presidente ou diretor típico das grandes empresas do Brasil continua sendo um homem branco, com mais de 45 anos, curso superior, mais de dez anos de casa e,

muito provavelmente, um curso ou estágio no exterior. Como se vê, o perfil desse alto executivo, responsável pelo direcionamento e implementação das decisões estratégicas das empresas, está muito distante das características do brasileiro médio, o que indica que a igualdade de oportunidades é um ideal ainda longínquo, o qual, para tornar-se realidade, irá demandar um imenso esforço das empresas e de toda a sociedade.

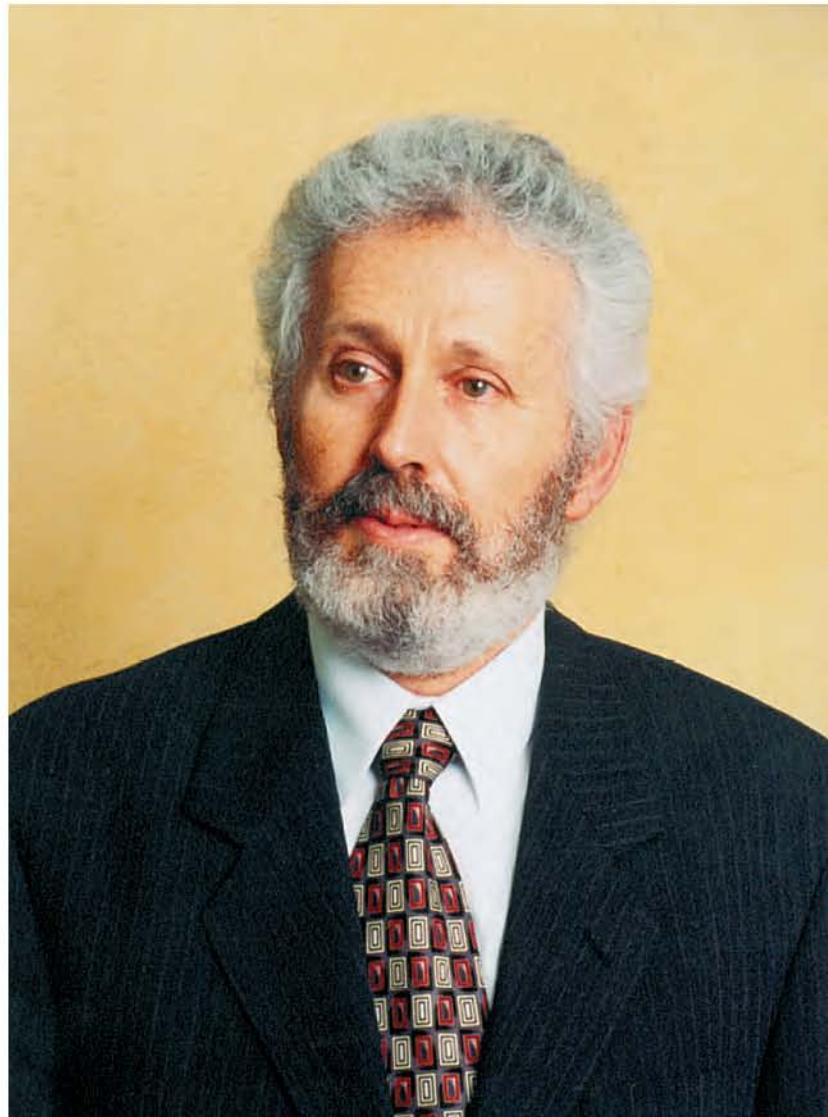
Quanto mais alto é o cargo numa grande empresa, mais difícil será encontrar uma mulher ou um negro a ocupá-lo. De acordo com os resulta-

dos da edição de 2003 da pesquisa, as mulheres eram apenas 9% do quadro executivo, 18% dos gerentes, 28% dos supervisores e chefes de seção e 35% da totalidade dos funcionários. Note-se que naquela época as mulheres representavam 50,8% da população brasileira e correspondiam a 41,4% da população economicamente ativa e a 40,7% da população ocupada.

A situação dos negros nas empresas é ainda mais desigual que a das mulheres. Segundo o levantamento de 2003, eles compunham apenas 23,4% do total de funcionários, 13,5% do quadro de supervisores, 8,8% da gerência e 1,8% do quadro executivo. Essa desigualdade chama ainda mais a atenção quando comparada com os dados gerais da população do país. De acordo com o IBGE, os brasileiros que se declaravam negros na época em que a pesquisa foi realizada eram 46% do total – dos quais, no jargão do IBGE, 5,6% eram pretos e 40,4%, pardos. E formavam 43,3% da população economicamente ativa e 45% da população ocupada.

A posição da mulher negra na pesquisa é, de longe, a mais desfavorecida. Havia apenas 372 negras entre as 6.016 mulheres existentes no quadro de gerência e, das 339 mulheres em nível de diretoria, apenas três eram negras.

Outro indicador importante diz res-



Oded Grajew

peito às não-respostas à pergunta sobre cor ou raça dos funcionários nos quatro níveis hierárquicos, que oscilaram entre 23% e 27%. Isso indica que pode haver certa dificuldade nas empresas para enfrentar a questão ou que elas entendem que essa discussão ainda não faz parte das suas agendas. Por outro lado, a pesquisa demonstrou que parte das empresas já está tomando consciência da situação,

comprovando o engajamento cada vez maior do setor empresarial brasileiro nas práticas de responsabilidade social. O próprio grau de adesão a uma pesquisa desse tipo denota uma mudança de postura em relação ao tema. No levantamento de 2001, que era restrito ao nível de diretoria, 89 das 500 empresas consultadas responderam o questionário enviado, tornando possível avaliar o

perfil de 687 executivos. Na pesquisa de 2003, abrangendo todos os níveis hierárquicos, 247 das 500 empresas responderam, permitindo levantar as características de quase 1,2 milhão de funcionários.

Outra boa surpresa foi a ampliação das ações afirmativas entre as empresas pesquisadas. Cerca de 40% delas disseram que desenvolvem alguma política para favorecer grupos sociais tradicionalmente discriminados no mercado de trabalho. O maior destaque foi dado aos programas para contratação de pessoas com deficiência, mantidos por 32% das empresas que responderam. Em seguida vem o apoio, citado por 24% das empresas, a projetos na comunidade para melhorar a oferta de profissionais qualificados oriundos dos grupos usualmente discriminados. No entanto, apenas 3% das respondentes afirmaram ter programas para a qualificação de mulheres e somente 1% delas disse ter programas para melhorar a capacitação profissional de negros.

Os dados obtidos pela pesquisa Instituto Ethos-Ibope demonstram que mais do que nunca é preciso valorizar a diversidade e promover a

equidade nas empresas de forma efetiva. Ao praticar esses princípios da responsabilidade social, as empresas estarão assegurando aos seus funcionários condições para que todos eles possam desenvolver plenamente seus talentos e potencialidades. Além disso, a promoção da diversidade com equidade pode contribuir para o enfrentamento das desigualdades em nosso país. Medidas nesse sentido também ajudam a melhorar o clima organizacional, estimulam a criatividade, favorecem o trabalho em equipe, reduzem a rotatividade, dão à empresa maior flexibilidade e capacidade de adaptação a mudanças, valorizam a imagem corporativa e podem se tornar um importante diferencial competitivo.

Vale salientar que a noção de diversidade não se restringe apenas a gênero, raça e deficiência física ou mental, mas abrange ainda diferenças relativas a crença ou religião, faixa etária, orientação sexual, origem ou nacionalidade e estado civil, entre outras, as quais também devem ser respeitadas e levadas em conta.

São muitas as medidas que as empresas podem adotar para promover a eqüidade e incrementar a diversi-

dade. Uma delas é estabelecer políticas de recrutamento, promoção e remuneração que privilegiem mulheres, negros e outros grupos sociais que costumam sofrer discriminação e estejam sub-representados em seus quadros. Também é preciso favorecer a transposição de barreiras hierárquicas por meio de programas de integração que assumam o compromisso de tratar a diversidade como um valor que deve ser cultivado todos os dias. Outra iniciativa a ser considerada é a de orientar as campanhas de publicidade e marketing da empresa pelos princípios da diversidade*.

A superação das desigualdades, dos preconceitos e das diversas formas de discriminação no Brasil, deve ser um compromisso da sociedade. Entretanto, as empresas têm um papel preponderante nesse processo. Somos um país diverso e essa é uma de nossas grandes qualidades. Trazer essa riqueza para dentro das organizações, investindo no desenvolvimento das pessoas e proporcionando condições efetivas de progresso profissional, é promover justiça social e ajudar a construir um país melhor para todos.

* Propostas como essas e vários exemplos práticos podem ser encontrados na publicação *Como as Empresas Podem (e Devem) Valorizar a Diversidade*, disponível para download gratuito no site do Instituto Ethos (www.ethos.org.br).

A titude é fundamental

As mudanças no mundo do trabalho, ocorridas nos últimos anos, estão exigindo esforços cada vez maiores para quem busca uma vaga no competitivo mercado de trabalho. Em entrevista ao Programa Negros em Foco, da Afrobras, veiculado pela TV RBI, canal 14 UHF, a consultora em Desenvolvimento Pessoal e Profissional, mestre em Administração e especialista em Administração de Recursos Humanos, Iêda Neres de Souza, revelou que a capacitação técnica precisa estar aliada a um outro importante conceito para que as pessoas consigam vencer a luta por um trabalho: a atitude. Um processo interno que devemos colocar em prática desde a

infância para que possamos, na fase adulta, ter a segurança de encarar a vida com todos os desafios que ela nos apresenta.

Negros em Foco: *Quem é esse novo profissional do século? Que tipo de postura precisa ter para se adequar a estas novas exigências de mercado?*

Iêda Neres: O mercado hoje mudou muito. Atualmente é difícil contar com empresas que ofertem emprego. A postura das pessoas deve ser a de ter mais atitude. Estamos num mundo altamente competitivo e este profissional tem que se posicionar. Ser mais ousado, mais criativo.

Negros em Foco: *O que as pessoas normalmente têm feito é buscar capacitação. Já virou até febre. Fazem cur-*

sos variados, mas há muita gente boa no mercado, capacitada e que, apesar disso, não consegue emprego.

Iêda Neres: Na verdade nós, profissionais do setor, falamos de competência através do acrônimo CHA – C de competência, H de habilidade e A de atitude. Como adquirimos o conhecimento? Com informações, livros, diálogo, nas salas de aula. A habilidade, aprendemos na prática, colocando a mão na massa. Agora, o problema é o A, da atitude. Muitas vezes temos muito conhecimento e habilidades. Mas e atitude? Quem é que ensina o outro a ter esta atitude?

Negros em Foco: *E o que vem a ser esta atitude? É uma postura?*



Idêa Neres de Souza

Idêa Neres: É ter iniciativa. As faculdades repassam conhecimento, mas não conseguem ensinar o aluno a ter atitude. Podem apenas incentivar, estimular. Porque a atitude é uma iniciativa própria. Mas temos outra faculdade que é a faculdade da vida. E conhecemos pessoas simples, ao nosso redor, que quando a vida disse a elas: não tem o que comer, não tem o que vestir, elas tomaram uma iniciativa de empreender alguma atitude, de forma ascendente, construtiva, para modificar a sua realidade.

Negros em Foco: Pessoas que, apesar de ter muito conhecimento, capacitação, não se importam em investir num carrinho de cachorro-quente para tentar a sobrevivência tomaram uma atitude?

Idêa Neres: Isso. Atitude de mudar alguma coisa. Às vezes um pai coloca um filho em algum curso para que adquira conhecimentos, habilidades mais complexas como exige o mercado. Só que não dá resultado. E o pai fala: puxa vida, o meu filho não conseguiu nada. E não percebe que

o filho não tem atitude. Ele, para bancar este filho, se vira, acaba sendo um pintor, um feirante, empreende muitas ações para ajudar esse filho. Mas o filho não tem atitude.

Negros em Foco: Mas existem muitas pessoas que já tomaram alguma atitude de empreender alguma coisa e não deu certo. E af desistem. Outras não têm força, coragem mesmo, para tomar alguma atitude. Como é que se resolve isto?

Idêa Neres: Quando nós nascemos, o que nasce junto com o bebê é o medo. Ele estava confortável no ventre materno, com alimentação automática e, de repente, tudo mudou. E fica aquela sensação de medo, de perda. Começamos então a ter atitudes para evitar outras perdas, evitar a dor. Isso se repete ao longo da nossa vida.

Negros em Foco: Este medo de que você fala é, na verdade, insegurança?

Idêa Neres: Sim. Existem vários tipos de pessoas que, para evitar a dor da perda, dá um passo além. Outras evitam tomar alguma atitude para não perder a zona de conforto. Outras se colocam como vítima. Vítimas da sociedade injusta. Então acabam partindo para as drogas, a marginalidade. Porque ela precisa justificar a perda. Eu sou o injustiçado. Então, eu vou agir de maneira a chamar a atenção da sociedade porque eu estou perdendo, e eu vou chamar a atenção desta forma.

Negros em Foco: Pelo que você diz, a atitude então deveria ser uma prática que os pais poderiam incentivar em seus filhos desde pequenos?

Iêda Neres: O filho precisa perceber que ele faz parte de um grupo e ver o ambiente que está a sua volta. Deve descobrir o que pode fazer para contribuir. Cada um tem uma parcela de responsabilidade. É comum vermos um pai falar ao filho, que completou vinte e tantos anos, que está na hora dele tomar atitude, de entrar no mundo do trabalho. Só que a atitude não é familiar para este filho. Ele não tem iniciativa em casa. Não é uma pessoa que exerceu isso. Sempre contou com alguém que fizesse isso no lugar dele.

Negros em Foco: Pode-se dizer que não foi educado para isto?

Iêda Neres: É isso. Tem ainda outra situação em que pessoas encontram trabalho, mas reclamam que o dinheiro é pouco. O problema é que nem sempre a questão é o dinheiro. A pessoa precisa ousar, ir um pouquinho além deste medo. Por exemplo, se ela vai a um posto de gasolina e pergunta para o proprietário se ele poderia dar uma oportunidade para ela trabalhar no local, dizendo que precisa exercitar alguma atividade, que a remuneração pode ser pequena, ou mesmo sem remuneração, apenas para que ela comece no mundo do trabalho, o que ocorre? Ela pode ouvir um não. Mas esta ousadia vai permitir que ela ouça também um sim. E esta postura é importante porque a pessoa está indo a campo e ousando. Se ela vai prestar trabalho numa ONG, ela pode não ganhar dinheiro a princípio, mas está indo um pouquinho mais à frente.

Negros em Foco: Aliás, o terceiro setor está se mostrando bastante importante

na captação de pessoas que ainda não trabalharam, e que querem ser voluntárias para ter um aprendizado.

Iêda Neres: A pessoa pode não ser remunerada num primeiro momento. Porque dinheiro é uma consequência. Nós precisamos nos mover, tomar atitudes. Porque quando a gente movimenta as atitudes e as coisas começam a acontecer. Nós movimentamos o mundo através de nossas ações. Se tivermos medo, recuarmos, nada vai acontecer.

Negros em Foco: Como este conceito de atitude pode ser analisado do ponto de vista dos afro-brasileiros, tendo em vista toda a história dos negros neste país?

Iêda Neres: Cada um de nós enxerga o mundo de uma determinada forma. Nós temos então os modelos mentais que são compostos por tudo o que chega até nós em termos de cultura, de criação, de formação, das pessoas que estão à nossa volta. Então, todo este grupo de informações vai fazendo com que a gente enxergue o mundo de uma forma diferente. E aí o problema é que, quando a pessoa ouve muito ao longo da sua existência que você é incapaz, que o outro pode e você não, as pessoas vão ficando com um modelo empobrecido de realidade dentro de si. Passam a enxergar as coisas de uma forma limitada. Não se sentem capazes de ir além. Isso realmente prejudica. Nós agimos de acordo com as crenças que temos internamente e o problema é: se eu acreditar que o outro me vê desta forma, eu acabo me limitando. Já

que o outro não me aprova, eu vou recuar, eu me encolho e aí as coisas acabam ficando piores. A maestria da vida, ou seja, as realizações, estão exatamente à frente do nosso medo, quando a gente vai um pouquinho mais além. Quando nos permitimos prestar um pouco mais de atenção e dizer: eu consigo ir mais além e não é exatamente isso que as pessoas estão falando. Assim, eu começo a ter um autoconhecimento e perceber que a maestria está além. Nós negros, temos filhos e um grupo de pessoas da nossa raça sob o qual temos responsabilidade. Temos uma missão em relação a este grupo. Porque se também nós não fizermos como nossos antepassados, que tiveram o brilhantismo em termos de luta, vamos ficar sempre falando de coisas pequenas.

Negros em Foco: O risco é ficar sempre esperando que alguém abra uma oportunidade para a gente...

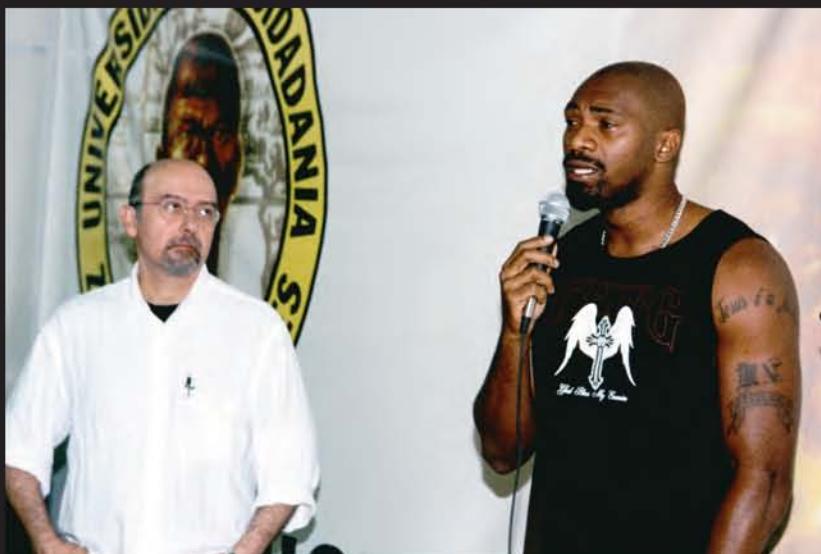
Iêda Neres: Exatamente. Nós temos que criar oportunidades e ultrapassar os nossos desafios. O que eu vejo é que o que acaba sendo ressaltado, muitas vezes, é o problema, a dificuldade. Mas temos que pontuar o que está sendo conquistado. Como vocês fazem aqui no programa. O que está sendo ressaltado é o que as pessoas conseguem, as pessoas que estão indo além, que acabam sendo tomadas como exemplo. Vamos, a partir de agora, falar dos aspectos positivos. Do que estamos construindo. Porque se todos os programas culturais falarem sobre esta auto-estima, nós já estaremos construindo muito.

Um ano no ar

No último dia 3 de outubro, o Programa Negros em Foco completou um ano no ar. Uma vitória e tanto para uma iniciativa marcada pelo ineditismo na forma, na apresentação e no conteúdo. Único programa da televisão que discute, semanalmente, assuntos como preconceito, inserção social, ações afirmativas, direito e cidadania sob o ponto de vista e interesse maior da população afro-descendente, estes primeiros 12 meses do Negros em Foco serviram para confirmar que existe, sim, muito espaço nos meios de comunicação para atrações que levem em conta a diversidade da população brasileira. Que é preciso acordar para o fato de que é preciso dar visibilidade aos aspectos culturais e sociais das populações menos favorecidas, bem como levantar problemas e apontar caminhos para possíveis soluções que levem a uma condição de vida melhor

dos negros e afro-brasileiros que são maioria no nosso país.
Para festejar este primeiro ano de Programa, a Afrobras, responsável pela iniciativa, promoveu uma festa na

sede da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares. A comemoração começou com o lançamento do livro Cabeça de Porco, de autoria do rapper MV Bill, do empresário do



Luis Eduardo Soares e MV Bill



Marco Antônio Zito Alvarenga, João Bosco, Nill Marcondes e Thobias da Vai-Vai

HIP HOP, Celso Athayde e do antropólogo e ex-subsecretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro, Luís Eduardo Soares. Participaram ainda do evento lideranças políticas e do movimento negro, além de espectadores, alunos e representantes de entidades civis.

Para o cantor e compositor Lula Barbosa, o primeiro aniversário do Negros em Foco mostra que a iniciativa tem

contribuído para uma maior inserção do negro na nossa sociedade. “É inegável que o programa tem ajudado a difundir a nossa cultura, a nossa história. E espero que continue a ajudar cada vez mais”, disse. Para Camila Franco, espectadora-mirim do Negros em Foco, a atração “é bastante interessante e cultural”. Com apenas 9 anos, Camila revelou que não perde um programa, todos os domingos.



Francisca Rodrigues e Telma Alves, apresentadoras

Na avaliação de Alexandre Mello, militante do movimento negro, a iniciativa é de fundamental importância porque discute as relações raciais, sociais e políticas, semanalmente. “É isso que nós, intelectuais, políticos e líderes de movimentos sociais, precisamos. De uma discussão que seja cotidiana, atualizada, e não que aconteça apenas nos meses de maio e de novembro, como muitas emissoras e órgãos de comunicação fazem. Nós precisamos disso no dia-a-dia”, afirmou.

“A bem da verdade, esta é uma conquista de muitos amigos e amigas que contribuíram para que tivéssemos um espaço de comunicação que privilegiasse as coisas do negro brasileiro, os valores da cidadania e que pudesse ser feito com muita qualidade e muita informação”, frisou o presidente da Afrobrás, José Vicente, durante a comemoração. O Programa Negros em Foco é realização da Afrobrás e Unip e é transmitido pela RBI (Rede Brasileira de Integração), canal 14 - UHF, todos os domingos, às 21h30, com reprise às quartas-feiras, às 21h00.



MV Bill, Rappin Hood e alunas da Unipalmars

Agenda Cultural

Uma seleção do melhor da programação de arte e cultura

Por: Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br)



Artes Visuais



O Mundo Encantado de Hans Christian Andersen

Sesc Pompéia exibe mostra multidisciplinar como parte das comemorações mundiais dos 200 anos de nascimento do escritor dinamarquês, autor de contos clássicos como “O Patinho Feio”, “O Soldadinho de Chumbo”, “A Roupa Nova do Imperador”, entre tantos outros.

Logo na entrada da exposição, o visitante é surpreendido pela presença de quatro soldadinhos de chumbo. Daí para frente, a sensação é de penetrar num universo repleto de magia e imaginação. Na mostra cenográfica há mostras de fotografias, livros raros, reprodução de recortes, bonecos articulados que, para se movimentar, dependem da interação do público e de um labirinto de espelhos. Entre as obras expostas, chama a atenção o retrato de Hans Christian Andersen realizado pelo artista pop norte-americano

Andy Warhol. No local do evento estão disponíveis apenas para consulta local diversos títulos do escritor dinamarquês. Ficará em cartaz até o final da mostra o espetáculo teatral “Patinho Feio, o vôo de Andersen”, com a Cia. Teatro Por Um Triz, da Cooperativa Paulista de Teatro. Direção de Cris Louzano.

Onde: Sesc Pompéia. Rua Clélia, 93 – Pompéia. **Quando:** até 13 de novembro. De terça a sexta, das 9h30 às 19h30, e sábados, domingos e feriados, das 9h30 às 18h30. Teatro “Patinho Feio, o vôo de Andersen”. De terça a sexta, 10h30 e 15h, e sábados, domingos e feriados, 11h e 15h.. Tel. 0800 11 8220. **Toda a programação é gratuita.**

Encontros Improváveis

Com a concorrida série Encontros Improváveis, o Centro Cultural Banco do Brasil apresenta encontros inusitados entre personalidades da música e de outras áreas profissionais para conversas sobre temas diversos. Dia 16 de novembro será o encontro de Walter Franco e Nelson Motta. Dia 14 de dezembro será a vez de André Abujamra com Glauco Mattoso.

Onde: Teatro do Centro Cultural Banco do Brasil. Rua Álvares Penteado, 112, Centro. Próximo às estações Sé e São Bento do Metrô. **Informações:** 11 3113-3651. Sempre às quartas-feiras às 13h e às 19h30.

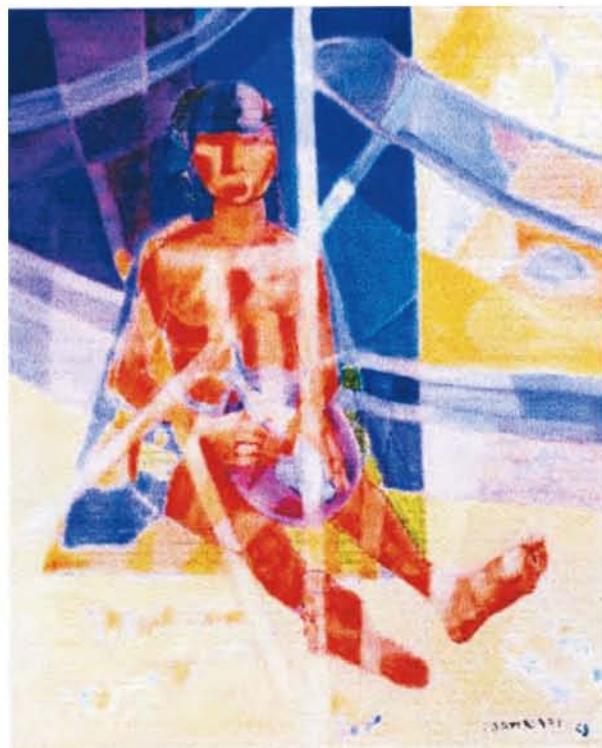
Teatro

Madame de Sade



Escrita por Yukio Mishima e direção de Roberto Lage, a peça *Madame de Sade* investiga, por meio do universo feminino, episódios da vida do aristocrata francês Marquês de Sade. A atriz Bárbara Paz protagoniza a *Madame de Sade*, esposa do Marquês.

Onde: Teatro do Centro Cultural Banco do Brasil. Rua Álvares Penteado, 112, Centro. Próximo às estações Sé e São Bento do Metrô. **Quando:** até 11 de dezembro. Sábado e domingo às 19h30. Informações: 11 3113-3651.



Cândido Portinari
India Canjá, 1959
Óleo sobre madeira, 100 x 81 cm
Coleção Particular, RJ

Exposições

O'Brasil – da Terra Encantada à Aldeia Global

A exposição O'Brasil – da Terra Encantada à Aldeia Global, organizada pela Fundação Armando Álvares Penteado, com curadoria de Denise Mattar, exibe 284 obras, entre quadros, objetos indígenas, fotografias, mapas, reproduções de gravuras, e explica, de maneira didática, como as artes visuais retrataram o índio em diferentes movimentos e períodos da história do Brasil. Revela-se também curiosa parte da mostra dedicada à origem e ao significado do nome Brasil. Estão presentes, entre outros, obras de Cândido Portinari, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. Após visitar a exposição, vale a pena esticar e conhecer o Memorial dos Povos Indígenas, que, de acordo com Oscar Niemeyer, “trata-se de uma obra diferente destinada a levar a todos

que a visitarem a história do índio brasileiro e sua trajetória dolorosa no país”.

Onde: Palácio Itamaraty – Brasília. **Quando:** de 21 de outubro a 4 de dezembro de 2005. De segunda a sexta, das 10h às 19h. Sábados, das 10h às 18h. Domingos e feriados, das 13h às 18h. Telefone para agendar visitas e para informações: 61 3349-8124, com Daniela. Entrada franca.

Memorial dos Povos Indígenas. Eixo Monumental Oeste – Praça do Buriti. Brasília – DF. De terça a sexta, das 9h às 18h, e sábados, domingos e feriados, das 11h às 5h. Mais informações: 61 3226-5206.



6º Bienal Internacional de Arquitetura

Em sua 6ª edição, a Bienal Internacional de Arquitetura, com curadoria de Pedro Cury e Gilberto Belleza, apresenta amplo panorama da arquitetura, tanto no Brasil como no mundo. Com o tema “Viver na Cidade: Arquitetura, Realidade, Utopia”, a presente edição, realizada pelo Instituto de Arquitetos do Brasil com o apoio da Fundação Bienal de São Paulo, propõe estimular as reflexões sobre os desafios nas grandes metrópoles. Estão presentes representações da Argentina, Alemanha, África do Sul, Áustria, Brasil, China, Cingapura, Estados Unidos, França, Holanda, Israel, México, Portugal e Suécia. O evento homenageia, no espaço das Mostras Especiais, os arquitetos Alvar Aalto (1898-1976) e Le Corbusier (1887-1965).

Onde: Fundação Bienal de São Paulo. Av. Pedro Álvares Cabral, s/nº. Parque Ibirapuera, portão 03.

Quando: Até 11 de dezembro. De terça a quinta, das 12h às 22h e sextas, sábados e domingos, das 10h às 22h. Ingresso: R\$ 12 (crianças até 6 anos não pagam).



Xul Solar. Visões e Revelações

Pinacoteca exibe maior retrospectiva do artista argentino no Brasil

A mostra Xul Solar. Visões e Revelações, com curadoria de Patrícia Artundo, exibe 150 trabalhos do artista Oscar Agustín Alejandro Schults Solari (1887-1963), precursor do Surrealismo na Argentina, seu país de origem. As obras são provenientes do Museu Xul Solar e da Fundação Pan Klub. Com o intuito de dialogar com a complexidade do artista argentino, a exposição possui também obras de artistas brasileiros como Ismael Nery, Vicente do Rego Monteiro e Lasar Segall, selecionados por Jorge Schwartz. Interessante notar a influência do interesse do artista sobre astrologia em muitos de seus quadros.

Onde: Pinacoteca do Estado de São Paulo. Praça da Luz, 2.

Quando: De terça a domingo, das 10h às 17h30. Ingresso: R\$ 4,00. Até 30 de dezembro. **Informações:** 11 3229-9844.



Adeus à invisibilidade

Por: Lúcia Araújo, gerente-geral do Canal Futura

Dar boa notícia também é um grande prazer para um jornalista. É quando a gente se sente testemunha e narrador de uma história que vai entrar para História. Foi assim no último mês de setembro para nós que fomos o Futura. Neste mês, dedicado a um dos maiores feriados pátios, foi também tempo de revisitar nossa galeria de heróis e de reconhecer sua contribuição para a construção de um país.

A série “Heróis de todo mundo”, que aborda a trajetória de 30 personalidades afro-brasileiras e está sendo exibida no Canal Futura e na TV Educativa, representa um dos marcos mais significativos do projeto “A Cor da Cultura”, que busca retirar da invisibilidade a participação dos afro-descendentes na história e na cultura brasileiras. Trata-se de uma iniciativa da Secretaria Especial de Políticas de

Promoção da Igualdade Racial - SE-PPIR, da Petrobrás, do Centro Brasileiro de Informação e Documentação do artista Negro - CIDAN, da TV Globo e do Canal Futura para apoiar a implantação da lei 10.639, que introduz o ensino dos conteúdos da história afro-brasileira nas escolas brasileiras.

A Cor da Cultura é um projeto de dois anos que compreende diferentes dimensões: produção e exibição de programas de TV e o desenvolvimento de um kit contendo também material para o professor, jogos, cds. O projeto será implantado em mais de 3 mil escolas, através de parceria com o MEC e MinC.

A oportunidade de dar forma a uma iniciativa tão pioneira e necessária foi, também para o Futura, período de aprendizagem, de imersão nos fatos, nas ficções, nos próprios paradig-

mas do canal. Para viabilizá-la, um primeiro gesto foi fundamental: este deveria ser um projeto de concepção coletiva, de realização plural, em que um pouco de todos estivesse presente e se harmonizasse... Para isso foi fundamental a articulação com os especialistas, com os movimentos sociais e as ONGs.

A soma dessas experiências resultou na produção de 56 programas de TV, divididos em cinco séries destinadas a diferentes segmentos de público. Com “Ação”, da TV Globo, mostramos, em quatro edições do programa, diferentes projetos educacionais e comunitários voltados para o reconhecimento do valor da presença africana em nossa história. Através da série “Nota 10”, do Canal Futura, voltada para a capacitação de professores, mostramos como o tema pode ser

tratado em sala de aula. Uma série de dez programas da série “Livros Animados”, voltada para o público infantil, abordou 20 lendas afro-brasileiras. Além da série “Heróis de todo mundo”, citada anteriormente, a Cor da Cultura lança em novembro, mês da Consciência Negra, “Mojubá”, série de cinco documentários sobre religiosidade e cultura de matriz africana, que será exibida no Futura e na TVE.

No ano de 2006 o esforço será o de distribuir os kits, contendo os programas e material de apoio ao professor, às três mil escolas públicas que farão parte do projeto piloto de implantação e capacitar os educadores para o uso do material em sala de aula.

Com essa iniciativa, o projeto A Cor da Cultura dá uma contribuição pioneira para reconhecer o valor estruturante dos afro-descendentes na nossa história, reparando capítulos e personagens fundamentais que foram apagados da memória e esquecidos pelos livros escolares. E com esse gesto, devolver a todos os outros brasileiros o direito a um passado plural.

Se com esse gesto ainda não somos capazes de fazer justiça a tantos heróis que continuam anônimos, temos a certeza de que trabalhamos para a criação de novos paradigmas capazes de incorporar a diversidade, inclusive de nossos heróis, como um valor essencial tanto para a televisão como para a educação.



Lúcia Araújo

Gente
de
Raca

Eles desafiaram preconceitos, lutaram contra discriminações, venceram o conformismo. Série de TV do projeto A Cor da Cultura, que destaca heróis negros da nossa história, foi lançada no Rio de Janeiro.

Imagina voltar no tempo e encontrar de Aleijadinho a escritores como Auta de Souza e Machado de Assis, passando pelo abolicionista José do Patrocínio e por mestres da música, como Elizeth Cardoso e Pixinguinha? Essas e outras personagens que representam o legado deixado por muitos afrodescendentes no Brasil estão na série Heróis de todo mundo, lançada no último dia 27 de setembro, no Palácio Itamaraty, no Rio de Janeiro.

Heróis de Todo Mundo está no ar no Canal Futura desde 28 de setembro, às 16h25, e é um reforço de peso no resgate e na valorização da história e da cultura afro-brasileiras. Tem como protagonistas personalidades que interpretam homens e mulheres negros que se destacaram em diferentes áreas do conhecimento no Brasil. Artistas como, Zezé Motta, Taís Araújo, Ruth de Souza, Tony Garrido, Maurício Tizumba e Milton Gonçalves, além de escritores como Joel Rufino e Muniz Sodré, personalidades do mundo do samba, como Neguinho da Beija-Flor, Jards Macalé, Haroldo Costa e Martinho da Vila e até um ministro, Joaquim Barbosa, do STF, são alguns dos nomes que entram em cena na série para dar vida a heróis do passo.



Neguinho da Beija-Flor, de Paulo da Portela



Tony Garrido, de Pixinguinha

Quem são os heróis? Aleijadinho (Emanoel Araújo); Pixinguinha (Tony Garrido); Auta de Souza (Taís Araújo); João Cândido (Jorge Coutinho); Milton Santos (Kabengele); Luiz Gama (ministro Joaquim Barbosa); Lélia Gonzalez (Sueli Carneiro); Francisco José do Nascimento (Milton Gonçalves); André Rebouças (Alexandre Moreno); Cruz e Souza (Maurício Gonçalves); Adhemar Ferreira da Silva (Robson Caetano); Antonieta de Barros (Maria Helena); Tia Ciata (Leci Brandão); Teodoro Sampaio (Muniz Sodré); Leônidas da Silva (radialista Antônio Carlos); Benjamim de Oliveira (Maurício Tizumba); José do Patrônio (Nei Lopes); Lima Barreto (Joel Rufino); Mario de Andrade (Jards Macalé); Carolina Maria de Jesus (Ruth de Souza); Chiquinha Gonzaga (Illa Ferraz); Juliano Moreira (Dr. Deusdeth); Mãe Menininha (Ângela Ferreira); Mãe Aninha (Chica Xavier); Elizeth Cardoso (Zezé Motta); Machado de Assis (Paulo Lins); José Correia Leite (Haroldo Costa); Jackson do Pandeiro (Flávio Bauraqui); Paulo da Portela (Neguinho da Beija-Flor) e Zumbi dos Palmares (Martinho da Vila).

Heróis de Todo Mundo integra o projeto de valorização da história e da cultura afro-brasileiras “A cor da cultura”, que está produzindo conteúdos impressos e séries de televisão. Reunido em um kit educativo, esse material será disseminado em duas mil escolas públicas, como ferramenta de apoio à lei que institui o ensino de história e cultura da África e dos povos afro-descendentes na grade curricular dos ensinos funda-

mental e médio das escolas do país. A série começa a ser exibida no dia 28, no Canal Futura, e também vai ao ar na TVE Brasil e na TV Escola, do governo Federal.

O "A Cor da Cultura". É uma iniciativa da Petrobras, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República – SEPPIR, do Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro – CIDAN, da TV Globo, da Fundação Roberto Marinho, por meio do Canal Futura. O projeto está produzindo conteúdos impressos e audiovisuais – 56 programas para TV – divididos em cinco séries que, além de valorizar a história e a cultura afro-brasileiras, têm ainda por objetivo fornecer um panorama dos afro-descendentes no Brasil, contemplando as diversidades regionais, culturais, religiosas e de gênero.

O projeto é uma ferramenta da sociedade civil e do governo para validar a Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que tornou "obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira" nas grades curriculares dos ciclos fundamental e médio ministrados nas redes oficiais e públicas do país. Em detalhes, a legislação prevê que o conteúdo programático inclua a "história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil".



Taís Araújo, de Auta de Souza

Além dos 30 interprogramas de Heróis de todo mundo, foram produzidos quatro episódios do programa Ação, sobre iniciativas sociais afirmativas desenvolvidas por organizações não-governamentais em todo o país; dez da série Livros Animados - que incentiva a leitura - destacando escritores, temáticas e artistas ne-

gros; e cinco do Nota 10, que é voltado para metodologia de ensino e formação de educadores. Ainda está em fase de produção a série Mojubá, que se constitui de sete documentários sobre a religiosidade de matriz africana, a história dos quilombos e de outros valores da negritude presentes na cultura brasileira.

B erços da Cultura Negra moderna...

Berços das desigualdades raciais e sociais

*Por: Maurício Pestana, Cartunista e
Publicitário
www.mauriciopestana.com.br*

"Ali é o Cemitério dos ricos, custa caro ter um mausoléu ali. Não existem negros com mausoléus neste cemitério, a não ser eu! E foi uma briga: meu marido não queria que eu comprasse e me disse: 'Quando morrer, quero ser enterrado em um cemitério simples, ao lado do meu povo'. Assim mesmo eu comprei. Hoje, ele está lá enterrado no cemitério em outro canto da cidade, ao lado dos negros. Eu serei enterrada aqui. Minha mãe já está neste local. Lembro de uma vez, quando ela ainda era viva, veio aqui e disse: 'Maravilha este lugar. Tem até ar condicionado, está no caminho do aeroporto, jardins, bosques, dá até vontade de morrer'!"

Com este diálogo tétrico e fúnebre, aquela senhora setentona, de cabelos grisalhos e olhar penetrante, bonita,

forte e elegante - lembrava minha mãe e algumas tias que acompanharam minha infância, pela bondade e generosidade - continuou o diálogo dirigindo seu enorme e confortável carro, mostrando-me sua cidade...

"Aquela é a Igreja que freqüento. Só existe eu e mais uma pessoa negra naquela igreja. Freqüento ela há muitos anos e sei que os brancos devem se perguntar o que faz essa negra aqui? Não estou nem aí pra eles. A igreja é maravilhosa. Tenho poucas amigas aí: umas 2 ou 3, numa comunidade que reúne mais de 300 pessoas, todas brancas. Mas acho que temos de romper as barreiras e desfrutar do que há de melhor na cidade. E se isso está com os brancos, é lá que devemos estar. Os meus amigos e parentes negros não entendem e vivem dizendo: 'Vai lá pra sua igreja branca'.

Por falar nisso, estamos entrando agora no bairro dos brancos. Está vendo ali, todos os iates, restaurantes, uma fortuna... Nunca vi um negro por aqui, consumindo ou se divertindo. E as casas? Dê uma olhada! São verdadeiros castelos: as ruas, todas arborizadas com jardins, um verdadeiro paraíso. Está vendo aquela casa com as pilástras brancas em estilo gótico? É minha preferida daqui. O dono me parece que é proprietário de uma refaria de petróleo. E está vendo a outra casa, maravilhosa, ao lado? Ali mora a única família negra deste bairro. Às vezes, paro aqui e fico me perguntando: o que será que esses negros fazem? O dono deve ser diretor de alguma multinacional....Adoro passar aqui e ficar admirando a casa dele.

Por falar em negro, vou levá-lo no

bairro negro, primeiro e único de classe média, depois num bairro pobre, para que você possa ver como os negros pobres vivem nessa cidade. 15 minutos depois...

Pronto. Chegamos. Aqui moram os negros mais ricos desta cidade: o prefeito mora ali naquela casa azul, mais à frente mora uma senadora negra. Enfim, neste bairro moram políticos, empresários, alguns músicos de sucesso e esportistas. Embora os negros que moram aqui sejam ricos, dá pra ver que este bairro é bem inferior ao dos brancos que vimos agora há pouco. E desconfio que seja porque eles ficaram ricos bem antes que a gente e escolheram os melhores lugares para morar, próximo à marina. Até hoje eles têm mais dinheiro que a gente e por isso vivem melhor que nós.

Agora vou levá-lo ao bairro pobre: Eis o berço da pobreza desta cidade e deste estado. Tudo aqui é muito ruim. Isso aqui era um pântano e foi aterrado. O cheiro é horrível. Repare as casas: a maioria é de madeiras erguidas sob pilares, por conta das enchentes. E as escolas públicas? Olhe aquela lá: não tem janelas, parece uma prisão. Há muita pobreza, violência e desrespeito por parte do poder público. Aqui tudo fede."

De volta, levando-me para o hotel, ela mostrou-me onde morava e apontou-me sua vizinha e disse:

"Está vendo aquela mulher branca que está próxima do meu portão? É minha vizinha branca. Nos conhecemos há mais de 30 anos. Quando mudei para este bairro, não havia negros por aqui. Ela odiava morar ao lado da única negra do bairro. Até hoje não nos falamos, envelhecemos juntas, mas



Mauricio Periana

não estou nem aí pra ela, espero que quando formos para o céu, o Senhor me coloque morando ao lado dela por toda a eternidade.... Só pra ela sofrer eternamente."

Quando cheguei ao hotel, antes mesmo de me despedir, logo fui dizendo: quero seu endereço, pois se voltar à sua cidade, gostaria de vê-la novamente! Ela me disse que esperaria na mesma casa, pois mesmo quando ocorria tempestade e a prefeitura pedia para que as pessoas do bairro evacuassem a área por conta das enchentes, não tinha o hábito de deixar sua casa.

Disse a ela que me sentia um privilegiado de conhecê-la e de conhecer a sua cidade. Perguntei se ela fazia isso sempre? Ela me respondeu: "Faço esse tour há muitos anos, mas escolho as pessoas para mostrar a cidade. Escolho sempre negros, nunca mostro minha cidade a brancos. Gostei de você, tinha o perfil que me agradava, foi muito bom". E com um sorriso angelical despediu-se.

Na hora, não tive como conter as lágrimas da despedida e da alegria de ter

conhecido esta cidade por uma ótica diferente da que tinha visto na noite anterior no bairro francês (centro histórico), cidade que havia tanto sonhado em conhecer, pois era o berço do jazz e do blues, ritmos que enriqueceram culturalmente a humanidade no século XX, dando origem ao rock, ao pop e à moderna música americana, que popularizou gênios como B.B King, Louis Armstrong, Sarah Vaughan, Ray Charles, entre outros, e só não conseguiu acabar com o racismo, com o preconceito e com as desigualdades.

Neste momento, lembrei-me de outra cidade, que também caracterizou-se como berço de um ritmo negro, o samba, que hoje consegue realizar a maior manifestação cultural do planeta: "o Carnaval". Esse ritmo também eternizou nomes como Pixinguinha, Cartola e Clementina de Jesus, dando origem à bossa nova e à música popular brasileira e igualmente só não foi capaz de acabar com as desigualdades raciais e sociais. Ao contrário de Nova Orleans, devastada de uma só vez pelo furacão Katrina, o Rio tem sido devastado ao longo dos anos pelo descaso, pela discriminação, pelo abandono e pela violência.

É impossível não comparar esses dois berços da cultura negra moderna; é impossível não comparar esses berços de desigualdades sociais e raciais.

* Texto oferecido a Mrs. Carolyn Baumann, voluntária por uma tarde mostrando-me sua cidade, 'Nova Orleans', há exato um ano - novembro de 2004, em um programa de intercâmbio cultural. Infelizmente desde o furacão Katrina, não tive mais notícias suas.

educação em primeiro lugar

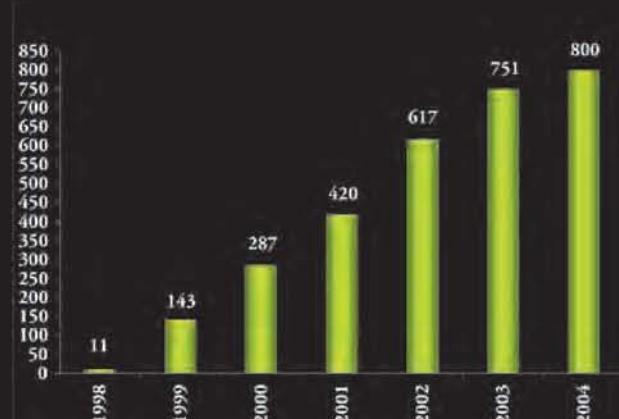
Recente estudo divulgado pelo IPEA revela que o abismo salarial que separa negros e brancos no Brasil tem diminuído. A educação, aliada a uma série de ações afirmativas, torna-se forte alicerce e com propriedade contribui para uma mudança significativa no cenário do povo negro do país. Prova de que a “Liberdade vem da Educação”

Há 15 anos, a média dos rendimentos entre um trabalhador branco, de 48 a 50 anos, era 130% maior do que de um negro. Em 2002, essa diferença caiu para 90%. Entre os trabalhadores da faixa etária de 24 a 26 anos, o percentual ficou ainda menor: 62% (1990) e 55% (2002). Esses números demonstram uma redução da desigualdade racial entre os brasileiros separados pela cor ou raça, em quase todos os grupos etários analisados de 21 a 65 anos. O levantamento é do IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, a partir de outras informações colhidas na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Os pesquisadores responsáveis pelo estudo *Race discrimination in Brazil: an analysis of the age, period and cohort effects* – Maurício Cortez Reis e Anna Risi Crespo levantaram a seguinte hipótese para essa mudança no quadro estatístico: um melhor acesso às escolas. A média de anos de estudo entre os grupos de brancos mais velhos (48 a 50 anos) de 3 anos (1990) decaiu para o trabalhador negro em 2,4 anos (2002). O percentual se equipara em 2 anos para negros e brancos entre os que figuram na faixa de 24 a 26 anos, também no mesmo período (veja quadro Diminui a Desigualdade Racial na Renda). Outro técnico de Planejamento e Pesquisa, também do IPEA e especializado em educação, Sergei Soares, já havia demonstrado que a desigualdade salarial entre os grupos raciais tem como foco principal o acesso diferenciado à educação. Em seu estudo, concluído em 2000, a diferença de qualificação influenciava nos salários acima em até 73,5% para os brancos.

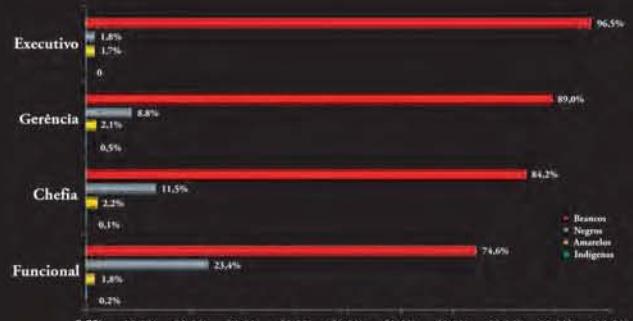
Desigualdade racial

Gráfico 1 - Empresas com responsabilidade social



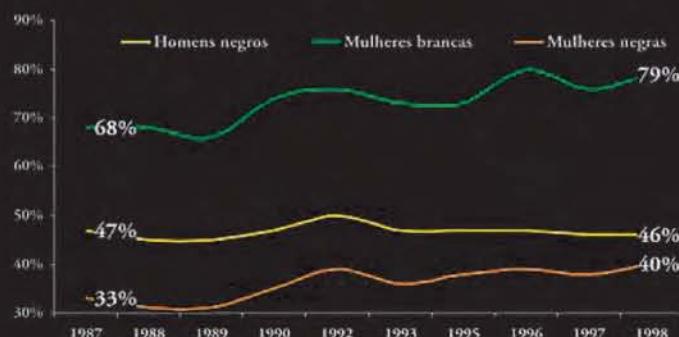
Filiadas ao Instituto Ethos que olha os quesitos:
Projetos sociais, governança corporativa e empowerment

Gráfico 2 - Distribuição por raça ou cor



Fonte: Instituto Ethos

Gráfico 3 - Rendimentos de homens negros, mulheres brancas e negras como percentagem dos homens brancos



Fonte: Microdados PNAD padronizados pelo IPEA/Sergio Soares

No ano seguinte, o Instituto, por intermédio de Ricardo Henriques, secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, apresentou um estudo comparativo do grau de escolaridade desde 1929, constatando que não houve uma diminuição na distância em anos de estudo. Hoje, o quadro se agrava ainda mais no Norte e Nordeste, onde o censo escolar registra 70% de repetência dos que ingressam na primeira série do ensino fundamental, enquanto a média é de 40% nas outras regiões para os que não passam para a segunda série. Preocupado com as

questões que envolvem a inclusão de classes, o secretário propõe incorporar ao Plano Nacional de Educação - PNE metas que venham traduzir a democratização com equidade e com qualidade, levando em conta os cortes de gênero, orientação sexual e étnico-racial.

Menos discriminação

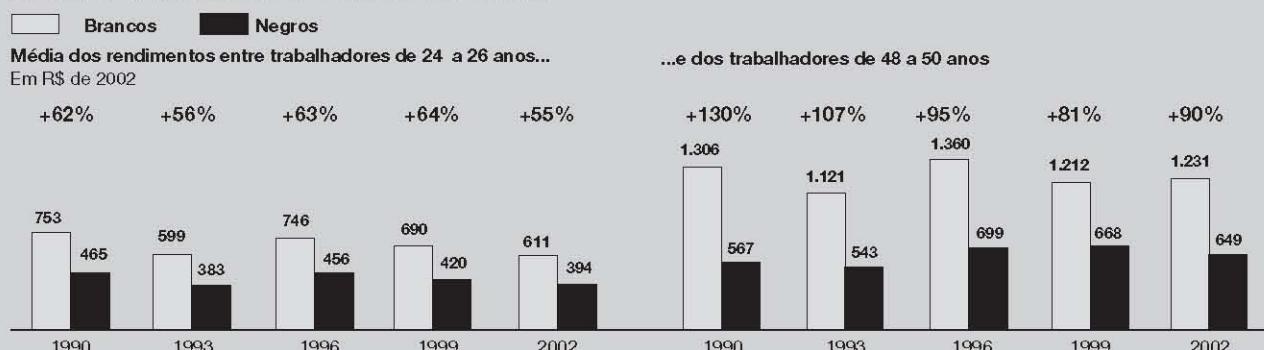
No estudo recém-concluído, pelos pesquisadores Reis e Crespo, é feita uma análise dos diferenciais de rendimentos entre brancos e negros. Argumentam que a redução na discriminação

para as gerações mais recentes pode ter desempenhado um papel importante no resultado. Acreditam, ainda, que o aumento da média de estudo pode estar na diminuição da discriminação no mercado de trabalho. Entretanto, é uma tarefa complexa pesquisar a discriminação nesse segmento.

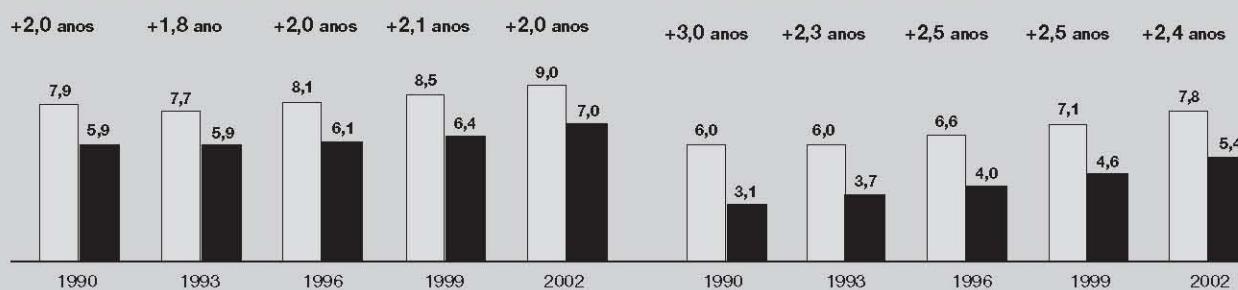
Na realidade, o negro não é igual remunerado ao branco devido, justamente, às diferenças de educação, profissionais (cargo/atividade) e regionais. Essas variáveis podem influenciar na escolha do empregador, independente da cor ou raça do pretendente ao emprego.

Para chegar o mais próximo possível

DIMINUI DESIGUALDADE RACIAL NA RENDA



Média de anos de estudo entre trabalhadores de 24 a 26 anos...



Em 1990, 65% (ou R\$ 186) da diferença de R\$ 288 encontrada entre brancos e negros de 24 a 26 anos era explicada por fatores como escolaridade, região, atividade ou posição. Em 2002, a diferença diminuiu para R\$ 217 e o percentual explicado por esses fatores aumentou para 71%

| Trabalhadores de 24 a 26 anos | | RAZÕES DA DIFERENÇA SALARIAL | | Trabalhadores de 24 a 26 anos | |
|-------------------------------|------------|--|--|-------------------------------|------------|
| Em 1990 | Em 2002 | | | Em 1990 | Em 2002 |
| 288 (100%) | 217 (100%) | Diferença total, em R\$, entre o rendimento dos brancos e negros. | | 739 (100%) | 583 (100%) |
| 186 (65%) | 154 (71%) | Diferença explicada por fatores como educação, região, setor de atividade ou posição na ocupação | | 512 (69%) | 438 (75%) |
| 102 (35%) | 63 (29%) | Diferença explicada supostamente pela discriminação | | 228 (31%) | 144 (25%) |

do que entendem como “discriminação no mercado de trabalho”, os pesquisadores consideraram as variáveis (educação, região e cargo), separando-as da diferença de rendimento entre os grupos de trabalhadores. Nesse sentido, Reis e Crespo concluíram que a maior parte da diferença salarial desaparece. O que permanece, designaram de termo de discriminação.

Em 1990, o peso da discriminação era maior: 35%, entre trabalhadores da faixa etária de 24 a 26 anos. Dez anos depois, 71% da diferença salarial estava relacionada a itens como educação, região, ocupação e setor de atividade, ou seja, 29% de desigualdade é explicada pela discriminação ou por outros fatores. O mesmo se verificou entre os trabalhadores de 48 a 50 anos, cuja diferença percentual de 31% (1990) caiu para 25% (2002).

Um estudo do IBGE, com dados da Pesquisa Mensal de Emprego, de março de 2004, destaca que é bastante diferenciada a situação dos brancos e dos negros ou pardos em relação ao mercado de trabalho. O principal objeto do estudo - centrado nas capitais mais importantes - é mostrar aspectos da realidade sócio-econômica que a reformulação da PME tornou possível captar.

Nas seis regiões metropolitanas estudadas, havia 18,5 milhões de pessoas ocu-

padas, sendo 58,0% brancas e 40,8% negras ou pardas, refletindo a maioria branca da PIA (Pessoas em Idade Ativa). Porém, mostrou-se o inverso entre os desocupados, isto é, 49,2% de brancos e 50,4% de pessoas negras ou pardas. Concluiu-se que os brancos participam mais do mercado de trabalho se comparadas às taxas de atividade e de desocupação por raça e cor e que os negros têm maior dificuldade em encontrar trabalho. Entre a população negra economicamente ativa 56,5%, a proporção de desocupação é de 15,3% e de ocupados de 84,7%. A taxa de desocupação por raça e cor é de 57,5% de brancos economicamente ativos, sendo 11,1% desocupados e 88,9% ocupados. (Taxas de atividade e desocupação da PIA, por cor ou raça, nas Regiões Metropolitanas).

Emprego cresce nas menores empresas

Em 2003, o número de empresas ativas no Brasil atingiu 4,7 milhões, sendo 3,2 milhões constituídas somente pelo sócio-proprietário e 1,5 milhão (31,7%) com empregados registrados. Em 1996, as empresas ativas totalizavam 2,9 milhões e com empregados 992 mil (34,1%), segundo o IBGE. Neste universo, observou-se que, entre

1996 e 2003, a Indústria manteve-se como a principal atividade econômica, mas diminuiu sua participação em empregos e salários. Cresceu em 6,4 % a participação, em empregos, das empresas com até 29 pessoas ocupadas. Já o valor médio real dos salários caiu 11%, de R\$ 590,00 para R\$ 525,29. O comércio foi a atividade com maior ganho em termos de pessoal assalariado (21,9%, em 1996, e 25,8%, em 2003), influenciado, sobretudo, pelo comércio varejista. Destaca-se que o comércio é o maior empregador da população branca e negra, seguido pelos segmentos da construção e dos serviços domésticos que empregam maior contingente da raça. Já a Construção, quinta atividade mais importante em emprego, é a segunda que mais perde no total de pessoas assalariadas no período (1996-2003), passando de 6,2% para 5,4%.

Ações afirmativas

Do ponto de vista microeconômico, o mercado de trabalho é fundamental na determinação dos salários e do emprego. Já do ponto de vista macroeconômico, ele contribui para a compreensão do nível de demanda agregada, do produto e do emprego. Dentro de uma óptica sócio-econômica, o mercado de

Taxas de atividade e desocupação da PIA, por cor ou raça, nas Regiões Metropolitanas

| | Total | Recife | Salvador | BH | RJ | SP | P Alegre |
|----------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Taxa de atividade | 57,1 | 49,4 | 56,8 | 57,2 | 55,3 | 60,1 | 55,8 |
| Branca | 57,5 | 51,3 | 60,0 | 58,1 | 54,4 | 60,0 | 55,8 |
| Preta/Parda | 56,5 | 48,7 | 56,3 | 56,4 | 56,4 | 60,1 | 56,2 |
| Taxa de desocupação | 12,8 | 12,6 | 17,1 | 12,1 | 9,8 | 14,6 | 9,6 |
| Branca | 11,1 | 11,7 | 9,3 | 10,3 | 8,2 | 13,1 | 9,2 |
| Preta/Parda | 15,3 | 13,0 | 18,3 | 13,8 | 11,8 | 18,4 | 13,0 |

Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego - PME - março de 2004

trabalho reflete as condições de vida da população e interage com outras variáveis como migração, características da família, desigualdade e pobreza e produtividade da economia. No contexto brasileiro – e latino-americano – a questão da informalidade e do subemprego também é fundamental: às vezes, na mesma firma, podem conviver formas de trabalho assalariadas e formas precárias de relação entre trabalhador e empregador.

Na pesquisa *Perfil social, racial e de gênero* das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas, realizada pelo Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social em parceria com a FGV-EAESP - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, o IPEA, a OIT - Organização Internacional do Trabalho e o Unifem - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher, mostra que um dos desafios é enfrentar a dificuldade da ascensão dos grupos menos favorecidos (como negros e mulheres) aos postos mais altos da carreira.

A presença de mulheres e de negros nas empresas ainda é reduzida se comparada à participação desses grupos na sociedade brasileira ou até na população economicamente ativa. Em nível de diretoria, o índice de participação das mulheres é de 9%, e o dos negros, 1,8%. Esses percentuais aumentam à medida que se desce na escala hierárquica. As mulheres formam 28% do nível de supervisão e 35% do quadro



Nelson F. Kheirallah

funcional, enquanto os negros são 13,5% dos supervisores e 23,4% do quadro funcional.

Confirma-se a predominância de homens brancos com alto grau de instrução nos principais cargos executivos, já detectada pela primeira pesquisa desse tipo realizada pelo Ethos, publicada em 2002 (Gráficos 1, 2 e 3).

Empresas, como a tradicional Camisaria Colombo, há alguns anos vêm adotando uma postura que privilegia a diversidade. Com a preocupação já voltada ao aprendizado de menores e à oportunidade de emprego ao deficiente físico, partiu para a inclusão

do afro-descendente brasileiro foi apenas um passo. Há dois anos, a Camisaria Colombo (com lojas em todo o país) festejava 86 anos de vida, ocasião em que assinou um contrato com o Sindicato dos Comerciários, e estabeleceu um número de cotas para a contratação de afro-descendentes. A partir daí, outras empresas também tomaram decisão idêntica. Segundo o diretor Nelson F. Kheirallah, o resultado se traduz em 33% de gerentes negros na rede de lojas, isto é, 1/3 dos profissionais em cargo de gerência, incluindo um supervisor para a recém-inaugurada loja no Rio de Janeiro. "A

Colombo deu a oportunidade, eles corresponderam com capacidade, tanto que hoje mantemos a seguinte política: na contratação de 4 funcionários, um deverá ser afro-descendente. Assim, como os demais, ele fará testes, passará por entrevistas e cumprirá o período de experiência". Argumenta, ainda, que apesar de pesquisas demonstrarem o contrário, na Colombo a média salarial é a mesma para brancos e negros.

A ação está de acordo com os resultados colhidos pelo IPEA e evidencia que a diferença racial para as novas gerações vem diminuindo, com o reconhecimento econômico mais do que merecido.

A black and white photograph of a woman with voluminous curly hair singing into a microphone. She is wearing a dark, off-the-shoulder top and large hoop earrings. Her eyes are closed, and she is shouting or singing with intensity. The background is dark, making her hair and face stand out.

A força da Música Preta Brasileira

Uma das principais atrações da edição 2005 do Troféu Raça Negra, a cantora Sandra de Sá, com toda a sua ginga, fala à Revista Afirmativa sobre música, consciência negra e sua vida

Afirmativa – *Como você vê essa movimentação que ocorre hoje de valorização do negro e do resgate da auto-estima?*

Sandra de Sá – Eu acho que a gente está caminhando, ainda está na manivela, mas o importante é que a gente está caminhando, está se conscientizando, começando a ter orgulho de ser brasileiro e isso é altamente importante. É altamente importante para o mundo, que nós, brasileiros, tenhamos consciência de quem somos e do que somos, porque igual a essa terra não existe outra.

Afirmativa – *Como surgiu essa questão da consciência étnica na sua vida?*

Sandra – Acho que todo mundo tem essa consciência. É que nós somos cultuados para não tê-la e nos dão tantas preocupações, tantas outras coisas para pensar, que as pessoas acabam esquecendo de si próprias. Eu sempre me vi assim, eu sempre pensei nessas questões, mas eu sempre quis saber quem eu sou, de onde eu vim, para o que eu vim. Acho que essa busca leva a gente para se achar, de repente não se achar nem por cento como pessoa, mas, também de repente, se achar numa busca, se achar

numa ideologia, se achar num ato, num fato.

Afirmativa – *Como foi essa questão de transmitir essa consciência étnica para o seu filho?*

Sandra – Meu filho tem hombridade, generosidade, auto-estima e eu não preciso falar nada: eu só fui e ele viu e achou legal; quando a coisa é boa, as pessoas vêm, vão fazendo parecido, não igual, mas vão fazendo, pelo menos parecido, trilhando o mesmo caminho.

Afirmativa – *Nesses mais de 25 anos de carreira você acha que usou sua música como instrumento de conscientização em algum momento, ou isso surgiu de modo natural?*

Sandra – Todo o trabalho que um artista de respeito faz, uma pessoa sensível, sá, sempre é para passar alguma coisa, para se mostrar. Quando eu digo se mostrar, quero dizer mostrar a sua ação.

Afirmativa – *Seu trabalho sempre teve essa inclinação para a “música preta brasileira”? De onde surgiu isso, já era uma tendência pessoal?*

Sandra – Eu gosto de tudo e, quando eu digo música preta brasileira, tanto faz ser o maracatu, o jongo ou o rock'n roll; a música preta é a que está no Brasil. Pelo povo brasileiro, é uma música altamente suingada, o brasileiro, mesmo quando não quer, ele suinga, e eu acho que esse suinque vem justamente porque nossa

música começa e termina no tambor, e é uma dádiva que a gente tem. Esse suinque é essa coisa da África, essa coisa preta; o suinque é altamente preto. E não precisa ter a pele preta para ser preto.

Afirmativa – *Mais especificamente falando sobre o Troféu Raça Negra, o que você acha de um projeto como esse e qual vai ser a sua participação esse ano?*

Sandra – Isso para mim é como se fosse um carimbo nos nossos passos, na nossa consciência. É um reconhecimento de dentro para fora e é muito importante. É importante que todo mundo veja que a gente está se reconhecendo a gente como a gente mesmo. A gente está assinando embaixo da nossa força, do nosso poder, da nossa consciência, é esse o carimbo, é essa assinatura.

Afirmativa – *Esse ano o show vai ser Sandra de Sá e Luiz Melodia Convadam. Como que está a expectativa para isso?*

Sandra – A expectativa é a melhor possível. Eu acho que vai ser muito lindo, eu estou orgulhosa e feliz de estar participando, mais uma vez. A festa vai ser muito bonita, a comunhão vai ser muito legal.

Afirmativa – *Como surgiu o convite?*

Sandra – Desde o ano passado, conheci a Afrobras e me apaixonei pelo projeto como um todo e me chamaram para fazer a festa.

N
ostrando

nosso

valor

a

cada momento

Graças a batalhas árduas, o povo negro hoje obteve conquistas significativas em algumas áreas e consegue ver o seu reflexo na mídia brasileira



Seu Jorge

Em 1971, Jorge Ben alcançava as paradas de sucesso com o disco *Negro é Lindo*. Embalados pela letra que dizia “Negro é lindo, negro é amigo, negro também é filho de Deus...” a juventude negra passava a se assumir como tal e a se admirar.

O surgimento de diversas entidades de luta pelo direito da população afro-descendente, naquela época, talvez tivesse nas artes sua maior expressão. Inspirados em movimentos norte-americanos, cantores, atores e personalidades em geral assumiam o seu black power, penetravam pela primeira vez em movimentos antidiscriminatórios e cantavam sua negritude, o

que influenciava a população em geral.

De lá para cá muita coisa mudou. Inúmeras batalhas foram travadas para dar à população negra o verdadeiro reconhecimento e, de alguma maneira, ressarcir as agruras sofridas com a escravidão e, pela primeira vez na história, temos negros ocupando posições de destaque em nosso país, embora ainda sejam em número muito pequeno se comparados à população afro-brasileira. De ministros a apresentadores de televisão, em diversas áreas temos negros exemplificando o fato de que, com oportunidades iguais, a população afro-descendente pode chegar muito longe.

“ *Sim sou um negro de cor, meu irmão de minha cor...* ”

Tributo a Martin Luther King, canção de Wilson Simonal feita em razão do nascimento de seu filho, consegue retratar o sentimento gerado na população afro-brasileira em assumir sua negritude e valorizar suas conquistas.

Para o cantor Simoninha, o melhor exemplo que poderia ter com a valorização de sua negritude veio do próprio pai. “Meu pai foi o primeiro negro a ter um programa de televi-

são e a fazer comerciais, enfim a usar sua imagem para vender produtos". Com o exemplo, o cantor regravou a canção em um de seus CDs e diz: "muito do que ele sofreu foi em decorrência de ser negro. A melhor herança que ele me deixa é a letra dessa música, capaz de tocar na alma das pessoas."

Exemplificando a maneira através

da qual posturas como a de Simonal podem influenciar na formação de outros cidadãos, o ator Créo Kellab explica que até os 18 anos não havia nenhuma atitude de conscientização de sua parte. "Eu não sabia o que era assumir a negritude, só sabia que era negro, e ponto. Mas tinha alguma coisa dentro de mim que buscava outra posição."

De acordo com o ator, essa posição surgiu a partir do momento em que ele passou a se identificar com nomes como Tony Tornado e os americanos Denzel Washington e Spike Lee. "Hoje eu assumo, procuro entender, procuro pesquisar. Sou supertranquilo a ponto de andar com meu cabelo em pé e considerá-lo bonito; ele não é ruim, meu cabelo é bom, é uma característica da minha etnia."

O ator afirma que tal atitude também inspira outras pessoas. "Virei referência para outras", declara.

Fazendo sucesso no exterior, em primeiro lugar, e tendo conquistado o público brasileiro, o cantor Seu Jorge é um dos novos nomes da música negra no Brasil.

Seu Jorge, que foi descoberto pelo público como o traficante Mané Galinha do filme Cidade de Deus, diz que em sua vida nunca teve a questão de descobrir a negritude, mas sim aprender o valor do ser humano. "Isso é uma coisa que eu sempre quis priorizar, exatamente por ser negro. Eu sempre vi muitas coisas complexas em volta de mim, em volta da minha família". Para o cantor, quando o ser humano consegue vencer uma questão tão complexa quanto os parâmetros raciais aí, sim, é fantástico.



Créo Kellab

“...Eu só quero
que Deus me ajude a
ver meu filho nascer
e crescer e ser um
campeão...”



Shai Almeida

Mas esse reconhecimento, essa conquista nos coloca em condições de igualdade? Quanto ainda temos que lutar? O que continua sendo negado à metade da população brasileira? O desejo expresso na canção acompanha qualquer ser que tenha um filho. Se analisarmos o contexto histórico, também pode ser traduzido como um desejo para os filhos da mãe África que foram trazidos para cá. Aqui nascemos, crescemos e, mesmo que de maneira árdua, realmente nos tornamos campeões.

Para o ator Nill Marcondes, a situação do negro brasileiro melhorou muito nos últimos tempos. "A gente vê em algumas pesquisas que o próprio salário tem chegado num patamar mais interessante". Mesmo assim, o ator aponta falhas na maneira como a sociedade brasileira lida com o tema. "Melhorou, mas eu acho que ainda falta muito. E não acredito que a culpa seja do próprio negro, isso já passou, deu tempo até das pessoas se informarem e saberem que isso não é verdade", diz.

Aos 22 anos, ainda com cara de menina, a atriz e modelo Shai Almeida comenta quais as diferenças percebidas em sua profissão depois dessas conquistas. "Eu tenho mais aceitação no mercado de trabalho; antes, eu não ia para alguns castings, agora eu vou. Entretanto, ainda existem clientes que não querem negras". Shai iniciou sua carreira como modelo na adolescência quando ganhou o concurso de Miss Beleza Negra, em

Porto Alegre. Na ocasião, não deixa de comentar a necessidade de melhoria em tornar visível a questão racial no Brasil. "Conheço várias pessoas brancas que não conseguem enxergar. Então, vivem renegando uma coisa que existe."

Único modelo negro no casting da agência Ford no Brasil, Sacramento Santos afirma que, por mais que tenha um nome no mercado da moda, não é difícil perceber as diferenças. "Hoje, por mais que não haja dificuldade, por vezes meu trabalho não é valorizado e recompensado como deveria; meu material é muitas vezes mais completo e melhor do que de muitos outros e, nem por isso, eu ganho mais do que eles". Segundo Sacramento, o mercado da moda não oferece tanto trabalho para um modelo negro como para um branco: "o negro consegue um trabalho aqui e outro ali."

“ ...Ninguém vai me acorrentar enquanto eu puder cantar, enquanto eu puder sorrir... ♪♪

Mesmo com conquistas tão significativas, algumas coisas não mudaram, como o papel dos profissionais negros na televisão, na música e no cinema. Infelizmente, a questão da desigualdade racial, durante a maior parte do tempo, prevaleceu sobre o talento e o trabalho de grandes nomes que representaram muito em sua pro-



Paula Lima

fissão, mas poucos foram valorizados.

Com o intuito de fazer notar nomes que até então ficaram ofuscados pela opressão de nossa sociedade, o Troféu Raça Negra premia, entre outras personalidades, artistas negros que são escolhidos pelo voto popular como representantes da comunidade em cada categoria.

Indicada ao prêmio de atriz 2005 para o Troféu Raça Negra, a atriz Jéssica Sodré diz se alegrar com o objetivo da festa. No entanto, gostaria que o troféu fosse estendido também para atores do teatro, por exemplo. “Eu queria concorrer com essas atrizes também.”

Segundo Jéssica, no teatro existem muitos artistas bons e que não ganham prêmios como o Troféu Raça Negra, pois não aparecem como os que fazem televisão.

Shai Almeida, que participou como espectadora na última edição do evento, afirma que o Troféu é um incentivo para todos os negros e, principalmente, para os artistas: “Todo mundo precisa de um elogio e, em especial, o artista que trabalha tanto com o ego. Para ele, a possibilidade de concorrer ao Troféu faz com que melhore o seu trabalho.”

Outra indicada a receber o Troféu Raça Negra é a cantora Paula Lima. Exemplo de feminilidade, mesclada à ousadia e consciência negra, Paula considera o evento uma conquista, não só pelo significado da premiação, mas também pelo encontro proporcionado pela cerimônia. “O evento dá oportunidade para a população negra se ver refletida. Algo assim tem que durar para sempre.”



Nill Marcondes



Assista Negros em Foco.
Um programa que é a cara do Brasil.

Entrevistas, beleza, progresso, saúde, emprego,
política, profissões, participação na sociedade.
O mundo da comunidade afro-descendente como
você nunca viu na televisão brasileira.

Todos os domingos, às 21h30, na Rede Brasileira de Integração,
canal 14 (UHF), São Paulo e Brasília.
Reprise às quartas-feiras às 21h.



Apresentação:
Telma Alves e Francisca Rodrigues.

Não perca.

Partnership between Zumbi and Itaú prepares young people for executive formation of Jr.

Jornada de trabalho de 6h, curso com professores da Unicamp,
acompanhamento com orientadores e tirar no mínimo 7.5 na média final.
Essa é a rotina dos 21 *trainees* da Unipalmares no Itaú

After seven months from the start of the partnership between Unipalmares and Itaú, the 21 students from the faculty who carried out the Program of *Trainee* and Executive Jr. at the bank received a positive evaluation by the organization. Manager of Attraction and Integration of People at Itaú, Valéria Riccominni

evaluates that the performance of the students has been satisfactory and that the reports of the activities carried out show a great professional development on their part.

At the beginning of the project some adaptations had to be made and this was done, according to Valéria, in a certain

difficulty by some, but, after the first moment, there was no more problem. The manager affirms that "the majority of students have reached 7.5, the minimum grade required, without greater complications."

The managers of the project never stop having a positive evaluation



Valéria Riccominni e os trainees da Unipalmares

tiva. Isso provavelmente se dá pelo estímulo que os *trainees* têm encontrado no Banco. A aluna Mayra Ayta Rosário afirma que a maioria dos funcionários acaba auxiliando os *trainees* de alguma maneira: “eu não me sinto mais *trainee*, é como se eu já trabalhasse aqui”, afirma Mayra.

Primeiro trabalho exclusivo para afro-descendentes dentro do Itaú, o projeto é desenvolvido de modo que a cada três semanas de trabalho, em áreas específicas de acordo com as habilidades de cada aluno, uma semana é voltada para um curso de capacitação ministrado por professores da Unicamp.

“O curso tem duração de 6 horas por dia, reforça aquilo que eles aprendem na prática, além de complementar as

matérias que já têm na universidade”, explica Valéria. Com a carga horária equivalente a de um MBA, após três anos de estágio os alunos deixam a faculdade com o equivalente a um curso de extensão universitária.

Para Mayra as aulas fazem com que ela e os demais *trainees* se preparem não só para uma futura contratação no Itaú, mas para qualquer outra vaga no mercado de trabalho. “Por causa da falta de perspectiva, nós sabemos que somente fazer uma faculdade não é suficiente, por isso o projeto é uma experiência tão rica.”

O Itaú foi o primeiro banco a firmar parceria com a Unipalmares e isso abriu portas para outras instituições. Para a gerente Valéria Riccominni um projeto como esse é importante para



Aluna Mayra Ayta Rosário

uma empresa, pois passa para o cliente uma imagem positiva. “Hoje, todos sabem que empresas sustentáveis têm de trabalhar com a diversidade.”

B Bradesco cria projeto

de inclusão para
alunos da



Zumbi

“Quero aproveitar a oportunidade para registrar e enaltecer esse brilhante trabalho da Universidade Zumbi dos Palmares, na pessoa do seu ‘reitor’, José Vicente, pois ele tomou ações efetivas na medida em que criou esse programa de estagiários e prepara os alunos para competir no mercado de trabalho. Ele está estimulando e mostrando o caminho para a verdadeira inclusão social. A Unipalmares efetivamente tomou a ação e está mostrando seu bom trabalho”. A afirmação é de José Luiz Rodrigues Bueno, Diretor Departamental de Recursos Humanos do Bradesco, que está desenvolvendo, junto com a Zumbi, um projeto especial de estágios, que contrata 30 alunos que já começaram a trabalhar no último dia 7 de novembro. A seguir, Bueno fala do projeto.

Afirmativa - O Ministério Público Federal do Trabalho tem feito uma ação junto aos bancos mostrando que eles não têm negros em seus quadros de trabalho proporcional ao número de habitantes, principalmente em nível de gerência e diretoria. O MP acusa os bancos de serem racistas. Isso é verdade?

José Luiz Bueno - Não é verdade. Nos

processos seletivos, não usamos qualquer critério que conduza à ação discriminatória. O critério está relacionado à qualificação e ao perfil da vaga, independentemente de raça e cor.

Afirmativa - Por que os bancos não contratam negros?

José Luiz Bueno - Cada banco deve ter sua política de recrutamento e seleção. Não conheço nenhum banco que diz que não contrata por isso ou aquilo. No Bradesco, os negros são contratados na medida em que se candidatam, são aprovados e adotados igualitariamente em busca de colocação, independente de raça, gênero, cor e religião.

Afirmativa - Muitos dizem que é por falta de preparo profissional dos negros. Isso é realmente verdade ou alguns profissionais de RH ainda escolhem pelo “tom da pele”?

José Luiz Bueno - No nosso recrutamento não há distinção quanto ao tom da pele e no nosso código de ética expres-

samos claramente que não admitimos qualquer ação discriminatória em nosso processo seletivo, que leva em conta a qualificação, considerando aquele que, por capacidade, preenche o perfil.

Afirmativa - A Unipalmares, que tem em seus quadros 82,7% de alunos afro-descendentes, tem feito um trabalho de amarração e persuasão junto às instituições financeiras que revelam que se esses jovens tiverem oportunidades e forem preparados desde o início de suas carreiras, haverá um fator contestante. Como o Bradesco vê isso?

José Luiz Bueno - O Bradesco achou que a Unipalmares teve uma feliz percepção ao preparar seus alunos para o mercado de trabalho e, como já possuímos o projeto de estágio, decidimos estender o programa também para os seus alunos. Nesse processo, se inscreveu um contingente grande de alunos e serão aproveitados aqueles que tiverem capacitação. Aliás, quando estivermos lendo esta matéria,

já teremos os novos 30 alunos estagiários do projeto Bradesco/Unipalmares.

Afirmativa - Qual o objetivo desse projeto?

José Luiz Bueno - O objetivo é cooperar com a Unipalmares e oferecer a oportunidade de desenvolvimento, complementando os estudos destes jovens que serão aproveitados no mercado de trabalho. Não só no Bradesco, mas em qualquer outra instituição.

Afirmativa - Como será esse projeto Bradesco/Unipalmares?

José Luiz Bueno - Será um projeto que prevê um período de aprendizado de dois anos em diversas áreas de negócios do banco, com avaliação constante das atividades práticas e teóricas, que procurará proporcionar o aprendizado necessário a todos.

Afirmativa - Qual a expectativa do banco em relação a esse projeto?

José Luiz Bueno - Nossa expectativa é a de contribuir para o desenvolvimento dos alunos selecionados da Unipalmares e poder usufruir resultados através de aproveita-



Equipe de RH, Treinamento e Marketing do Bradesco e da Unipalmares

mento de profissionais preparados e capazes de agregar valor ao negócio do banco.

Afirmativa - O sr. acredita que esses jovens, com bom treinamento, terão condições de alcançar cargos de gerência e, por que não, de diretoria?

José Luiz Bueno - Seguramente. Se os alunos souberem aproveitar as condições de desenvolvimento que lhes serão oferecidas, além de serem acompanhados por tutores, terão plena condição de crescer em sua carreira profissional e, a exemplo

dos nossos demais estagiários e outros funcionários, se tiverem dedicação, empenho e permanente aprendizado, todos poderão chegar até mesmo nos níveis de diretoria, pois o Bradesco sempre aproveita em seus postos o pessoal da casa, que sempre tem muita ação, treinamento e desenvolvimento para atingir qualquer cargo dentro do banco.



Da esquerda para a direita: Milton Matsumoto, Diretor Executivo do Bradesco, Cristina Jorge, Diretora da Unipalmares, José Vicente, Reitor da Unipalmares e José Luiz R. Bueno, Diretor Departamental de RH do Bradesco

Citibank: Mais um parceiro da Zumbi na luta pela diversidade

Após alguns meses de negociações, a Unipalmes pode contar com mais um aliado de peso em sua luta em favor da diversidade dentro das instituições financeiras. O Citibank fechou, em outubro, parceria com a

Zumbi para a colocação de alunos da faculdade em seu quadro de estagiários.

Segundo o superintendente executivo de Recursos Humanos e Assuntos Corporativos do banco, Henrique

Szapiro, a parceria visa a explorar novos talentos que, devido a razões históricas e culturais, muitas vezes são desconhecidos do mercado.

Primeira ação afirmativa dentro do grupo Citibank no Brasil, o acordo



Henrique Szapiro

proporcionará a capacitação de 21 jovens que trabalharão em todas as áreas de atuação dentro do grupo. De acordo com Szapiro, iniciativas com relação à diversidade são incentivadas de maneira enfática dentro do Citibank no exterior. “Até agora nós procurávamos conhecer todos os projetos para encontrar a melhor iniciativa onde investir; só com a Zumbi identificamos essa possibilidade”, afirma Szapiro.

Durante o programa, os alunos receberão, segundo Szapiro, todo o suporte e treinamento para desenvolver as atividades do estágio que terá duração de um ano, podendo ser prorrogado por mais 12 meses. Até o fim do ano, o programa contratará três dos estagiários; os demais serão encaixados durante o próximo ano.

A seleção terá início na primeira quinzena de novembro e, para Szapiro, o processo de seleção leva em conta a capacidade empreendedora, o relacionamento com os clientes e identificação com os valores do Citibank. O diferencial do processo seletivo para os alunos da Zumbi é a avaliação em inglês. “Vamos entender se dentro da Zumbi existem alunos que tenham uma proficiência mínima e vamos ao longo do tempo desenvolvendo essa habilidade”, declara Szapiro.

Para ele, firmar uma parceria como essa é importante, pois dá oportunidade real de desenvolvimento dos profissionais, além de incentivar outras instituições a fazerem estes e outros tipos de ações inclusivas.

negro, a educação e a cidadania

*Por: Ubirajara Tadeu
Silva da Cruz,
Professor de Matemática da
Unipalmares, utsc@nassor.com.br*

Ao longo de toda a minha vida venho refletindo muito sobre a condição do negro no mundo e especialmente no nosso país (se é que é nosso mesmo!). Não poderia ser diferente, sendo afro-descendente, filho de migrantes nordestinos que chegaram em São Paulo no final da década de 50, e que logo se separaram.

Nossa mãe, mulher guerreira, como tantas outras dentro da nossa comuni-

dade, criou, sozinha, sete filhos, trabalhando mais de dezoito horas por dia, como auxiliar de enfermagem e, nas “horas vagas”, administrava um quarto de pensão onde nós oito morávamos. Eu, como filho caçula e privilegiado, podia dormir todas as noites em cima de uma mesa, a qual nem sempre atendia a seu pressuposto básico.

O meu sentimento da época não era muito diferente das crianças e adoles-

centes negros que vivem hoje em dia nesta “democracia” racial.

Aliás, lendo um texto, estes dias, da conceituada Olívia Santana (pedagoga titulada pela Universidade Federal da Bahia e coordenadora da Unegro), me deparei mais uma vez com esta realidade.

“As crianças e jovens negros, incorporando o sentimento de inferioridade, referencial imposto pela ideologia



Ubirajara Tadeu Silva da Cruz

racista, se entusiasmam com o que se considerariam sua natural vocação para algumas áreas até importantes, como esporte, dança e música, mais comercial. Mas, por outro lado, assumem certa ‘incapacidade’ para o que seriam as áreas dos brancos, em especial de classe média, que supostamente seriam as relacionadas à tecnologia de ponta, de mais alta remuneração”.

É lamentável ainda constatarmos que embora constituam 48% da população (IBGE, 1990), os negros correspondem a apenas 1% dos que ocupam postos estratégicos do mercado de trabalho; o salário médio pago aos trabalhadores negros equivale à metade do salário dos trabalhadores brancos; os brancos também têm 30% a mais de chances de conseguir emprego, e o do-

bro de chances de manter a qualidade de vida das suas famílias, do que os negros. (In: VEJA nº 25, Junho, 1998). No início da década de 90, o IBGE/PNAD publicou uma pesquisa nacional, na qual focalizava o rendimento médio salarial, com o corte racial e de gênero, que revelou os seguintes dados: homens brancos ganhavam, em média 6,3 salários mínimos; mulheres brancas, 3,6; homens negros 2,9; mulheres negras 1,7. Sem dúvida, raça e, depois gênero, ditam lugares diferenciados para homens e mulheres, negros e brancos na pirâmide social. Vale ressaltar a absurda condição das mulheres negras que, neste contexto, ocupam a base da pirâmide. A mesma pesquisa dá conta de que as mulheres negras ocupadas em atividades manu-

ais perfazem um total de 79,4% (51% no emprego doméstico remunerado; 28,4 são lavadeiras, passadeiras, cozinheiras e serventes). Apenas 7,4% ocupam funções de secretárias, recepcionistas e revendedoras. Nas funções técnicas, administrativas, científicas e artísticas, as mulheres negras ocupavam entre 5,3% e 10%.

As desigualdades permanecem mesmo considerando a realidade de uma cidade como Salvador, que se insere no contexto nacional como a maior cidade negra do mundo, fora da África. Constatamos, através do IBGE/PNAD 1998, num trabalho realizado pela FAPE-Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional que, embora representando 81,40% da população soteropolitan, os negros ostentam IDH – Índice de Desenvolvimento Humano – profundamente inferior ao dos brancos. Os dados colhidos pela pesquisa e analisados pela ONU – Organização das Nações Unidas – quando comparados à realidade social de outros países, no ranking mundial, mostram que os brancos ficariam na 40ª posição e os negros na 100ª (In: Jornal Apartheid Baiano, Outubro de 2000).

Dados mais recentes da área educacional mostram que, do ponto de vista das ações afirmativas, o país caminhou bastante nesses últimos anos no que diz respeito aos cenários mais positivos para a mobilidade social, o desenvolvimento pessoal, a formação profissional e as chances de concorrência e competição do homem e da mulher negra no mercado de trabalho, haja vista projetos como os encabeçados pela Unipalmares e outras entidades democráticas.

Mas há ainda muito que avançar e muita resistência a ser quebrada entre os in-

telectuais e a sociedade civil se considerarmos, por exemplo, os dados de 2001 da pesquisa direta do programa “A cor da Bahia/UFBA” e do I Censo Étnico Racial da USP e IBGE, também apresentados no artigo acima referido.

Segundo esses dados, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) o número de alunos brancos é de 76,8%, o de negros 20,3% para uma população negra no estado de 44,63%; na Universidade Federal do Paraná (UFPR) os brancos são 86,6%, os negros, 8,6%, para uma população negra no estado de 20,27%; na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), brancos são 47%, negros 42,8% e a população negra no estado, 73,36%; na Universidade Federal da Bahia

(UFBA), 50,8% são brancos, 42,6% negros e 74,95% a população negra do estado; na Universidade de Brasília (UnB), são brancos 63,74%, são negros 32,3%, tendo o Distrito Federal uma população negra de 47,98%; na Universidade de São Paulo (USP), os alunos brancos somam 78,2%, os negros, 8,3% e o percentual da população negra no estado é de 27,4%. Vê-se, assim, que o déficit produzido por essas diferenças é bastante desfavorável ao negro nos estados onde se encontram essas universidades: 24,33% na UFRJ, 11,67% na UFPR, 30,56% na UFMA, 32,35% na UFBA, 15,68% na UnB e 19,1% na USP.

Nasceria neste final de milênio um novo perfil de trabalhador: polivalen-

te, capaz de exercer funções diversificadas o que exige investimento em profissionalização de excelência.

Tenho percebido no contato do dia-a-dia com alunos dos cursos de Tecnologia da Federal de São Paulo, de outras entidades de ensino como Senai, Senac, Sebrae, Senat e, mais recentemente, Zumbi dos Palmares, constantes reclamações do volume de trabalhos que nós, professores, temos solicitado aos mesmos. Sem dúvida nenhuma, temos que ter bom senso para não transformar o remédio em veneno, mas, por outro lado, sem uma formação profissional e competente não há “Movimento Negro” que consiga mudar a nossa história.

TABELA I

(*Análise do Ganhos - Educação x Produtividade*)

| anos de escolaridade | Salário | Aumento da produtividade* |
|----------------------|---------|---------------------------|
| 0,5 | 1,11 | |
| 2,0 | 1,55 | 40% |
| 5,5 | 2,39 | 54% |
| 9,0 | 3,51 | 47% |
| 12,5 | 5,59 | 59% |
| 15,0 | 11,63 | 108% |

Fonte: John Snow do Brasil com indicadores do IBGE.

* Aumento da produtividade em relação ao nível de escolaridade imediatamente anterior.

Além da necessária busca de excelência para competirmos de maneira mais igualitária no mercado de trabalho, acredito que o mês da Consciência Negra também é muito propício para refletirmos sobre a possibilidade de colocarmos estas competências também a favor do nosso próprio negócio.

Nosso país é considerado um dos melhores lugares do mundo para a busca de oportunidades, temos diversos exemplos de estrangeiros que chegam aqui, se instalaram com muita dificuldade, sem o domínio da nossa língua, sem entender nada da nossa economia, da nossa política

e conseguem se estabelecer bem no mercado.

Nem mesmo nas escolas de samba, um dos segmentos oriundos da nossa comunidade, temos a devida representatividade quando falamos dos mais altos escalões.

Pensando bem, não é tempo apenas para reflexão, mas para ação, muita ação.

Quem determina o sabor da sua vida
é Você.



Desde 1951

convenção®

Cervejas e Refrigerantes

0800 77 10 008
sac@convencao.ind.br

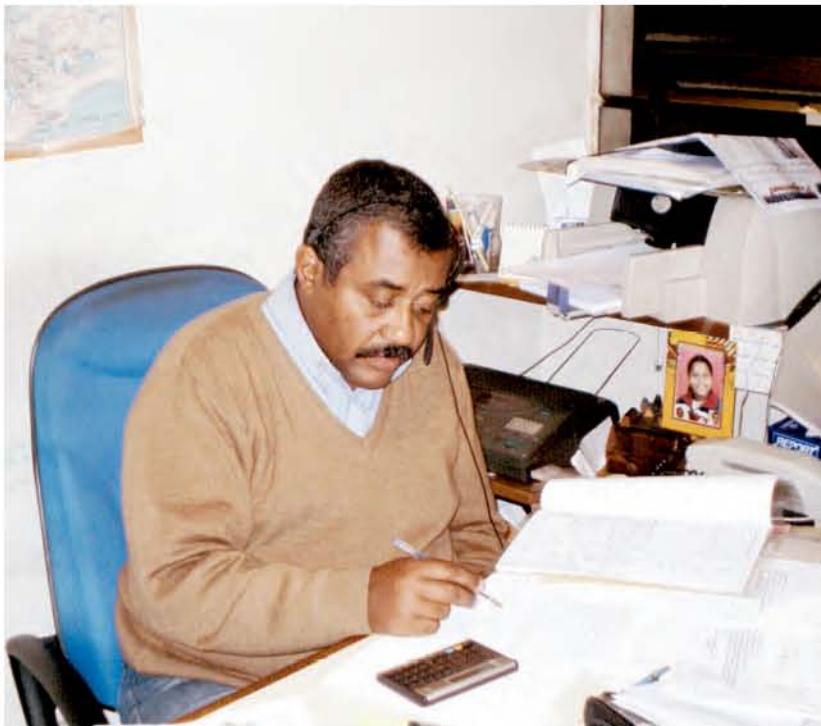
implicidade e competência como sinônimos de sucesso

Partindo de seu trabalho de conclusão de curso, José Eduardo de Souza criou a Mercoplot e hoje tem como clientes algumas das maiores agências de publicidade do país

Quem passa em frente ao número 1259 da rua Fradique Coutinho encontra uma sobreloja de fachada simples que muitas vezes nem se assemelha a um escritório. Mas a imagem do escritório não reflete o nível do trabalho que é desenvolvido ali. Tendo entre seus principais clientes algumas das maiores agências de publi-

cidade do país, entre elas a W/Brasil, a DPZ e, em outros segmentos, nomes como a Nestlé e a Fundação Padre Anchieta, naquele endereço funciona há 10 anos a Mercoplot, empresa criada pelo administrador José Eduardo de Souza.

A aparência simples do local muitas vezes não desperta atenção de muitos passantes. Funciona na maior parte do tempo como uma central de vendas e muitos clientes se surpreendem ao realizar a primeira visita ao estabelecimento. “Várias pessoas pararam no prédio ao lado, pois, pela ótima qualidade do serviço entregue, não imaginavam que a sede da Mercoplot é em uma sobreloja”, diverte-se José Eduardo.



José Eduardo de Souza

Longe de ser uma dificuldade, segundo o proprietário, essa foi uma de suas intenções ao escolher a localização da empresa. "Eu teria condições de manter um prédio comercial, mas assim eu tiro vantagem da simplicidade, do custo e da segurança". Para o microempresário, isso lhe poupa preocupações que seriam normais a um lojista sem, contudo, deixar de priorizar a qualidade.

Outra surpresa para os clientes é se deparar com o próprio José Eduardo. "Surpreende-se tanto um gerente de banco quanto um cliente que ainda não me conhece ao encontrar um negro como dono da empresa", afirma José Eduardo.

Fornecendo suprimentos de informática e de publicidade, a empresa foi criada a partir de um trabalho de conclusão de curso. Em 1995, ao ter-

minar a faculdade de administração, José Eduardo e dois outros amigos resolveram colocar a idéia em prática e fundar a Mercoplot. O nicho escolhido veio de uma visão empreendedora, uma vez que o setor de informática estava em desenvolvimento, na época. Como um dos sócios tinha contato no meio publicitário, os três optaram pelo segmento.

Filho de funcionários públicos, José Eduardo trabalhava há 15 anos na diretoria de engenharia da Sabesp, quando decidiu pedir demissão e investir tudo na empresa. A primeira dificuldade veio em pouco tempo, quando seus sócios desistiram do negócio e ele, sozinho, teve de dar continuidade ao projeto. Nesse momento, confessa, foi imprescindível o apoio da esposa e da família. Enquanto ele fazia as entregas no período da tar-

de, os filhos faziam o serviço geral do escritório. "Um estava com 12, e o outro com 10 anos, minha esposa ou minha mãe faziam às vezes de secretária."

Após dois anos na luta pela conta de uma agência, em seis meses o empresário teve uma imensa surpresa ao ver o nome do publicitário Duda Mendonça ligado a esquemas de corrupção no governo. Para a felicidade do proprietário da Mercoplot, a queda pode ser considerada pequena. "A desestrutura no governo alterou principalmente as pequenas agências e elas interferem pouco no meu faturamento", afirma José Eduardo.

Por mais que tenha sido difícil se consolidar em um mercado para ele desconhecido, sem contar na pirataria dos suprimentos, seu negócio deu certo. José Eduardo garante que o diferencial da empresa é a certeza e a qualidade do produto adquirido.

Como exemplo, o empresário cita o caso de um fornecedor que desejava vender-lhe uma tinta para impressão. "Quando fui imprimir um logotipo vermelho ele saiu marrom. Imagine se isso acontecesse em um anúncio publicitário". A sua eficiência serviu como propaganda boca-a-boca, cada cliente acabou levando outro, e o resultado refletiu até no padrão financeiro da família. "O crescimento da empresa vem proporcionando melhoria na qualidade de vida, inclusive da minha família e pude investir nos meus filhos", declara o empresário.

Como conselho para aqueles que desejam tornar-se empreendedores, diz: "o importante é escolher o que se gosta de fazer e não somente em algo lucrativo. Por que? Porque nas maiores adversidades a primeira coisa em que você vai se apegar é no que gosta e não naquilo que está almejando financeiramente."

Os 15 anos do ECA ou o gol que a sociedade ainda não marcou

Por Rosenildo Gomes Ferreira, jornalista da Revista Isto É Dinheiro

Luís Fernando de França Romão, de 15 anos, é um típico morador do subúrbio carioca. Freqüenta bailes funk e rodas de pagode, joga bola com os colegas e, mais do que tudo, gosta de namorar. Seu time predileto, claro, é o Flamengo. O perfil descrito acima nasceu da cabeça deste colunista. O personagem em questão existe. Mas dele sei apenas quatro coisas: o nome, a idade, a cidade onde mora e último, mas nem por isso menos importante, que ele carrega na mochila uma cópia do Estatuto da Criança e do Adolescente. O ECA, como o dispositivo é comumente chamado por gente do meio, é sem dúvida uma lei primorosa. Seus artigos foram construídos a partir de um exaustivo diálogo que culminou em um consenso pactuado entre o Congresso Nacional e os demais atores da sociedade

civil organizada. Infelizmente, como acontece com boa parte das boas leis nesse País, o ECA tem sido, na melhor das hipóteses, ignorado. Isso quando não é duramente combatido e apresentado como desculpa para encobrir a incompetência de nossos administradores, em uma nação que há muito foi classificada de o País do futuro.

Culpar o ECA pelo teórico aumento da criminalidade infantil-juvenil virou um mantra para mentes truculentas e aproveitadores de plantão. A lei, nisso não há como transigir, é perfeita. E disso sabe muito bem o diligente e consciente Luís Fernando, citado em recente reportagem da Folhateen (caderno do jornal Folha de S. Paulo). Sempre que necessário ele saca o ECA de sua mochila para denunciar o desrespeito a algum de seus artigos, capítulos etc. Mas não é só isso. O ECA também nos dá a dimensão exata de como devem ser

tratadas as crianças e os jovens se quisermos, de fato, transformar esse pedaço de chão em um PAÍS de verdade. Como já pontuei nesse privilegiado espaço, a sanha vingativa de uns poucos acabou contaminando o debate sobre o que fazer com os nossos jovens infratores, além de lançar uma grande carga de preconceito contra aqueles que vivem nos bairros periféricos das grandes cidades. Em geral, eles são vistos como malfeiteiros ou mesmo potenciais bandidos. Esse mesmo grupo de detratores – infelizmente integrado por políticos, administradores públicos, professores e demais profissionais que têm a missão de educar e zelar pelo desenvolvimento intelectual e pela saúde de crianças e adolescentes – se esquece de suas próprias obrigações. E como aquele gaúcho da piada canalha que resolve vender o sofá pensando que dessa forma evitaria os encontros da esposa infiel com o amante, eles

propõem o endurecimento das leis e a redução da maioridade penal para 15, 13 e até 10 anos. Esses mesmos senhores não se imbuem dessa sanha cívico-moralista ao deparar-se com o trabalho infantil, a prostituição e o estado de completa miséria a que é submetida uma boa parte de nossas crianças e adolescentes. Que futuro pode ter uma criança que é sacada da escola para atuar em carvoarias ou plantações? Que futuro poderemos antever para meninas de 13, nove e até oito anos, jogadas (muitas vezes pela própria família!) no inferno da prostituição? Que futuro pode ter uma criança tratada apenas como um número, sem direito à saúde, lazer e educação de qualidade, taxada de "burra" ou "incompetente" pela educadora (será?). Dificilmente teremos nesse grupo os cientistas, os professores, os médicos, os engenheiros e outros tantos profissionais de qualidade (seja em nível de terceiro grau ou não) que precisamos para transformar o Brasil em uma nação desenvolvida, justa e igualitária. Por que, ao invés de combater o ECA não fazemos um mutirão para CUMPRIR INTEGRALMENTE esse dispositivo legal?

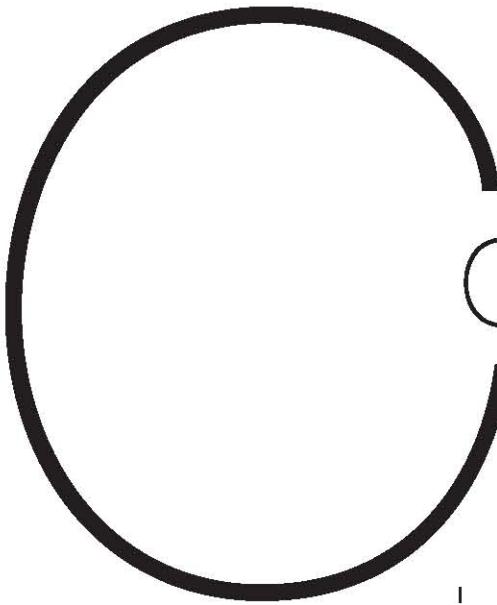
Em 19 de novembro de 1969, o Brasil parou para ver o jogador Pelé marcar seu milésimo gol. Naquele Maracanã lotado, até mesmo as paredes só tinham "olhos" apenas para o balé magistral de um atleta, ou melhor, um poeta da bola que, vestindo



Rosenildo Gomes Ferreira

a camisa 10 do Santos, estava prestes a cumprir a tarefa de ser o maior em seu ramo de atividade. Mas quis o destino que aquele negro altivo, que atuou como engraxate na infância para ajudar a completar a renda familiar, lembrasse das criancinhas. "Precisamos cuidar de nossas crian-

cinhas!", bradou enquanto era "massacrado" por microfones impiedosos de repórteres ávidos em registrar suas palavras diante daquele momento histórico no mundo da bola. Pena que 36 anos depois a sociedade ainda esteja muito longe de marcar o seu próprio gol!



Consciência nacional de justiça e solidariedade

*Por: Paulo Skaf - presidente da Fiesp,
do Senai-SP, do Sesi-SP, do Sebrae-SP e
do Instituto Roberto Simonsen*

Apesar dos graves problemas sociais persistentes, o Brasil é pluralista, tendo sólida base de relacionamento harmonioso entre as etnias que compõem sua população de quase 190 milhões de pessoas. A convivência pacífica e a interação ampla de raças, religiões e ideologias no âmbito de nossa sociedade são um trunfo nacional na luta pelo desenvolvimento e um inegável diferencial competitivo no mundo contemporâneo.

Mais do que nunca, é fundamental que a Nação gerencie com sabedoria essa vantagem, transformando-a em

vetor de prosperidade e mais justiça social. É inegável a existência de assimetrias na distribuição de renda, muitas delas remanescentes de distorções históricas. Dentre estas, a mais grave advém do flagelo da escravatura, uma das mais profundas feridas morais do passado brasileiro e numerosos outros países. Assim, é importante reverenciar todos os que se engajaram no combate a esse triste passado escravagista, dentre eles Zumbi dos Palmares, cuja morte, em 20 de novembro de 1695, é o marco do Dia Nacional da Consciência

Negra, com muita propriedade, integrado ao calendário oficial do País, inclusive no escolar.

A este personagem de nossa história somam-se outros brasileiros que se mobilizaram em prol da paz social e da justiça. São exemplos de nossa capacidade, enquanto povo e Nação, de superar obstáculos, vencer dificuldades e avançar na solução de nossos problemas. O Brasil precisa promover fabuloso processo de inclusão social, principalmente por meio da multiplicação de empregos, pois sa-



Paulo Skaf

lário e renda são os mais eficazes e dignos meios de acesso aos benefícios da economia e às prerrogativas da cidadania. As lições de casa do desenvolvimento passam pela democratização de oportunidades no ensino, melhor e mais amplo atendimento na área da saúde, drástica redução do déficit habitacional e, sobretudo, o ingresso do Brasil num duradouro círculo virtuoso de crescimento.

Dentre seus desafios, o País precisa, prioritariamente, quitar a sua dívida social reduzindo as disparidades de renda, que mantêm nível de estratificação econômica muito aquém dos conceitos modernos do capitalismo e que agridem os parâmetros éticos que devem pautar as sociedades civilizadas. O Brasil, que tem a segunda maior população negra do mundo, atrás apenas da Nigéria, não pode mais submeter seus filhos às agruras advindas do processo histórico.

Os brasileiros devem unir-se cada vez mais, em legítimo exercício de civismo, na busca de alternativas eficazes para o desenvolvimento nacional. O exemplo de determinação de nossos expoentes históricos nos permite acreditar de forma plena que somos capazes de edificar uma nação próspera, mais feliz e justa, a partir de nosso espírito solidário e pacífico. De mãos dadas, o Brasil precisa caminhar com firmeza na direção de seu destino maior.

desafio de melhorar o ambiente de negócios

Por: Arthur D. Vasconcellos Filho- diretor executivo da Amcham Câmara Americana de Comércio

Os números da balança comercial (superávit de US\$ 904 milhões na primeira semana de agosto) e o aumento do valor estimativo dos investimentos estrangeiros diretos no País demonstram que a sociedade e as instituições brasileiras amadureceram para a prática da democracia. Embora as denúncias de corrupção, a necessidade de mobilizar o Parlamento nas CPIs e as trocas de acusações no universo político constranjam os cidadãos de bem e atropelem a agenda nacional, há todo um Brasil que continua trabalhando. Isto é positivo, pois a Nação tem

imensos desafios a vencer e não pode continuar refém dos que desvirtuam em causa própria o nobre exercício da política.

Não se pode comprometer o objetivo de promover um melhor ambiente de negócios, que sintetiza as lições de casa a serem feitas no caminho da prosperidade. É preciso manter o foco nesta missão, trabalhando para o ingresso do Brasil num duradouro ciclo de crescimento, conforme preconiza a Amcham (Câmara Americana de Comércio). Urge promover ampla e crescente articulação de todo o sistema

produtivo e o setor público, estabelecendo estratégias e esforços conjuntos em prol da competitividade.

As bases para essa conquista estão no aperfeiçoamento e respeito aos marcos regulatórios e ao direito de propriedade industrial, intelectual e de marcas, solução dos gargalos da infra-estrutura, melhoria da qualidade do ensino, capacidade de inovação e aporte tecnológico, combate à pirataria, avanço da política comercial externa e sistema tributário indutor e não inibidor do nível de atividades. Quanto a este item, seria importante que, paralela-



Arthur D. Vasconcellos Filho

mente às CPIs, o Congresso Nacional agilizasse o trâmite da reforma tributária, inclusive aperfeiçoando as propostas no sentido da desoneração dos setores produtivos.

Há muito trabalho a ser feito para promover o avanço do Brasil nos rankings de qualidade de vida, do comércio e dos investimentos internacionais. Os indicadores demonstram a premência das ações. Dentre os principais emergentes, o País ocupava, em 1998, o segundo lugar no Índice de Confiança para Investimento Direto

Estrangeiro (A.T. Kearney), à frente da China, Índia e Rússia. Hoje, está na 17^a posição, atrás dessas três nações, que se encontram, respectivamente, no primeiro, terceiro e 11º postos. Em 1985, o Brasil detinha 1,31% das exportações mundiais, respondendo atualmente por 1,082%. No mesmo período, a Rússia avançou de 1,37% para 2,03%; a Índia, de 0,47% para 0,82%; e a China, de 1,37% para 6,58%.

A inclusão social, principalmente por meio da multiplicação de empregos,

é outra necessidade evidenciada nos indicadores. No Índice de Desenvolvimento Humano (IDH/Nações Unidas), o Brasil encontra-se no bloco dos países com média qualidade de vida. Um fator agravante: tal classificação é incompatível com o nível de arrecadação tributária, um dos mais altos do mundo. Ou seja, o Estado ainda devolve muito pouco à sociedade, em forma de benefício, o dinheiro dos impostos.

Relatório do WorldWatch Institute, de Washington, EUA, ilustra bem a exclusão social. Em primeiro lugar no ranking dos mercados consumidores estão os Estados Unidos, com 242,5 milhões de norte-americanos com capacidade de comprar (84% da população). A China está em segundo, com 239,8 milhões de pessoas (19%). A Índia ocupa o terceiro lugar, com 121,9 milhões de consumidores (12%); o Japão, que tem a maior parcela dos habitantes incluída na sociedade de consumo (95% ou 120,7 milhões de pessoas), é o quarto colocado, seguido da Alemanha (76,3 milhões de consumidores ou 92% da população). A Rússia é o sexto, com 61,3 milhões (43%). O Brasil é o sétimo. Aqui, apenas 33% dos habitantes, ou cerca de 59 milhões de pessoas, têm capacidade de consumir.

Os problemas a serem vencidos e a crise política exigem, mais do que nunca, o engajamento crescente de empresas, entidades de classe, organizações da sociedade civil e do setor público na causa do desenvolvimento. A nação vencedora e próspera que almejamos será exatamente aquela que conseguirmos forjar no estabelecimento de condições mais adequadas à expansão da economia.

Todos os nossos dias de consciência

Por: Abram Szajman – Presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo

Quase cinqüenta por cento da população brasileira é constituída de afro-descendentes. Isto representa mais de 80 milhões de pessoas e faz do Brasil o segundo maior país com população negra do mundo. O primeiro é a Nigéria.

Qual o sentido disso? Isso significa que metade dos brasileiros tem sua

origem nas galés que, desde meados do século 16, partiam da costa ocidental da África e aportavam no Brasil quando a conquista e a colonização precisavam de uma tal quantidade de mão de obra que somente os indígenas seriam incapazes de prover. Foram mais de três séculos e meio de escravidão e, mesmo depois da Abolição,

não se adotaram políticas públicas suficientes para melhorar o déficit que se acumulou na contabilidade social dos afro-descendentes e que pode ser constatado por quaisquer análises ou interpretações estatísticas. Só mais recentemente, por exemplo, vem sendo dado o devido valor e expressão ao papel do negro na industrialização do

País, até a pouco creditada somente à mão-de-obra semi-especializada do europeu. Alguns estudos indicam a importância fundamental do negro na agricultura do café, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

É evidente que o Brasil carrega uma espécie de complexo de culpa em relação ao negro. Prova disso foi o fato de o presidente Luís Inácio Lula da Silva, logo ao ser empossado, criar uma Secretaria Especial para a Promoção de Políticas de Integração Racial, ocupada por uma negra. Ou quando ele mesmo, o presidente Lula, em viagem à África, visitou a região da Costa da Mina, no Senegal, e num discurso emocionado pediu desculpas aos negros. As políticas públicas que têm a população afro-descendente como foco e objetivo são tentativas de corrigir e reparar – mas sem conseguir apagar – estes mais de trezentos e cinqüenta anos de uso e abuso do negro, de todas as formas.

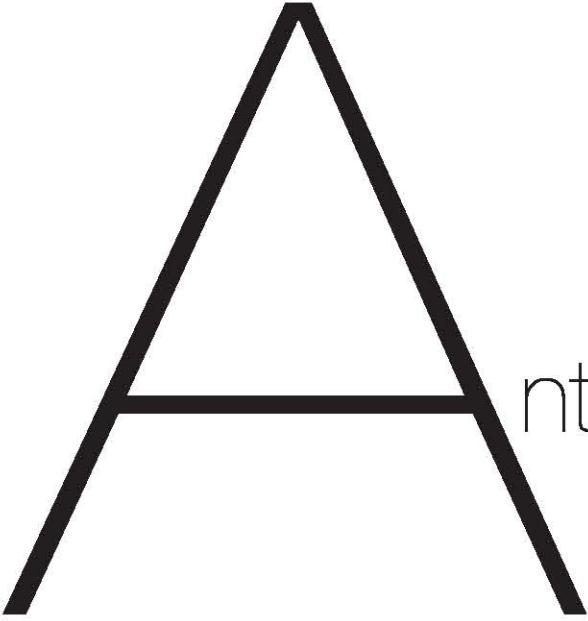
A certeza disso é um estado de quase barbárie social de que são vítimas eleitas os negros e suspeitos escolhidos os afro-descendentes, porque um negro tem o dobro de possibilidades de ser assassinado do que um branco. Isto quer dizer que ser branco ou negro faz diferença na conta de estar vivo ou morto. No entanto, mesmo as políticas públicas, também chamadas de ações afirmativas, como o sistema de cotas nas universidades, são de fato apenas compensatórias. Isso ainda é pouco.



Abram Szajman

Se os afro-descendentes se organizam para fazer valer as políticas públicas compensatórias, nós, os empresários do comércio, temos feito a nossa parte no sentido da sua inclusão social. Nos estabelecimentos comerciais trabalham os mais aptos e os mais capazes independentemente de sexo, raça e religião.

E no SESC e no SENAC, instituições mantidas pelo comércio, todos são, ao mesmo tempo, testemunha e personagem de nossas ações inclusivas e de nossa vontade de construir um País mais justo, em todos os sentidos. Para nós, assim como não discriminamos pessoas, todos os dias são dias de consciência.



Antes de transpor é preciso distribuir

Por: Paulo Ganem Souto, Governador do Estado da Bahia

Desde a retomada das discussões sobre a possibilidade de transpor as águas do Rio São Francisco, a Bahia se posicionou contrariamente. Não à idéia de transpor águas de um rio para matar a sede de seres humanos e de seus rebanhos, mas especificamente à proposta defendida pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que anuncia “segurança hídrica” e o fim do jejum de água para 12 milhões de habitantes do semi-árido.

Se essas premissas fossem verdadeiras,

os R\$ 4,5 bilhões necessários para as primeiras obras de engenharia não teriam de sangrar o Tesouro Nacional, como pretende o ministério incumbido de efetivar a obra. Parceiros tradicionais em projetos para redução da pobreza e inclusão social, como o Banco Mundial, teriam oferecido ajuda financeira. Não é o que ocorre.

Há cinco anos, o projeto de transposição foi descartado por sua comprovada inviabilidade econômico-social. Muitos dirão que a proposta atual é dife-

rente da anteriormente rejeitada. Desculpem-me, mas não é. Trata-se apenas de um redesenho que enxugou a idéia original, que consumiria não os já absurdos R\$ 4,5 bilhões, mas impensáveis R\$ 18 bilhões.

Tecnicamente, a condição básica para a transposição é a existência de excedentes de água na bacia doadora e a comprovada escassez nas bacias receptoras, inclusive com ausência de alternativas para o abastecimento humano e animal. Não há excedente de água na origem nem

escassez no destino que justifiquem a transposição.

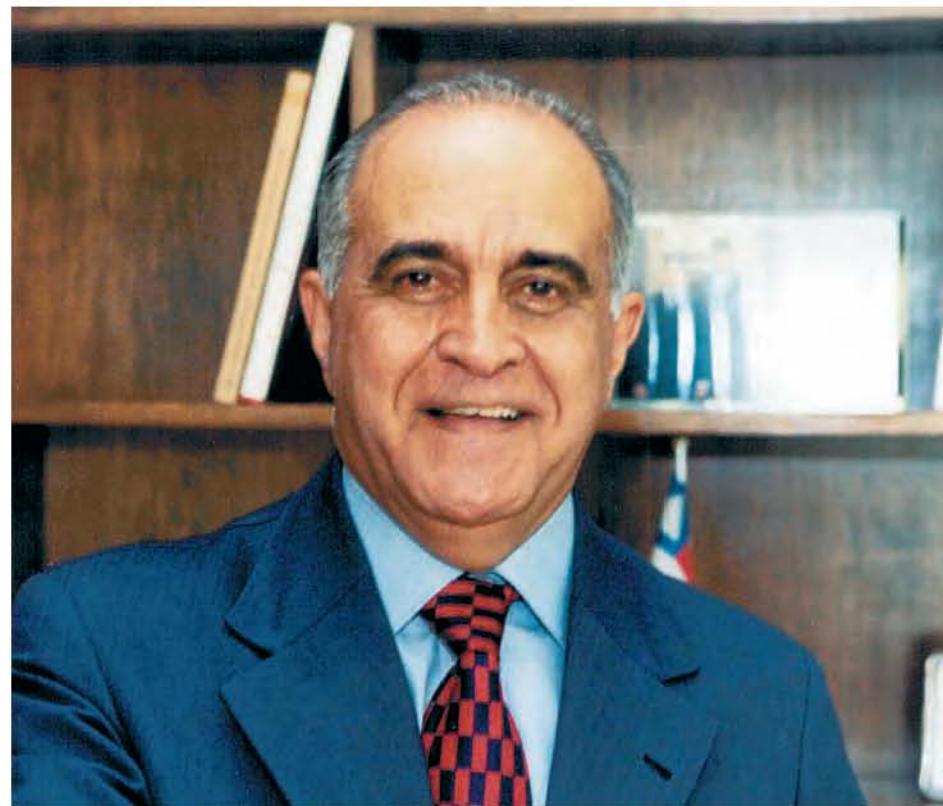
Economicamente, o argumento para a transposição seria a vantagem da exploração das águas na bacia receptora. Mas, para isso, o uso da água na bacia receptora tem de ser mais vantajoso do que na doadora. Também não há fatos que sustentem essa premissa. A água transposta será uma das mais caras do mundo. Custará, sem a distribuição, R\$ 0,11/m³.

Há de ser considerar, ainda, o aspecto da legitimidade. O melhor local para chegar a isso seria o Comitê da Bacia, que limitou o uso externo da água do São Francisco para o abastecimento humano e animal, somente em casos de comprovada escassez. O governo federal, numa atitude anômala, ignorou a decisão do comitê, atropelando um fórum conhecido como "parlamento das águas" e cuja criação se deu por força de lei.

A análise também pode ser realizada pelo prisma da irrigação. Atualmente, 340 mil hectares são irrigados e existem outros 30 milhões de hectares ainda inexplorados. Cerca de 8 milhões desses hectares estão situados a uma distância máxima de 60 Km da calha principal da bacia.

Aqui, há de se perguntar por que o governo federal deve investir na criação de projetos privados de irrigação, quando os seus próprios estão inconclusos, como os do Perimetral do Salitre e do Baixio do Irecê. O governo federal chegou a afirmar que essas duas obras eram prioritárias. No entanto o Orçamento da União não confirmou a retórica, visto que nem um centavo de real foi destinado a eles.

Atualmente, apenas 90m³/segundo estão sendo retirados do Rio São Francisco para todos os usos, apesar de 335m³/segundo



Paulo Ganem Souto

já se encontrarem outorgados. A resposta para esta disparidade é simples: não tem havido investimento capazes de utilizar essa água. E isso é verdade para os Estados da bacia e para os ditos receptores. Nos Estados receptores, principalmente os contemplados pelo chamado eixo Norte, não há déficit hídrico. O Ceará tem uma acumulação de água de 17 bilhões de m³. O Rio Grande do Norte, de 7 bilhões de m³, sem considerar o reservatório subterrâneo de Açu. A Paraíba possui 3 bilhões de m³, sem contar com as águas subterrâneas, apenas Pernambuco apresenta déficit hídrico, porém o projeto tal como está não suprirá a demanda dos sertanejos dispersos. Antes de pensar em rasgar o sertão com canais e gastar dinheiro público para bombeiar água a alturas que chegam a 300 metros em relação ao

nível do rio, por que não começar distribuindo essa água reservada?

Acredito, juntamente com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que o problema da seca nordestina ainda pode ser abordado por intermediário de microssoluções mais concretas para as regiões afetadas, tais como a construção de poços, cisternas, pequenos açudes e barragens subterrânea. Esses projetos, se desenvolvidos de forma sistemática, poderão trazer consequências muito positivas e de grande alcance social.

A verdade é que a promoção da grande obra de engenharia não encontra mais espaço nem dinheiro no Brasil de hoje. A equivocada decisão da transposição do São Francisco precisa e ainda pode ser revogada.

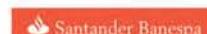
Troféu Raça Negra, uma homenagem à raça

20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra. Sala São Paulo - SP

Realização



Patrocínio



do negro brasileiro. Valeu, Zumbi!



Apoio

SESC SP

Hilton
São Paulo Morumbi

senac
o seu jeito

SÉCERTEIRA DE
ESTADO DA CULTURA
SÃO PAULO
governo do estado de São Paulo

raça

Negros
em foco

FUNDAÇÃO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

M
FUNDAÇÃO
MONSANTO

Aimativa
pessoal

futura
o canal do conhecimento

convenção[®]
Conselho de Desenvolvimento

Ministério
da Cultura



Uma visão sistêmica da educação

Por: Fernando Haddad, Ministro da Educação

Nas últimas décadas, desenvolveu-se visão fragmentada da educação como se níveis, etapas e modalidades da educação não fossem momentos de um processo, cada qual com objetivo particular, mas dentro de uma unidade geral. Criaram-se falsas oposições. A mais indesejável foi a oposição entre educação básica e superior. Diante da falta de recursos, caberia ao gestor público optar pela primeira. Sem que a União aumentasse o investimento na educação básica, o argumento serviu de pretexto para asfixiar o sistema federal de educação superior, cujo custeio foi reduzido em 50% em dez anos, e inabilitar a expansão da rede. O resultado para a educação básica: falta de professores

com licenciatura para exercer o magistério e alunos do ensino médio desmotivados pela insuficiência de oferta de ensino gratuito nas universidades públicas.

A segunda oposição não foi menos danosa e se estabeleceu no nível da educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e médio. A atenção exclusiva ao ensino fundamental resultou em certo descaso com as outras duas etapas e prejudicou o que se pretendia proteger. Sem que se tenha ampliado a já alta taxa de atendimento do ensino fundamental (93% em 1994), verificou-se uma queda no desempenho médio dos alunos dessa etapa. Sendo a educação infantil e o

ensino médio, respectivamente, o estio e o horizonte do ensino fundamental, sem eles este não avança. Esse aspecto remete à terceira oposição, agora entre ensino médio e educação profissional. Foi vedada por decreto a oferta de ensino médio articulado à educação profissional e proibida por lei a expansão do sistema federal de educação profissional. A educação profissional integrada ao ensino médio é a que apresenta melhores resultados pedagógicos ao promover o reforço mútuo dos conteúdos curriculares. Aquelas medidas desarticularam importantes experiências de integração. Num país em que apenas 35% dos jovens entre 15 e 17 anos se encontram

matriculados no ensino médio, foi um erro desprezar o apelo da educação profissional para mantê-los na escola. Por fim, uma quarta oposição. As ações de alfabetização da União nunca estiveram sob a alcada do MEC e jamais foram articuladas com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atacava-se o analfabetismo, não o analfabetismo funcional. Promoviam-se campanhas com ONGs, e não programas estruturados de educação continuada em parceria com os sistemas municipais e estaduais. Além disso, perdia-se de vista a elevada dívida educacional com grupos sociais historicamente fragilizados.

Nos últimos 20 meses, todo esforço empreendido pelo MEC, em parceria com Andifes, Consed, Undime, UNE, Ubes, movimentos sociais etc. foi no sentido de superar essas oposições, guiado agora por uma visão sistêmica. E suas ações foram reorientadas em torno de quatro reformas: educação superior, básica, profissional e continuada. A reforma da educação superior recuperou 80% das verbas de custeio das federais e restabeleceu sua capacidade de investimento (com a criação ou futura consolidação de 36 pólos universitários públicos). Com atraso de 16 anos, foram reguladas as isenções fiscais constitucionais concedidas às instituições privadas, permitindo a concessão de 112 mil bolsas de estudos no âmbito do Prouni e a ampliação do Fies. Pretende-se ainda garantir a autonomia das federais, num sistema dinâmico que premia o mérito institucional, e regular o setor privado que, sem marco legal estável, viveu expansão caótica. A reforma da educação básica passa pela aprovação do Fundeb, pela adoção do ensino fundamental de nove anos, pela formação inicial e continuada de professores, pela Escola de Gestores, pelo apoio aos conselhos e dirigentes municipais de educação e pela conexão entre o censo



Fernando Haddad

por aluno aliado à avaliação universal de desempenho (Projeto Presença). A reforma da educação profissional é mais que uma contra-reforma. Não bastaria apenas reverter as medidas tomadas. Era preciso dar consequência ao disposto na LDB. Levou-se educação profissional ao ambiente de trabalho (558 escolas de fábrica) e se ampliou o acesso de jovens e adultos à educação profissional. O Projovem orienta o sistema federal a oferecer educação profissional integrada ao ensino médio na modalidade EJA, e o Projovem orienta os sistemas municipais nessa mesma direção quanto às séries finais do ensino fundamental. A reforma da educação continuada completa a visão sistêmica. Com a criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, foi possível articular a integração do programa de alfabetização com a EJA das séries iniciais do ensino fundamental, permitindo ao alfabetizando alcançar o mínimo de quatro anos de escolaridade.

chocante falta de professores no ensino médio

Por: Antônio Ermírio de Moraes

Os números da China são sempre impressionantes. Com uma população de 1,3 bilhão de habitantes, o país cresce 9,5% ao ano. Tendo um PIB de US\$ 1,3 trilhão, a China exporta US\$ 325 bilhões. O país ocupa o sexto lugar entre os países de maior PIB e o terceiro lugar entre as nações de maior produção industrial. Mas a China não é apenas uma

máquina de produzir e exportar. O país está recuperando os estragos da Revolução Cultural dos anos 60, quando os exames de admissão foram suspensos, as bibliotecas foram queimadas e os professores foram obrigados a fazer trabalhos manuais. A China está deliberada a transformar a mente do seu povo. Uma grande ênfase é dada à educação.

E aqui também os números causam impacto. O país possui 556 mil escolas públicas para crianças e adolescentes. Ao lado disso, há dezenas de milhares de escolas privadas. Cerca de 11 milhões de professores ensinam 218 milhões de alunos ("China & India", "Business Week", 22/8/2005). Mas a grande revolução ocorre no ensino superior. O país possui cer-

ca de 1.300 universidades. São 20 milhões de universitários, contra 16 milhões nos Estados Unidos. É o mais ambicioso projeto de expansão do ensino superior. As universidades chinesas estão articuladas com as melhores universidades estrangeiras. A maioria dos seus 850 mil professores universitários foi educada em escolas de excelência dos Estados Unidos, da Europa e do Japão. A educação universitária se baseia em um tripé: teoria, prática e formação do caráter. Quase 100% dos formados começam a trabalhar imediatamente. Trata-se de uma revolução de grande profundidade. Há 20 anos, a universidade era um privilégio da elite ligada ao Partido Comunista. Hoje, há até universidades particulares para acelerar a matrícula e a formação dos jovens chineses de todas as classes sociais (Amélia Newcomb, "O grande salto da educação chinesa", "O Estado de S. Paulo", 7/8/2005). Ou seja, a China não representa apenas um forte competidor no mercado de bens e serviços. O país se prepara para ter hegemonia produtiva e cultural. Os chineses sabem que o capital mais precioso dos dias atuais é um povo bem educado e, por isso, enfrentam o problema cuidando da quantidade e da qualidade do ensino. Dentro de pouco tempo, o país poderá elevar ainda mais a sua já estratosférica taxa de crescimento econômico e contar com uma das populações mais bem educadas do mundo. O Brasil não pode ignorar esses avanços. Já somos parte de uma economia global. No entanto, entre nós, faltam 250 mil professores para o ensino médio, o que nos pa-



Antônio Ermírio de Moraes

rece insuportável. Nos testes internacionais, nossos alunos se classificam em 72º lugar em um grupo de pouco mais de cem países. O analfabetismo funcional chega a 60%. Não podemos continuar assim. É imperioso melhorar a qualidade do

ensino para poder contar, no futuro, com uma população bem preparada para enfrentar os desafios das novas tecnologias e métodos de produzir, sem falar nas exigências da cidadania. Sim, porque educação de má qualidade compromete a democracia.

A ções afirmativas inteligentes

Por: Paulo Renato Souza, Economista, ex-Ministro da Educação no Governo Fernando Henrique Cardoso

A definição e implantação de ações afirmativas para os carentes e as minorias excluídas do acesso aos níveis médio e superior da educação deve ser uma obrigação dos dirigentes do sistema educacional em qualquer nível. Entretanto, nem todas as iniciativas nesse sentido produzem os efeitos esperados de promover a maior integração social e racial em nosso país. Ao contrário, algumas delas podem ser ineficazes nessa busca de solução, como também criar novos problemas. A solução mais fácil é a criação de cotas para as minorias no

acesso à universidade. É a mais fácil, mais demagógica e menos eficaz, pois provoca queda na qualidade das instituições de ensino superior e introduz uma nova discriminação contra os “cotistas”.

Já tive oportunidade de discutir nesse mesmo espaço minha visão sobre as raízes históricas da discriminação contra os carentes em geral e os afrodescendentes em particular em nosso sistema de ensino. Também já disse que a solução virá naturalmente em médio prazo com a melhoria da qualidade na escola pública, uma vez

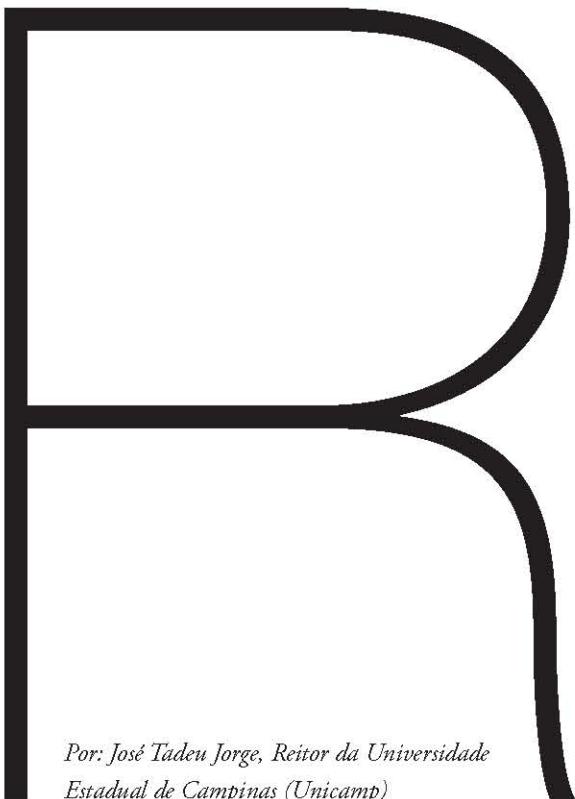
que hoje já garantimos a ela o acesso universal. O país, os pobres e os negros não podem esperar, contudo, todo esse tempo e ações afirmativas importantes devem ser adotadas desde já.

Algumas experiências recentes a meu modo de ver são exemplos de ações afirmativas inteligentes e muito eficazes. A nossa Universidade Estadual de Campinas deu um importante passo nesse sentido ao fixar em seu vestibular uma espécie de bônus na forma de pontuação extra para os alunos provenientes da escola pú-

blica. Constatou-se que para uma mesma nota de ingresso, o desempenho dos alunos das escolas públicas na universidade era melhor do que o das escolas privadas. Assim, essa ação afirmativa importante não prejudica a qualidade acadêmica e não introduz novas discriminações. Na mesma linha o Governador Geraldo Alckmin assinou decreto que concede um bônus de 10% na nota de ingresso para as Fatecs e Escolas Técnicas da Fundação Paula Souza para alunos afro-descendentes oriundos de escolas públicas. Por seu turno, a Universidade Federal de Santa Maria desenvolve um programa de exames aplicados aos alunos nas escolas públicas de ensino médio, identifica a tempo as deficiências e ajuda essas escolas a corrigir as falhas a tempo de preparar os alunos para o ingresso na universidade, reservando para eles 20% de suas vagas. Na mesma linha, mas mais focado nos carentes e minorias, quando no Ministério da Educação, criei o programa Diversidade na Universidade que consistia em transferir a fundo perdido para as Universidades públicas e entidades não governamentais que organizassem cursos pré-vestibulares gratuitos para negros, indígenas e pessoas carentes em geral. Os recursos eram provenientes de empréstimo obtido junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID – e pelo que me consta ainda não foram totalmente utilizados apesar do tempo já decorrido.



Paulo Renato Souza



reforma universitária e inclusão social

*Por: José Tadeu Jorge, Reitor da Universidade
Estadual de Campinas (Unicamp)*

Com a turbulência política dos últimos meses, caiu numa espécie de limbo, como tudo o mais, a discussão sobre o anteprojeto de reforma universitária em discussão já há alguns meses; mas, no lapso de tempo em que o novo texto foi debatido, salvo raras vozes discordantes, em geral concluiu-se que, mesmo não sendo ainda o melhor dos mundos, a segunda versão do documento representa um avanço em relação à primeira.

O texto, mais enxuto, desidratou-se de um quarto de gordura e livrou-se de ranços ideológicos como por exemplo o de tentar submeter as universidades a conselhos sociais com poder deliberativo que, sobrepondo-se às instâncias representativas já consolidadas, solapariam sua legitimidade; isto além do viés utilitarista de uma política extensionista demasiado enfática, em prejuízo do compromisso maior com os valores acadêmicos da pesquisa e da educação superior.

A nova versão do anteprojeto avança também ao definir a obrigatoriedade de um terço de vagas noturnas nas universidades públicas – um fator de inclusão dos mais eficazes –, seguindo o exemplo da Constituição paulista que já o faz há mais de 15 anos, e ao preservar as prerrogativas dos conselhos estaduais de educação como órgãos reguladores das universidades estaduais – como a USP, a Unicamp e a Unesp –, evitando um centralismo indesejado e perigoso. Contudo ainda persistem problemas, como por exemplo a tentativa de definir o conceito de autonomia universitária – ou seja, de restringi-lo – quando a Constituição brasileira já dá conta desse tópico, de forma irretocável, no seu artigo 207. Por outro lado, falta incluir enfaticamente a atividade de pesquisa, ao lado do ensino e das atividades de extensão, entre as exigências básicas para que uma instituição de ensino

superior seja efetivamente reconhecida como universidade. Parece demagógica a reintrodução, a essa altura, do tema da eleição direta para reitor e vice-reitor, em substituição ao sistema de consultas indicativas, no âmbito do sistema federal de ensino superior. E soa tímido o dispositivo (artigo 57) que fixa um mínimo de 5% da verba de custeio para a assistência estudantil (bolsas, subsídio à alimentação, moradia, programas de inclusão etc), quando a experiência de universidades como a Unicamp mostra que o patamar ideal de gastos para essa finalidade deve oscilar em torno de 13% dos recursos destinados ao custeio. O avanço mais notável, entretanto, é o abandono do imediatismo das chamadas cotas étnicas em troca de políticas de ação afirmativa que levem em conta a inclusão dos estudantes oriundos da escola pública, onde seguramente estão os negros, os indígenas e os pobres de

um modo geral. Diz o texto que isto se fará segundo cronogramas e metas fixados pelas universidades públicas, num prazo de dez anos, devendo-se alcançar nesse prazo "o atendimento pleno dos critérios de proporção de pelo menos 50%, em todos os turnos e em todos os cursos de graduação, de estudantes egressos integralmente do ensino médio público".

Sem deixar de lado a fragilidade do argumento que manda fixar um percentual de inclusão em vez de fazê-la por meio de ações concretas para melhorar o ensino médio e o ensino fundamental, há uma certa justiça no propósito de se estimular os alunos da escola pública a postular uma vaga em universidades mantidas pelo poder público. Também nesse sentido o texto deveria ser aprimorado. É possível encontrar formas de inclusão social sem depreciação da qualidade do ensino e do mérito acadêmico. A Unicamp começou a fazê-lo a partir de 2005 mediante um programa de ação afirmativa que não reproduz o sistema de reserva de vagas nem deixa de levar em conta a qualificação do estudante.

O programa da Unicamp, cujo princípio o governo paulista acaba de aplicar em seu sistema de faculdades tecnológicas – as Fatec's –, consiste em atribuir um bônus de 30 pontos – numa média de 540 – ao vestibulando que cursou todo o ensino médio em escola pública, e um bônus extra de 10 pontos aos candidatos autodeclarados negros ou indígenas que igualmente vieram da escola pública. Esse bônus, longe de fazer tábula rasa do mérito acadêmico e sem estabelecer reserva de vaga, funciona como um critério de desempate – a favor do aluno da escola pública – num quadro de desempenhos freqüentemente equivalentes mas cujas condições originárias são desiguais. O sistema foi elaborado a partir de um estudo de desempenho acadêmico que demonstrou



José Tadeu Jorge

que, dos alunos provenientes de escolas públicas e de escolas particulares aprovados em condições iguais no vestibular da Unicamp, os primeiros tiveram uma média de desempenho superior durante o curso de graduação.

Os resultados ficaram acima do esperado já no primeiro ano de funcionamento do programa. O percentual de inscritos da escola pública evoluiu de 31,4% para 34,1% (um aumento de 8,6%), enquanto a taxa de aprovados foi ainda mais expressiva: subiu de 28% para 34,1%. Os negros e indígenas representam 15,7% dos matriculados da Unicamp em 2005, comparados com 11,6% em 2004. No curso mais concorrido, o de Medicina, o

número de matriculados egressos da escola pública mais que triplicou.

Encontrar formas apropriadas de realizar a inclusão social começa pela compreensão histórica das diferenças, mas pode ser também uma questão de método e de congruência. Neste sentido, já que o Ministério da Educação teve a coragem de trocar o conceito de reserva de vagas por programas de ação afirmativa, o anteprojeto da reforma ganharia mais peso e consistência se o governo retirasse seu projeto de cotas étnicas do Congresso, onde continua tramitando e provocando inevitáveis e previsíveis desdobramentos nas assembleias legislativas estaduais, inclusive a de São Paulo.

Ações afirmativas na Universidade

Rio de Janeiro do Estado do

Profª. Drª. Márcia Souto Maior Mourão Sá^{1[*]}

Prof. Dr. Nival Nunes de Almeida^{**}

A UERJ, prestes a completar 55 anos, tem assumido, desde a sua criação, como projeto institucional, também a formação do aluno-trabalhador. Nessa perspectiva, desenvolveu ao longo dos anos diversas ações norteadas por políticas de inclusão social, priorizando, por exemplo, a abertura de cursos noturnos e a interiorização por meio da criação de outros campi no território fluminense, como os do

município de Resende, na região sul do estado, a 160 km da capital e o do município de Nova Friburgo, na região serrana, a 136 km da capital, com cursos na área tecnológica voltados para as especificidades de cada região. E ainda mais duas escolas de formação de professores, em municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro: Duque de Caxias e São Gonçalo.

Consolidado o seu projeto acadêmico de universidade, com diversos cursos de excelência reconhecidos nacionalmente, a UERJ é pioneira na realização do primeiro vestibular brasileiro com reserva de vagas, resultante das políticas afirmativas estabelecidas por lei estadual.^{1[1]} Assim, para o ingresso de estudantes para o ano de 2003, foram realizados dois processos seletivos distin-

^{1[*]} Diretora do Departamento de Projetos Especiais e Inovações da Sub-reitoria de Graduação e Professora da Faculdade de Educação da UERJ, campus Maracanã.

^{**} Reitor da UERJ e Professor da Faculdade de Engenharia da UERJ, campus Maracanã.

tos: o Vestibular Estadual, sem reserva de vagas, e o SADE – Sistema de Acompanhamento de Desempenho dos Estudantes do Ensino Médio, específico para alunos da rede pública com reserva de vagas para afrodescendentes.

A partir dessa experiência, constatou-se a necessidade de um redimensionamento do quantitativo de cotas, pois algumas discrepâncias precisavam ser corrigidas, como por exemplo, em determinado curso, aproximadamente 70% das vagas acabaram sendo preenchidas por alunos cotistas. Foram realizados, então, estudos pela Comissão Permanente de Graduação da UERJ, que sugeriu mudanças na legislação e cujas propostas originaram a Lei 4.151, de 04 de setembro de 2003, regulamentando as políticas afirmativas para as universidades estaduais. O vestibular de 2004, de acordo com esta lei, reservou 20% de suas vagas para afrodescendentes; 20% para estudantes oriundos de rede pública e 5% para portadores de necessidades especiais ou oriundos de povos indígenas, perfazendo uma média de duas mil vagas/ano – todos submetidos ao critério de carência, fixado pela Universidade no teto de R\$ 300,00 de renda familiar líquida per capita, ou seja, um valor próximo ao salário mínimo nacional.



Profa. Dra. Márcia Souto Maior Mourão Sá e Prof. Dr. Nival Nunes de Almeida

Ciente da importância de ações afirmativas, a UERJ empenha-se em viabilizar essa iniciativa, não apenas no que tange ao ingresso, mas também em todas as ações capazes de favorecer a permanência de seus estudantes. Após consulta à comunidade universitária, a Sub-reitoria de Graduação propôs e o Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da Uerj

aprovou, em 23 de maio de 2004, o programa de permanência: Proiniciar. Nele estão contempladas disciplinas instrumentais (matemática, português, inglês e informática), oficinas acadêmicas, atividades artísticas e culturais, dentre outras, e a concessão de uma bolsa de iniciação acadêmica com 12 (doze) meses de duração.

[1] As Leis que implantaram as primeiras iniciativas no estabelecimento de políticas afirmativas no Estado foram: a Lei 3.524, de 28 de dezembro de 2000, que instituiu como cota de 50% das vagas destinadas para estudantes oriundos da rede pública; a Lei 3.708, de 09 de novembro de 2001, que instituiu como cota até 40% das vagas destinadas para populações negra e parda; e a Lei 4.061, de 02 de janeiro 2003, que dispõe acerca da reserva de vagas de 10% para alunos portadores de deficiência.

Unipalmares

M recebe Moçambique

Por: Cristina Jorge, Diretora da Unipalmares

Do dia 13 ao dia 20 de outubro, a Unipalmares recebeu o sr. Pires Sengo, do Centro de Promoção de Investimentos – CPI de Moçambique. Nesse período, foram realizadas reuniões de trabalho com engenheiros, arquitetos e com a Direção da Unipalmares para a elaboração de um Projeto de Parceria que visa a elaboração de Plano Diretor de Desenvolvimento Rural Integrado para Moçambique/África.

Este Plano de Desenvolvimento terá como linhas mestras integrar programas voltados para educação, saúde, habitação, vias de acesso e infra-estrutura. Os programas, eixos do plano diretor de desenvolvimento, deverão constituir-se no embrião de um projeto maior contemplando as demais regiões do país e sempre respeitando suas vocações econômicas, sociais e culturais.

A discussão em torno do programa diretor foi para estabelecer as diretrizes para o desenvolvimento da região a partir de intervenções integradas, e permitir que as obras de infra-estrutura, de habitação, de vias de acesso e de saúde sejam executadas concomitantemente às ações



Prof. Cristina Jorge

educacionais, focadas na alfabetização e consolidação da aprendizagem, da prática cidadã, da capacitação para o trabalho, do desenvolvimento de habilidades empreendedoras e da qualificação tecnológico-científica.

Os trabalhos evoluíram na definição de repasses de tecnologia multidisciplinar, adequada às demandas atuais para o desenvolvimento regional integrado, ou seja, promoção de desenvolvimento econômico como promotor do desenvolvimento humano, da sustentabilidade,

de ambiental, da preservação dos valores histórico-culturais e das instituições locais e nacionais. Ao participar, representando a Unipalmares, por este grupo composto por importantes escritórios de engenharia de São Paulo, não foi possível desconsiderar o valor simbólico desta parceria Brasil/África. Há cinco séculos, os africanos foram escravizados e transportados para o Brasil, nas piores condições que se possa imaginar. Aqui, suas vidas, famílias e cultura foram roubadas, restando-lhes apenas o trabalho escravo e a imensa capacidade de resistência, o que permitiu a preservação de valores culturais e humanos. Hoje, a Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, primeira instituição de ensino focada na afrobrasilidade, é chamada para participar de importante projeto para o desenvolvimento de Moçambique. Esta volta à África dos descendentes de Zumbi dos Palmares representa para a Unipalmares e para os brasileiros um novo patamar de políticas afirmativas. Repassar a metodologia educacional, criada e praticada pela instituição, colocando-a a serviço da aproximação dos afrobrasileiros de suas origens étnicas, é uma vitória que deve ser comemorada.

Inaugurada Rádio Zumba

A Unipalmares tem mais uma novidade para os seus alunos: a Rádio Zumba.

Quem está à frente do projeto é a produtora Isabel Bento, responsável pela produção.

A programação é feita por alunos da própria universidade e vai ao ar em dois horários: das 18h30 às 19h15 e das 20h45 às 21h.

Todos os alunos podem e devem participar da Rádio Zumba, cujo objetivo é ser um instrumento de comunicação e aproximação entre todos. São os próprios alunos, com supervisão do departamento de Comunicação da Universidade, que fazem as pautas, entrevistas etc.



José Vicente, Reitor e Cristina Jorge, Diretora da Unipalmares



José Vicente, Reitor da Unipalmares e primeira equipe da Rádio Zumba

Por enquanto, a programação é a seguinte:

Segunda: Centro Acadêmico

Terça: Cristiane Damasceno e Vânia Cristina

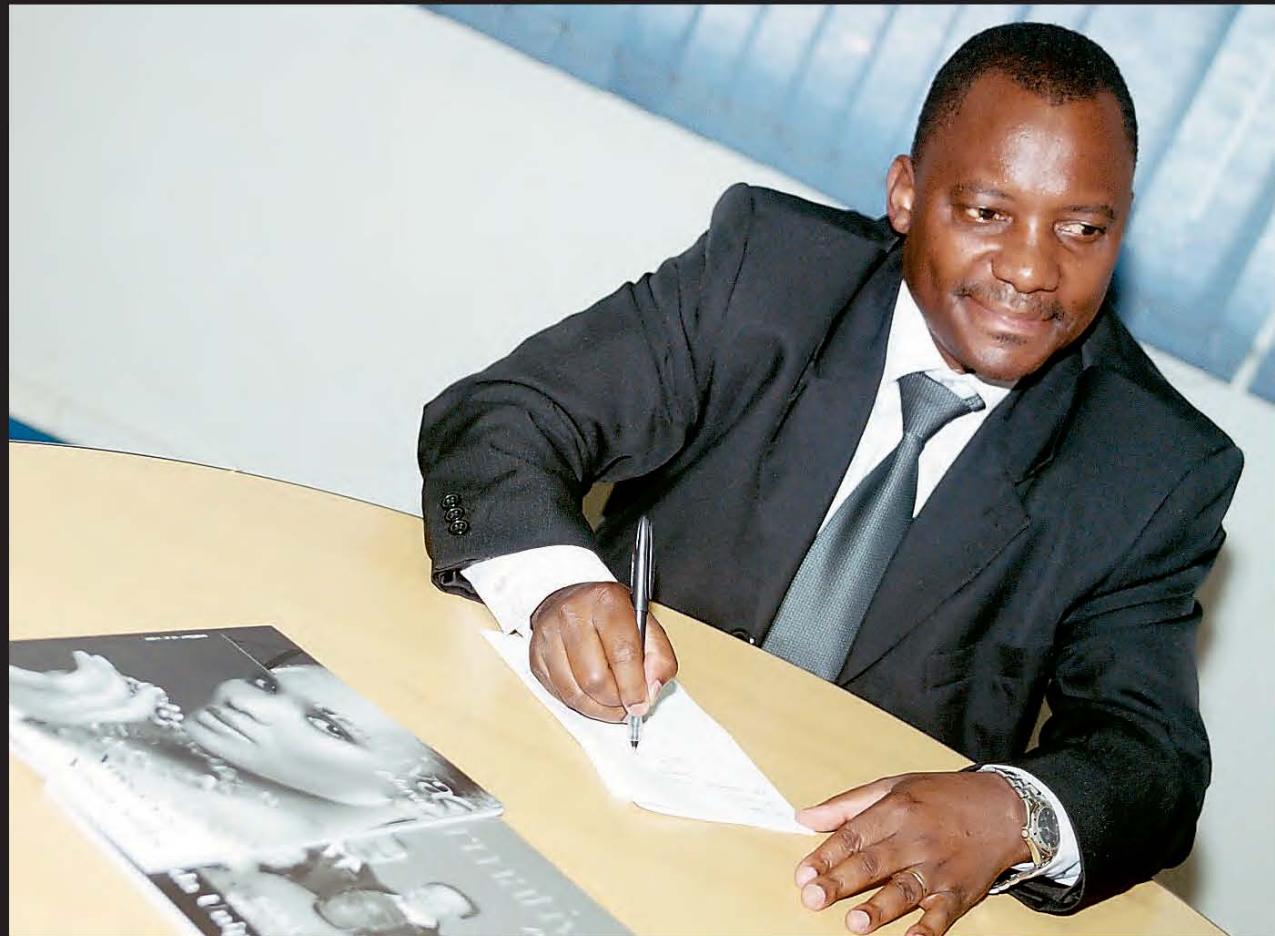
Quarta: Afrobras

Quinta: Marcos Santos e Luiz Henrique Ferreira

Sexta: Marcos Santos e Luiz Henrique Ferreira

Sugestões para a programação podem ser enviadas pelo e-mail:

radiozumba@gmail.com



Pires Sengo

Modelo Unipalmares segue para o exterior

O Presidente do Conselho de Administração da ECSI (Estudos, Consultoria, Sondagens e Imagem) de Moçambique, Pires D. M. Sengo, esteve em outubro em visita a Zumbi dos Palmares com o objetivo de levar o modelo da Unipalmares para seu país, dentro do projeto Transferência Tecnológica desenvolvido pela sua pasta.

“Escolhemos a Unipalmares na área de educação, por que acreditamos que ela capacita os alunos como nenhuma outra faculdade no Brasil tem feito, ela prepara os estu-

dantes para enfrentar o mundo lá fora”, disse Sengo ao conhecer as dependências e os trabalhos desenvolvidos na universidade.

Os professores e empresários Paschoal Emygdio Moranna, Diretor-executivo da Maran Assessoria Técnica S/C e Carlos N. Brandão Teixeira, Diretor da AEQN Arquitetura e artes visuais, são os assessores no Brasil que auxiliam Moçambique a localizar e analisar os projetos.

Centro de Estética oferece cursos



Atendimento para alunos e comunidade



Professora Selma Rodrigues e cliente

O Centro de Estética da Unipalmares já está atendendo alunos e a comunidade local oferecendo todos os serviços relacionados a cabelo e estética. A responsável pelo projeto é a professora Selma Rodrigues, especialista em cabelos afro e no mercado há mais de 30 anos.

O objetivo do Centro de Estética é também formar profissionais na área de estética e beleza e para isso realiza diversos cursos, tanto para iniciantes quanto para profissionais. Especializado na arte da beleza, tem como objetivo orientar, especializar e formar profissionais em técnicas avançadas dirigida aos afro-descendentes.

Zumbi realiza parceria com Prefeitura em rua de lazer

A Prefeitura de São Paulo, em parceria com a Unipalmares e comerciantes da região, realiza, na região da Luz, local do Campus da Zumbi, a primeira rua de lazer do centro, em frente à Estação da Luz. A Unipalmares participará com

atividades culturais e esportivas. Entre elas estão: capoeira, aulas de samba-rock, oficinas de arte e centro de estética. O evento acontece todo primeiro domingo de cada mês.

Alunos bolsistas dão retorno à sociedade

Desenvolvido pelos bolsistas da Afrobras, um projeto educacional visa aumentar o número de alunos negros nas universidades transformando-os em agentes de inclusão



Bolsistas atendem comunidade

Um dos primeiros trabalhos desenvolvidos pela Afrobras - Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio-Cultural foi o projeto de caráter educacional: Programa Mais Negros nas Universidades, cujo objetivo era propiciar o acesso da população negra às universidades brasileiras, com total ou parcial subsídio da iniciativa pública, privada ou mediante parcerias. Esta iniciativa surtiu efeitos positivos e

a ONG firmou parcerias importantes com a Universidade Metodista, Unip, Unisa, Faculdade Oswaldo Cruz, Universidade Senac, CNEC Capivari e Alumni que acreditaram na proposta e ofereceram bolsas de estudos para alunos afro-descendentes. Atualmente, 240 alunos bolsistas fazem parte desse programa com apoio das instituições.

A Afrobras realiza toda a gestão dos alunos bolsistas e, em contrapartida, propõe o estudo, incluindo a prática de ações voluntárias junto à comunidade paulista por esse grupo. Como resultado, o Programa Mais Negros nas Universidades vem desenvolvendo alguns trabalhos sociais desde 2003 e, em agosto de 2005, deu origem a um novo projeto, o Retorno Palmares, com uma agenda de ações.

Desenvolvido pelos bolsistas da Afrobras, o Projeto Retorno Palmares integra, na sua essência, o Programa Mais Negros nas Universidades, que tem por finalidade operacionalizar os acordos feitos entre as partes – Afrobras, Instituto Afro-brasileiro de Ensino Superior, Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares e alunos bolsistas do próprio programa. O grupo de bolsistas está dividido em nove núcleos,

sendo: direito, administração, moda, turismo, informática, saúde, línguas (inglês), comunicação e gestão ambiental. Cada núcleo desenvolve ações referentes à sua área de atuação. Aos próprios agentes da inclusão (bolsistas) e a comunidade carente realizam ações afirmativas de inserção do negro na universidade, atividades extracurriculares e complementares como aulas de administração, de finanças pessoais, direitos e deveres, prática da responsabilidade social e da cidadania, o que visa melhor aperfeiçoamento individual.

Dessa forma, o projeto Retorno Palmares tem por objetivo aumentar o número de negros nas universidades, e realiza um trabalho de agentes multiplicadores ideológicos, que informam e orientam os jovens de que o estudo e a formação acadêmica são importantes e necessários. Prevê proporcionar momentos de prazer e de bem-estar à comunidade carente, promove o intercâmbio entre as diversas áreas dos agentes que compõem o programa. Inicialmente, o público-alvo é a comunidade afro-descendente da Grande São Paulo, mas também deverá abranger comunidades carentes do Estado e até os alunos candidatos ao pré-vestibular.

As atividades elaboradas em conjunto contam com o apoio do Departamento de Bolsa, além de outros universitários, e os jovens negros interessados em ingressar na universidade. Estas atividades se enquadram em cam-



Bolsistas em reunião mensal

panhas e eventos sociais, palestras aos públicos externo e interno da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares. Assim, os bolsistas começam a ser verdadeiros agentes da inclusão. Exemplo disso, no mês de outubro os participantes do programa estiveram na Associação Vila Clara, em São Paulo, e realizaram uma ação de comemoração do Dia das Crianças com a comunidade carente da região. Foi um dia inteiro de atividades sociais e também voltadas ao entretenimento, com oficinas de arte, atendimento médico, distribuição de lanches e brinquedos, e ginchanas para 700 crianças. Em setembro, realizaram atividades externas, quando foram arrecadados 400 livros para a biblioteca infanto-juvenil Pererê-Pererê, da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares.



Bolsistas fazem festa no Dia da Criança



Bolsistas fazem festa no Dia da Criança



troféu

Raça Negra explode

e será o maior
evento negro
de todos os tempos

*Mais de 100 artistas e personalidades do Brasil
e exterior darão brilho à festa*

Valorizando a cultura e história do negro brasileiro, a Afrobras – Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio-Cultural, transforma São Paulo na capital da Consciência Negra. Shows, homenagens e eventos fazem de 20 de Novembro, o dia da entrega do “Oscar” da comunidade negra.

No próximo dia 20 de novembro a Afrobras – Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio-Cultural realiza a 3ª edição do Troféu Raça Negra, premiando cidadãos que, de alguma maneira, contribuem com o processo de inclusão social do negro na sociedade.

Ficando atrás apenas da Nigéria, o Brasil é o segundo maior país negro no mundo e mesmo assim viveu durante anos na ilusão de ser uma democracia racial. Graças a esforços inúmeros da população afro-descendente e de outras pessoas que prezam pela igualdade entre os seres, a população negra começa a se ver refletida nas artes, na política, nos esportes, na saúde e em diversas outras áreas de atuação.

De acordo com o presidente da Afrobras, José Vicente, “o objetivo do prêmio é reconhecer, exaltar, enaltecer e divulgar o valor das iniciativas, ações, gestos, posturas, atitudes, trajetórias e realizações que tenham contribuído

para aprofundamento e ampliação da valorização da raça negra, como forma de promover visibilidade social, consolidar paradigmas, promover e incentivar multiplicadores”.

Esperando cumprir justamente com esse objetivo, diversas personalidades foram escolhidas para receber a devida homenagem por sua contribuição, entre eles: Comunicação: Otávio Frias, (Folha de S.Paulo, Ruy Mesquita (O Estado de S.Paulo), Domingo Alzugaray (Editora Três) e Mauro Salles (presidente do Conselho da Salles/DMB&B Publicidade); Justiça: Nelson Jobim (presidente do STF-Supremo Tribunal Federal), Edison Vidigal (presidente do STJ-superior Tribunal de Justiça), Renan

Calheiros (presidente do Senado Federal); Luiz Elias Tambara (presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo); Educação: Gabriel Chalita – secretário da Educação do Estado de São Paulo), José Tadeu Jorge (reitor da Unicamp) e João Carlos Di Gênio (reitor da Unip).

Lançada na última edição do Troféu, a categoria “Homenagem Póstuma” permanece no ceremonial e dessa vez os escolhidos foram os sambistas Cartola e Clementina de Jesus. Nilcemar Nogueira, neta de Cartola, e Ubirajara Correa da Silva, o Bira de Jesus, já confirmaram suas presenças para receber os prêmios em nomes de seus familiares. Na última edição do evento, a entrega de homenagens



Clementina de Jesus e João Bosco

póstumas foi um momento de grande comoção para platéia e homenageados.

O voto popular define mais uma vez as categorias relacionadas às artes e aos esportes. As pessoas puderam votar através dos sites do troféu e de cupom encontrado na revista Raça. Um dos diferenciais do evento este ano são as apresentações musicais. Comprodução Musical assinada pelo cantor e compositor Simoninha, o show intitulado “Sandra de Sá e Luiz Melodia Convidam” apresenta uma noite de muito swing com pérolas da nossa música.

Símbolo da aceitação e admiração do evento pela sociedade, o troféu esse ano conta com outro diferencial em relação às outras edições, as parcerias firmadas na realização de eventos que complementam e culminam na entrega do troféu.



Sala São Paulo



Cartola e Dona Zica



E vai rolar a festa

A Afrobras e o Sesc—Serviço Social do Comércio assinam juntos, um calendário com eventos relativos à Semana da Consciência Negra. O tradicional almoço dos artistas e personalidades que antecede a entrega do Troféu, acontecerá este ano nas dependências do Sesc Pompéia.

“O gerente regional do Sesc, Danilo Santos de Miranda foi sensível a ponto de entender o real significado da data. As instituições, juntas, conseguiram transformar São Paulo na capital da Consciência Negra e a partir do dia 16 deste mês, estarão acontecendo diversos eventos paralelos”, informa Ruth Lopes.

Foram desenvolvidas diversas ações, entre elas o Seminário Internacional Diversidade Racial Corporativa e



Sesc Pompéia

Ações Afirmativas, realização conjunta da Afrobras, Sesc, Consulado Geral dos Estados Unidos e Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, com apoio da Comissão Fulbright”.

Outra atividade é o projeto “Negro Som”, de 16 a 20 de novembro em várias unidades do Sesc. “Entre os artistas que farão os shows, a diretoria do Sesc chamou vários indicados pela Afrobras, o que nos deixou felizes”, diz Ruth.

Os shows terão importantes nomes do gênero musical, como o grupo Fundo de Quintal e Quinteto em Branco e Preto, Simoninha e Clube do Balanço, Léo Maia, Funk U, Berimbrown, Sinhô Preto Velho e Dj Uirá, Antonio Nóbrega e Lia de Itamaracá, entre

outros, e também uma atração internacional, a cantora Sul-africana Aura Msimang.



Wilson Simoninha



Sesc Pompéia

Seminário Internacional Diversidade Racial Corporativa e Ações Afirmativas

Com o objetivo de discutir junto com os administradores, profissionais de recursos humanos, serviço social, relações públicas, propaganda e marketing e outras áreas de interesses afins, vinculados com a gestão da diversidade e/ou inclusão dos afro-descendentes, as iniciativas que estão sendo realizadas, implantadas e desenvolvidas pelos setores público e privado, acontece no Sesc Paulista, o Seminário Internacional sobre Diversidade Racial Corporativa e ações Afirmativas. O seminário visa debater e expor idéias e experiências, mostrando toda a relevância da inclusão dos afro-des-

cendentes e desenvolvimento da gestão da diversidade através de "cases", relatos, debates, exposições e pesquisas, assim como, propagar para o maior número possível de pessoas as informações inerentes à gestão da diversidade, uniformizar a linguagem e o conhecimento sobre inclusão e gestão dos diversos, através da troca de experiência e construção de novas perspectivas, tendências e paradigmas que envolvem o tema.

A realização deste Seminário possibilitará um momento único e oportunidade de contato e troca de informações e experiências entre os conferencistas e o público, de maneira bilateral.

SEMANA DA
CONSCIÊNCIA
NEGRA

SEMINÁRIO INTERNACIONAL
DIVERSIDADE RACIAL CORPORATIVA
E AÇÕES AFIRMATIVAS





Rosa Parks

Valeu, Rosa Parks!

*Considerada a mãe dos direitos civis norte-americanos,
morre em Detroit, a ativista Rosa Parks*

Após 92 anos, a vida da americana Rosa Parks chega ao fim, mas felizmente algumas de suas atitudes foram tão marcantes que simbolizaram um marco na história não apenas da população afro-americana, mas também uma inspiração na luta dos povos africanos espalhados pelo mundo.

Mesmo depois de sua morte, Rosa continuou quebrando regras. Ela foi a primeira mulher a ser velada debaixo da cúpula do Capitólio, edifício onde funciona o Congresso. Mais de 30 mil pessoas visitaram o caixão no local que já serviu para homenagear, entre outros, os presidentes Abraham Lincoln e John Kennedy.

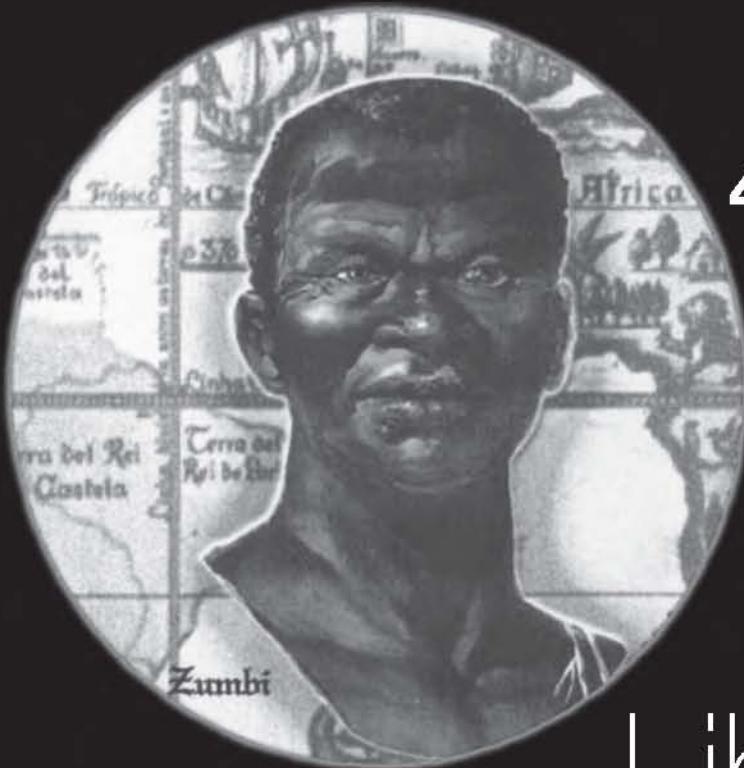
A história de Rosa tornou-se conhecida quando em 1955, em Montgomery no

Alabama, ela se recusou a ceder seu lugar em um ônibus para um homem branco. Após ser presa por desrespeitar as leis da segregação, Rosa foi o pivô de uma manifestação que acabou se tornando um fato histórico. A população de Montgomery, não conformada com a prisão da costureira, saiu em defesa da liberdade de Rosa e dos direitos de seu povo. Liderados pelo jovem e ainda desconhecido pastor Martin Luther King Jr., os moradores deram início a um boicote às empresas de ônibus, passando a ir a pé ao trabalho. A mobilização da população, que já estava inconformada com a maneira como era tratada, foi tanta que o boicote que era para durar apenas um dia se estendeu por 381 dias.

Em entrevistas dadas posteriormente sobre sua recusa em se levantar, Rosa afirmou que naquele dia estava muito cansada, tanto fisicamente, após um longo dia de trabalho, quanto emocionalmente, após anos de repressão e segregação. Símbolo da resistência contra a opressão, a ativista recebeu em 1999 a maior homenagem que o governo dos Estados Unidos outorga a civis, a Medalha de Ouro do Congresso. O estado do Alabama inaugurou em 2000 o Museu Rosa Parks, onde é possível ver os ônibus com assentos reservados e filmes sobre a história da segregação racial nos Estados Unidos.

Rosa Parks

* 1913 – † 2005



Zumbi dos Palmates, eterno símbolo de Liberdade

Dia 20 de novembro foi transformado em Dia Nacional da Consciência Negra pelo Movimento Negro Unificado (em 1978). A data foi escolhida em homenagem à morte de Zumbi, líder máximo do Quilombo de Palmares e símbolo da resistência negra, assassinado em 1695.

O Quilombo dos Palmares foi fundado no ano de 1597, por cerca de 40 escravos foragidos de um engenho situado em terras pernambucanas. Sua história é marcada pela luta de um guerreiro, que dedicou sua vida inteira pelo direito de igualdade e liberdade de seu povo.

Um recém-nascido, descendente dos guerreiros imbangalas ou jagas de Angola, foi levado pelos invasores e

entregue como presente a Antônio Melo, um padre da vila de Recife, que o batizou com o nome de Francisco. Foi criado e educado pelo religioso, que lhe ensinou a ler e escrever, dar noções de latim e estudar a Bíblia. Aos 12 anos, o menino era coroinha. Entretanto, a população local não aprovava a atitude do pároco, que criava a criança como filho, e não como servo.

Apesar do carinho que sentia pelo seu pai adotivo, Francisco não se conformava em ser tratado de forma diferente por causa de sua cor. E sofria muito vendo seus irmãos de raça sendo humilhados e mortos nos engenhos e praças públicas. Por isso, quando completou 15 anos, o fran-

zino Francisco fugiu e foi em busca do seu lugar de origem, o Quilombo dos Palmares.

Bastante determinado e corajoso, o garoto não se abateu com a distância de mais de 100 quilômetros que tinha que percorrer para finalmente chegar à Serra da Barriga, no sertão nordestino, uma poderosa região formada por milhares de escravos. Lá, foi recebido por uma família e ganhou um novo nome. Agora, Francisco era Zumbi. O território muito bem organizado era formado por um Conselho de Chefes que cuidava das leis, sob o comando de Ganga Zumba, tio de Zumbi, que assumia a função de rei.

Aos 17 anos, Zumbi tornou-se gene-

ral de armas do quilombo, uma espécie de ministro de guerra nos dias de hoje.

Em pouco tempo de reinado fez com que o quilombo se tornasse uma verdadeira cidade. Abrigava não apenas os escravos, mas também índios e brancos foragidos. Na virada do século XVII, o número de escravos e libertos, reunidos em Palmares, somava cerca de três mil quilombolas.

Eles viviam de acordo com sua cultura, desenvolvendo uma agricultura avançada para os padrões locais e da época, plantando cana-de-açúcar, milho, feijão, mandioca, batata e legumes; fabricando artefatos de palha, manteiga e vinho; criando galinhas e porcos; e desenvolvendo uma organizada atividade metalúrgica, necessária à sua subsistência e à sua defesa. Na época colonial, o Brasil chegou a ter centenas dessas comunidades espalhadas, principalmente, pelos atuais estados da Bahia, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Alagoas.

Em 1630, o estado de Pernambuco foi invadido pelos holandeses que obrigaram os senhores de engenho a abandonar suas terras, fato que beneficiou a fuga de um grande número de escravos que se abrigaram no Quilombo dos Palmares, em Alagoas. Isso propiciou o fortalecimento do Quilombo, que no ano de 1670 já abrigava cerca de 50 mil escravos. Para garantir a alimentação de todos, os quilombolas costumavam pegar alimentos das plantações e dos en-

genhos situados nas regiões vizinhas, o que acabava incomodando, não apenas os habitantes, mas também os holandeses, que resolveram iniciar um grande combate aos escravos, e depois pelo governo de Pernambuco,

“Ei, Zumbi! seu povo não esqueceu a luta que você deixou para prosseguir.

Ei, Zumbi! os novos Quilombos, com seus quilombolas, lutam pra resistir.

Ei, Zumbi, Zumbi Ganga, meu rei. Você não morreu, você está em mim ♪♪

através dos serviços do bandeirante Domingos Jorge velho.

A luta contra os negros de Palmares durou aproximadamente cinco anos. Apesar de todo o empenho e determinação, os negros chefiados por Zumbi foram derrotados. Com o extermínio do Quilombo dos Palmares pela expedição comandada pelo

bandeirante Domingos Jorge Velho, em 1694, Zumbi fugiu junto a outros sobreviventes do massacre para a Serra de Dois Irmãos, então terra de Pernambuco.

Contudo, em 20 de novembro de 1695, Zumbi foi traído por um de seus principais comandantes, Antônio Soares, que trocou sua liberdade pela revelação do esconderijo. Zumbi foi capturado e torturado. Jorge Velho matou o rei Zumbi e o decapitou, levando sua cabeça até a praça do Carmo, na cidade de Recife, onde ficou exposta por anos seguidos até sua completa decomposição.

“Deus da Guerra”, “Fantasma Imortal” ou “Morto Vivo”. Seja qual for a tradução correta do nome Zumbi, o seu significado para a história do Brasil e para o movimento negro é praticamente unânime: Zumbi dos Palmares é o maior ícone da resistência negra ao escravismo e de sua luta por liberdade. Os anos foram passando, mas o sonho de Zumbi permanece e sua história é contada com orgulho pelos habitantes da região onde o negro-rei pregou a liberdade.

O Mito e o Guerreiro Zumbi transcedem a sua pessoa e no correr dos séculos ecoam como um símbolo de resistência à subjugação do homem pelo homem. Que sua imagem mantenha acesa a chama da esperança de um dia podermos todos caminhar de mãos dadas, sem problemas raciais, pelo alcance da união fraterna entre os povos.

Nós podemos!

Por: José Vicente, Presidente da Afrobras e Reitor da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares

“Em 1960, em Sharpeville, África do Sul, dezenas de negros africanos foram barbaramente assassinados pela polícia do regime do Apartheid porque se rebelaram contra a injustiça, pelo direito à vida, à liberdade e a igualdade de direitos em seu próprio país, construído com o sangue e o suor de seus antepassados e pilhado pelo colonialismo inglês.

Da segregação dos guetos aos fuzilamentos oficiais, dos seqüestros e mercâncias dos corpos, às chibatas, enforcamento e fogueiras em praça pública ao longo da história, essa trágica epopeia, negação dos mais comezinhas

princípios de valores humanos, sempre representou um fardo pesado demais para ser carregado e importante demais para permanecer ignorado.

Vale lembrar que nenhum ente político é legítimo a supressão dos direitos indisponíveis do ser humano, menos ainda, fundamentado na intolerância e desrespeito às diferenças raciais.

No Brasil, a despeito do discurso oficial em contrário que justifica a distância e a invisibilidade social na tese da discriminação social, a prática do racismo contra os negros, que sempre constituiu uma teia complexa, de difícil análise e compreensão, ganhou nos últimos tempos um aliado incontestável e surpreendentemente revelador: os dados de pesquisas

isentas e bem conduzidas. Somados à porção mais perceptível aos sentidos, com predominância para o visual, esses esforços de estudiosos e técnicos abnegados e a pressão dos organismos internos e externos, confluíram para colocar por inteiro e confirmar à exaustão, o que sempre se soube informalmente: No Brasil, o Segundo maior contingente de negros ou afrodescendentes do planeta, a discriminação pelo racismo atinge níveis estratosféricos.

Segundo o IBGE, os negros representam 45% dos brasileiros. O IPEA noticia que nos últimos 12 anos a distância social do negro em relação aos brancos aumentou. O DIEESE comunica que para trabalho igual, o negro recebe até 50% menos que

os trabalhadores brancos e o Ministério da Educação aponta que dos quase 800 mil universitários nas Instituições Públicas, os negros respondem por tão somente 2,2% do contingente.

Acresça-se a esses, alguns dados factuais, tais como a invisibilidade do negro nos primeiros, segundo e terceiro escalões dos Ministérios, Estatais, Secretarias Estaduais e Municipais, no Congresso, Suprema Corte, Tribunais Superiores, Magistratura e Ministério Público Federal e Estadual, Exército, Magistério, nas hostes religiosas, nas diversas mídias etc. Embora no governo federal este quadro esteja mudando já com três ministros negros, na Cidade de São Paulo, a locomotiva do País, nada é diferente.

Como se pode ver à sociedade, os números são latentes. Oitenta milhões de pessoas encontram-se fora dos equipamentos e instrumentos sociais, fato demonstrativo de que nossa geração também falhou na resolução dessa chaga estrutural da sociedade brasileira. Do racismo cordial à integração racial; do Milagre Brasileiro ao Neoliberalismo, prevalece a certeza de sempre, de que o mais intrincado e decisivo dilema da nação continua intocável: o negro brasileiro continua onde sempre esteve, no porão, separado e desigual.



José Vicente

Dessa realidade decorre a constatação da ilicitude de repassarmos intacta para nossas futuras gerações essa verdadeira bomba de nêutrons. Se a vocação do Brasil é de conviver em lugar de destaque no concerto das nações, esse objetivo em sua plenitude importa, antes de tudo, na obrigação moral e ética da integração, no gozo e usufruto dos bens, riquezas e oportunidades nacionais de todos filhos da pátria, pois, não se conhece na história de todos os tempos, o alcance da paz e felicidade geral numa nação cindida.

O dilema da nação não poderá ser superior à vontade sincera, a coragem honesta e ao desejo legítimo da

grande maioria da sociedade brasileira de, empunhada nas lutas de combate ao racismo e discriminação racial, preparar para o futuro, uma nação pacificada, de glória, orgulho e felicidade para todos os brasileiros.

Um outro país é possível, pois hoje, relativizando com os atuais e importantes acontecimentos e com os primeiros resultados objetivos de pequenas e grandes contribuições, é possível compreender que existe uma possibilidade real de começar essa grande jornada.

Os registros dessa edição da Afirmativa dão a exata medida da fórmula norteadora dessa possibilidade: o primeiro passo. E ele, na sua natureza, confirma o que sempre foi o móvel das nossas convicções: a possibilidade de uma nação alicerçada no valor inalienável da igualdade legal e real de oportunidades, respeito à identidade cultural e reconhecimento do valor das contribuições de todas as representações raciais, sem qualquer distinção.

Não tenhamos dúvida. Nós podemos construir o Brasil que todos os brasileiros precisam e os brasileiros negros necessitam. Um Brasil em que o limite de todas as coisas seja a dimensão do indivíduo. Sem discriminação.

Repto, em alto e bom som.
NÓS PODEMOS!

SEMANA DA CONSCIÊNCIA **NEGRA**

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DIVERSIDADE RACIAL CORPORATIVA E AÇÕES AFIRMATIVAS



17 e 18 de Novembro de 2005, no Sesc Paulista

Realização:



SESC SP





Black is Power



HOMENAGEM DA CAMISARIA COLOMBO
AO MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA

A COLOMBO FOI A PRIMEIRA EMPRESA BRASILEIRA A ASSINAR O ACORDO DE COTAS
PARA AFRODESCENDENTES COM O SINDICATO DOS EMPREGADOS DO COMÉRCIO DE SP.



LINO FERREIRA

VENDEDOR RESPONSÁVEL DO SUZANO SHOPPING

VOCÊ SEMPRE NA
COR DA MODA.



PROCESSO SELETIVO 2006

UNIPALMARES

Viva a diversidade e seja um profissional de sucesso.
Na Zumbi dos Palmares você pode!

INSCRIÇÕES ABERTAS:

Rua Washington Luís, 236
tel. 3313-8701 / 3228-7663
www.unipalmares.org.br



Só R\$ 260,00 Mensais*



Administração